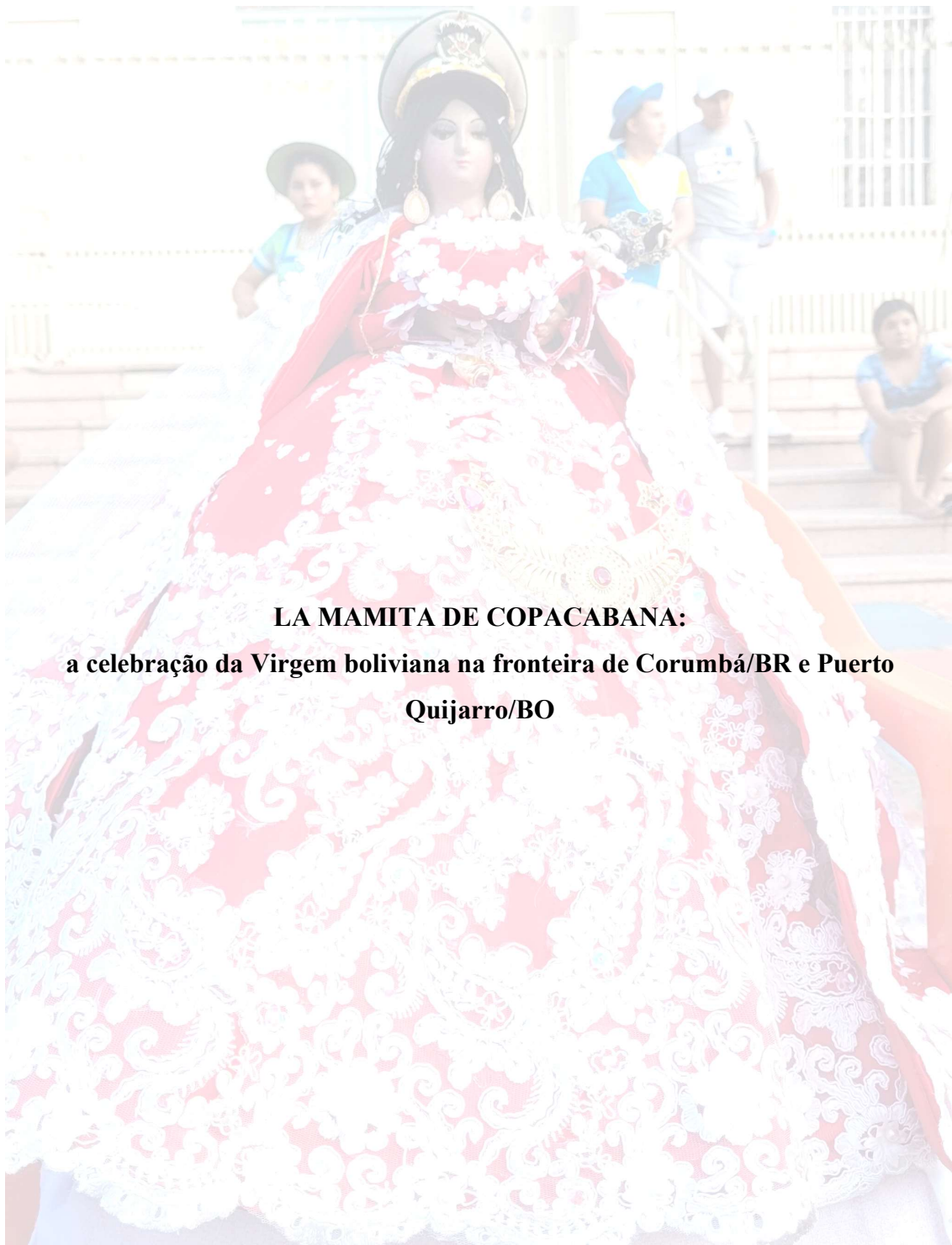


UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
GESLIANE SARA VIEIRA CHAVES



LA MAMITA DE COPACABANA:
a celebração da Virgem boliviana na fronteira de Corumbá/BR e Puerto
Quijarro/BO

Dourados-MS
2023

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS**

Gesliane Sara Vieira Chaves

**LA MAMITA DE COPACABANA:
a celebração da Virgem boliviana na fronteira de Corumbá/BR e Puerto
Quijarro/BO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação
– Doutorado em Geografia, da Faculdade de
Ciências Humanas, da Universidade Federal da
Grande Dourados, como requisito parcial para a
obtenção do título de Doutora em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Leandro Mondardo

Dourados-MS
2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

C512l Chaves, Gesliane Sara Vieira
LA MAMITA DE COPACABANA: a celebração da Virgem boliviana na fronteira de
Corumbá/BR e Puerto Quijarro/BO [recurso eletrônico] / Gesliane Sara Vieira Chaves. -- 2023.
Arquivo em formato pdf.

Orientador: Marcos Leandro Mondardo.
Tese (Doutorado em Geografia)-Universidade Federal da Grande Dourados, 2023.
Disponível no Repositório Institucional da UFGD em:
<https://portal.ufgd.edu.br/setor/biblioteca/repositorio>

1. Virgem de Copacabana. 2. Fronteira. 3. Bolivianos. 4. Aproximações. 5. Afastamentos. I.
Mondardo, Marcos Leandro. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

©Direitos reservados. Permitido a reprodução parcial desde que citada a fonte.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS**

Gesliane Sara Vieira Chaves

**LA MAMITA DE COPACABANA:
a celebração da Virgem boliviana na fronteira de Corumbá/BR e Puerto
Quijarro/BO**

Banca examinadora

Marcos Leandro Mondardo (Presidente)

Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)

Jones Dari Goetttert (membro do PPGG/UFGD)

Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)

Álvaro Banducci Junior

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS)

Edgar Aparecido da Costa

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS- Campus Pantanal)

Denise Cristina Bomtempo

Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Resumo

A história da Virgem de Copacabana narra à devoção de um descendente inca, catequisado pela igreja católica espanhola, Francisco Tito Yupanqui. Os relatos narram que ele queria que a imagem de Nossa Senhora estivesse no altar da Capela de Copacabana. A primeira escultura teria ficado feia, mas Yupanqui estudou as técnicas de arte sacra e escultura e reproduziu uma imagem de Nossa Senhora da Candelária, que acabou sendo adotada pela sua cidade, com seu próprio nome: Copacabana. A Virgem de Copacabana é considerada a padroeira da Bolívia e faz parte de uma das manifestações culturais que os migrantes bolivianos realizam em Corumbá. Essa celebração faz parte de um extenso calendário religioso, representando importantes manifestações culturais dos dois lados da fronteira. Propôs-se para essa tese a análise e descrição da celebração à Virgem de Copacabana e a relevância da devoção nas relações de aproximações e afastamentos entre bolivianos e brasileiros na fronteira Corumbá e Puerto Quijarro. Essa festividade que acontece há vinte e três anos evidencia as estratégias de resistência dos migrantes bolivianos que vivem na fronteira. A pesquisa de abordagem etnográfica, buscou observar, sentir, descrever e analisar a celebração religiosa. Para isso utilizou de ferramentas diversas, como: trabalho de campo, diário de bordo, imagens, entrevistas presenciais/virtuais e diálogos informais. O estudo indicou que, as relações entre bolivianos e brasileiros são ambíguas e contraditórias. Através de diversos aspectos, sejam eles sociais, econômicos, culturais, religiosos e turísticos essas relações têm se mostrado amistosas e/ou preconceituosas. Embora o migrante boliviano seja importante para o comércio local ou na prestação de serviços, ainda persiste discursos pejorativos com relação a este grupo, demonstrando as particularidades do modo de como as sociedades fronteiriças desses dois países se relacionam.

Palavras-chave: Virgem de Copacabana, fronteira, bolivianos, aproximações e afastamentos.

Abstract

The story of the Virgin of Copacabana narrates the devotion of an Inca descendant, catechized by the Spanish Catholic Church, Francisco Tito Yupanqui. Reports narrate that he wanted the image of Our Lady to be on the altar of the Copacabana Chapel. The first sculpture would have been ugly, but Yupanqui studied the techniques of sacred art and sculpture and reproduced an image of Nossa Senhora da Candelária, which ended up being adopted by his city, with its own name: Copacabana. The Virgin of Copacabana is considered the patron saint of Bolivia and is part of one of the cultural manifestations that Bolivian migrants carry out in Corumbá. This celebration is part of an extensive religious calendar, representing important cultural manifestations on both sides of the border. It was proposed for this thesis the analysis and description of the celebration of the Virgin of Copacabana and the relevance of devotion in the relations between Bolivians and Brazilians on the border between Corumbá and Puerto Quijarro. This festivity, which has been taking place for twenty-three years, highlights the resistance strategies of Bolivian migrants who live on the border. The ethnographic approach research sought to observe, feel, describe and analyze the religious celebration. For this, it used different tools, such as: fieldwork, logbook, images, face-to-face/virtual interviews and informal dialogues. The study indicated that relations between Bolivians and Brazilians are ambiguous and contradictory. Through various aspects, be they social, economic, cultural, religious and touristic, these relations have been shown to be friendly and/or prejudiced. Although the Bolivian migrant is important for local trade or the provision of services, pejorative discourses regarding this group still persist, demonstrating the particularities of the way in which the border societies of these two countries relate to each other.

Keywords: Virgen de Copacabana, border, Bolivians, approximations and departures.

Agradecimentos



Sumário

Invitación	10
Metodologia da pesquisa	12
PASANTE 1_ENTRE TERRITÓRIOS RELIGIOSOS FRONTEIRIÇOS: CORUMBÁ E PUERTO QUIJARRO	19
1.1 Imigração boliviana em Corumbá/MS	24
1.2 As tradições bolivianas em Corumbá	29
PASANTE 2_AS DIVERSAS FACES DE UMA VIRGEM.....	44
2.1 Virgem de Copacabana.....	51
2.2 As outras Virgens	54
2.2.1 Virgem de Urkupiña	55
2.2.2 Virgem de Cotoca.....	57
2.2.3 Virgem de Caacupê	59
2.2.4 Nossa Senhora do Carmo	62
2.2.5 Nossa Senhora da Candelária	67
PASANTE 3_“ESSA SANTA É BRABA”: A TERRITORIALIZAÇÃO DA VIRGEM DE COPACABANA EM CORUMBÁ	71
3.1 Como surge a celebração à Virgem de Copacabana em Corumbá-MS.....	73
3.2 A festa da Virgem de Copacabana em Corumbá.....	79
3.3 <i>Bloque</i> 6 de agosto.....	86
3.4 A celebração	91
5. A celebração de 2020 e a pandemia da COVID-19.....	95
PASANTE 4	100
APROXIMAÇÕES E AFASTAMENTOS ENTRE BOLIVIANOS E BRASILEIROS NA FRONTEIRA CORUMBÁ E PUERTO QUIJARRO	100
4.1 Aproximações e/ou afastamentos?!	113
4.1.1 Os afastamentos.....	114
4.1.2 As aproximações	123
Considerações Finais	127
Referências Bibliográficas.....	129
<i>Sites</i> citados	134

Sumário

Figura 1: Localização da fronteira Corumbá/BR e Puerto Quijarro/BO	20
Figura 2: Saltenhada do Arthur	37
Figura 3: Abertura das festividades às virgens bolivianas	41
Figura 4: Devotos das Virgens bolivianas.....	42
Figura 5: Virgens bolivianas.....	47
Figura 6: Gruta da extinta feirinha Brasbol	49
Figura 7: Nossa Senhora da Conceição, Virgem de Cotoca, Nossa Senhora Aparecida e Virgem de Caacupê	50
Figura 1: Nossa Senhora de Copacabana esculpida por Francisco Tito Yupanqui.....	52
Figura 9: Imagens da Virgem de Cotoca da novena na casa do devoto Arthur	58
Figura 10: Virgem de Caacupê e Padre João Oliveira.....	61
Figura 11: Imagem de Nossa Senhora do Carmo no Forte Coimbra.....	64
Figura 12:Nossa Senhora da Candelária.....	68
Figura 13: Catedral Nossa Senhora da Candelária em Corumbá.....	69
Figura 2: Virgem de Copacabana com suas joias.....	76
Figura 3: <i>Pasante</i> colocando o broche na Virgem.....	77
Figura 16: Padrinhos levando caixas de cerveja para a festa da Virgem de Copacabana em Puerto Quijarro	81
Figura 17: Fotografia do convite impresso da festa de 2018.....	82
Figura 18: Fotografia do convite impresso da festa de 2018.....	83
Figura 19: Fotografia do convite impresso da festa de 2018, grupos que tocaram	84
Figura 20: Fotografia do convite impresso da festa de 2018, Banda <i>Los Fabulosos de la Frontera</i>	84
Figura 4: Dançarinas do <i>Bloque</i> 6 de agosto na Rua Luiz Feitosa em Corumbá.....	88
Figura 22: Dançarinos do <i>Bloque</i> 6 de Agosto.....	89
Figura 23: Pasantes de 2019 e párocos	92
Figura 5:Pessoas jogando a mistura nos <i>pasantes</i> após à missa.....	94
Figura 25: Trajeto do desfile em Corumbá-BR do percurso de 2019 e 2022.....	95
Figura 26: Convite da missa online em homenagem à Virgem de Copacabana	96
Figura 27: <i>Print</i> da missa exibida no dia 6 de agosto de 2020, na página do <i>Facebook</i> da Pastoral da Mobilidade Humana de Corumbá.....	97
Figura 28: Travessia da fronteira, Posto Fiscal da Receita	101
Figura 29: Fachada do Banco Union em Puerto Quijarro	102
Figura 30: Mosaico de figuras da devoção à Virgem de Copacabana.....	103
Figura 31: Devotos jogando a <i>mixtura</i> sobre a Virgem de Copacabana	104
Figura 32: Trajeto do desfile em Puerto Quijarro-BO do percurso de 2019 e 2022	105
Figura 6: Trajeto dos festeiros na fronteira Corumbá/Puerto Quijarro.....	108
Figura 7: Prato servido na festa de 2019 e 2022.....	109
Figura 8: Palco montado para a banda “Sombras”	110
Figura 9: Convidados dançando ao som da música ao vivo.....	111
Figura 10: Mosaico de figuras dos agradecimentos/pedidos à Virgem.....	112

Invitación

*Oh! Santísima Virgen Milagrosa
Madre Misericordiosa, te suplico amantísima
Madre de mi alma me ayudeis con vuestra
gracia, para corresponder a los divinos
auxilios que para morir me da la Santa
Iglesia cuando me acuerdo que soy polvo
y en me polvo me he de convertir.
Madre santísima, os suplico
Me concedéis el amparo celestial
y si es para mayor honra de Dios
y bien de mi alma
Bendice me hogar Vigencita.
Amen.
(Oração da Virgem de Copacabana)*

Desde a graduação (2012) vimos trabalhando com religiosidade, mais especificamente com a Umbanda na cidade de Dourados-MS. Na monografia, primeiro trabalho acadêmico, apresentamos sete centros de Umbanda de Dourados. Na dissertação, segunda pesquisa, efetuamos etnografia de um microterritório (um terreiro). A “descrição densa” desse terreiro foi realizada a partir da análise dos espaços internos e externos, dos objetos, dos ritos, das ações dos médiuns, dos dirigentes e de sua interação material e social com o todo.

Em 2018, durante o mestrado, participamos do grupo de produção do dossiê de reconhecimento histórico do Banho de São João em Corumbá/Ladário-BR. Esse período possibilitou-nos conhecer manifestações culturais e riquezas devocionais da fronteira Corumbá/Ladário e Puerto Quijarro/Puerto Suárez-BO.

Momento também em que um colega do grupo, Alyson Matheus de Souza, pesquisava sobre a festa e a devoção da Virgem de Urkupiña praticada por comerciantes de Puerto Quijarro, o que nos encantou profundamente. Tal fato nos levou a pensar na possibilidade de tentarmos o processo seletivo para o doutorado e na de mudarmos o tema da pesquisa, ou seja, em vez da Umbanda, o Catolicismo.

Assim, ao pesquisarmos sobre as virgens bolivianas festejadas em Corumbá, deparamo-nos com a mais popular, a Virgem de Urkupiña, em crescimento à Virgem de Cotoca e à unicidade da Virgem de Copacabana.

Durante o levantamento bibliográfico sobre as referidas virgens, percebemos número significativo de trabalhos sobre a Virgem de Urkupiña nas publicações do Mestrado de Estudos Fronteiriços, da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul,

Campus de Corumbá, e apenas algumas menções às outras duas virgens (Virgem de Copacabana e Virgem de Cotoca). Nesse momento a Virgem de Copacabana, padroeira da Bolívia, cujos festejos são iniciados no centro de Corumbá e finalizados em Puerto Quijarro, me chamou atenção.

Isso se dava pelo sincretismo (prática comum à Umbanda) existente em relação a Nossa Senhora da Candelária e a Virgem de Copacabana: a imagem que dá origem à Virgem de Copacabana é a de Nossa Senhora da Candelária. Esta passa a receber nova denominação, a partir da identidade territorial adquirida com a localização geográfica, a cidade de Copacabana¹, na Bolívia.

Pensando de forma subjetiva, identificamos nossa devoção a Nossa Senhora da Candelária com o orixá, sincretizado pela Umbanda como Oxum, um dos meus orixás de frente, ou seja, mãe de cabeça, como denominamos na Umbanda.

Desse modo, além da relação religiosa, outro fato também nos despertou a curiosidade: ao analisarmos a origem da Virgem, verificamos relação entre o país, Bolívia, e a cidade brasileira, Rio de Janeiro. A imagem da Virgem, no século XVI, foi levada por comerciantes peruanos para a cidade do Rio de Janeiro; lá foi construída uma capela em sua homenagem, no local onde hoje é a praia de Copacabana, por isso o nome da praia. Esse fato chamou-nos a atenção: uma Virgem boliviana é levada para o Rio de Janeiro e dá nome a um dos principais cartões postais do mundo.

Logo, percebemos que nosso projeto de pesquisa para o doutorado envolveria dois encantamentos que o período passado em Corumbá nos proporcionou – a religiosidade e a fronteira. Sendo assim, a Virgem de Copacabana e a fronteira de Corumbá e Puerto Quijarro foram escolhidas para que nos debruçássemos na elaboração do projeto.

O objetivo da pesquisa é compreender como os territórios religiosos da celebração à Virgem de Copacabana contribuem para as relações socioculturais, compostas de aproximações e afastamentos entre brasileiros e bolivianos, na fronteira entre Corumbá-BR e Puerto Quijarro-BO.

Assim, como identificar os territórios religiosos e de resistências dos migrantes bolivianos: descrevendo os ritos de devoção e celebração e demonstrando o envolvimento e a participação de brasileiros e bolivianos na celebração à Virgem de

¹ Departamento La Paz, Província Manco Kapac, fronteira com o Peru.

Copacabana, assim como suas percepções acerca dessa celebração e de seu caráter transfronteiriço.

Metodologia da pesquisa

Tu não usas uma metodologia. Tu és a metodologia que usas.
(TAVARES E HISSA, 2011, p. 126)

Concordamos com a frase do escritor português Gonçalo Tavares e do geógrafo Cássio Hissa “Tu não usas uma metodologia. Tu és a metodologia que usas”, pois a escolha da metodologia de uma pesquisa define o como o pesquisador observa, percebe, sente, analisa e descreve sua análise. Assim, sobre essa relação entre ciência e vida, o geógrafo Hissa afirma:

Se a ciência se propõe a compreender a vida, é preciso que se alimente do que é feita a vida: experimentação (e não experiência); invenção (e não reprodução); conflito (e não ordem). Assim, me parece que a vida é feita de representação, da instabilidade e diálogos e conflitos (HISSA, 2011, p.47).

Conforme Cássio Hissa, “se a ciência se propõe a compreender a vida, é preciso que se alimente do que é feita a vida”, e, quando se trata de pesquisas nas ciências humanas e sociais, compreender, perceber, ver e, se possível, participar das subjetividades dos sujeitos ou do grupo observado-vivido é algo de extrema relevância para uma “descrição densa” que apresente e respeite as diferenças do “outro”. Para Geertz,

[...] praticar a etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante. Mas não são essas coisas, as técnicas e os processos determinados, que definem o empreendimento. O que o define é o tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma “descrição densa”, tomando emprestada uma noção de Gilbert Ryle (GEERTZ, 2008, p. 4).

Nesse sentido, o trabalho de campo e a abordagem etnográfica permitem ao pesquisador maior proximidade com os sujeitos da pesquisa, revelando subjetividades, estratégias, representações, emoções, devoções, gostos e sabores.

Pontuamos que as entrevistas e/ou conversas informais (presenciais ou via WhatsApp) foram instrumentos bases para a elaboração desse trabalho, por meio das falas dos sujeitos. Falas que constituíram a elaboração e a descrição da geografia dessa celebração.

Vai-se ao campo para observar e construir possibilidades de descrição do mundo visível. É o caso da geografia: vai-se ao campo, tradicionalmente, de modo a permitir a descrição – a escrita da terra: *essa terra da geografia* – desse objeto compreendido por *tudo o que é visível* (HISSA, 2013 p. 132) (grifos do autor).

Ir a campo para descrever tudo que é visível pressupõe observar, analisar, entender, acompanhar e, por fim, descrever subjetividades/territorialidades. Para tanto é preciso meticulosidade e atenção por parte do pesquisador, a fim de que os pequenos detalhes não passem despercebidos nem sejam esquecidos; ferramentas importantes para isso são tomar nota das visitas a campo, fotografar e gravar vídeos, com intuito de que todos os detalhes sejam lembradas no momento da escrita.

Uma celebração que mostra a magnitude da festa à Virgem de Copacabana, realizada na fronteira Corumbá/Puerto Quijarro, exige do pesquisador atenção a particularidades e mais de uma participação/observação para que se possa tomar nota, descrever e analisar semelhanças e diferenças. Sobre isso, a geógrafa Maria Geralda de Almeida considera que:

[...] a etnogeografia busca penetrar na intimidade de grupos culturais, o vivido pelos homens, concretizado em crenças, valores e visão de mundo. Esta cultura vivida é, ademais, o objeto de estudo da etnogeografia (ALMEIDA, 2008, p. 332).

Esse “penetrar na intimidade”, no primeiro momento, depende organicamente do estabelecer os primeiros contatos, do estabelecer relações e criar redes. Em se tratando de uma pesquisa que envolve línguas, nacionalidades, costumes, crenças e hábitos diferentes, adentrar essa intimidade demanda criar laços, conhecer pessoas, lugares, comidas, músicas, vestimentas, entre outros.

Em Corumbá os primeiros contatos foram dois amigos que têm pesquisado e trabalhado com cultura. Eles apresentaram sujeitos outros que foram essenciais para a construção da rede de contatos com devotos da Virgem de Copacabana.

Esses primeiros contatos possibilitaram-nos entender a dinâmica da celebração, por exemplo, onde ela acontece, quem são os principais responsáveis, a duração do desfile e festa, quem são os (as) patrocinadores (as).

O antropólogo Yves Winkin, em *Descer ao campo*, narra o que é etnografia e suas três competências – “arte de ver, arte de ser, arte de escrever”:

[...] uma arte e uma disciplina científica, que consiste em primeiro lugar em saber ver. É em seguida uma disciplina que exige saber estar com, com outros e consigo mesmo, quando você se encontra perante outras pessoas. Enfim, é uma arte que exige que se saiba retraduzir para um público terceiro (terceiro em relação àquele que você estudou) e, portanto, que se saiba escrever (1998, p. 132).

O “descer a campo” só aconteceu após o contacto, por mensagens via *WhatsApp*, com alguns dos sujeitos indicados anteriormente. Eles possibilitaram nossa apresentação a Arthur Castelo, ex-vereador, representante cultural, filho de bolivianos e devoto da Virgem de Cotoca²; importante mediador dessa aproximação com os devotos da Virgem de Copacabana.

“Ver, ser e escrever” demandam paciência, observação, estabelecimento de relações e, principalmente, construção de uma relação de troca, de confiança e respeito entre pesquisador e sujeitos da pesquisa. Essa possibilidade de troca aconteceu após alguns diálogos com Arthur e após assistirmos, em sua companhia, a cerimônia de comemoração da independência da Bolívia, realizada pela prefeitura de Corumbá, na Praça da República.

Nessa cerimônia, Arthur nos apresentou a bolivianos que residem em Corumbá e participam das festividades religiosas e culturais bolivianas, entre eles estão dona Ana e seu filho Leandro. Após esse primeiro contato com os *pasantes* (Ana e Leandro), acompanhamos as organizações da celebração à Virgem de Copacabana em 2019, no período matutino.

Num primeiro momento Leandro, envolvido com burocracias para a realização da celebração e com conferências dos últimos detalhes, não pode nos dar atenção, mas nos permitiu acompanhá-lo e ajudá-lo a cumprir com as últimas burocracias, na Agência Municipal de Trânsito e Transporte (Agetrat), para solicitação de apoio dos agentes durante o desfile folclórico na rua.

² A Virgem de Cotoca será apresentada no *Pasante 2*.

Os próximos contatos, durante o dia da celebração e nos meses e anos seguintes, possibilitaram maior aproximação e amizade. Dona Ana e Leandro são os principais nomes, quando se trata da devoção e celebração à Virgem de Copacabana, e os principais citados durante o decorrer do trabalho.

Os trabalhos de campo ocorreram durante os quatro anos da pesquisa. Foram classificados em trabalhos de campo mais longo e mais curto (em 2020). Em virtude da pandemia da COVID-19, o acompanhamento das celebrações à Virgem de Copacabana, que seria feito por quatro anos, foi substituído por duas observações, apenas, em 2019 e em 2022.

Quanto aos entrevistados, optamos por utilizar nomes fictícios para preservar suas identidades, quer fossem eles bolivianos, brasileiros, devotos, dançarinos, sacerdotes, pesquisadores e/ou simpatizantes da festividade.

As narrativas dos (as) entrevistados (as) foram transcritas pela pesquisadora respeitando-se as particularidades de cada um. Assim, as entrevistas/conversas informais ocorreram de forma presencial e à distância. Elas foram captadas durante o trabalho de campo, nas observações da celebração à Virgem de Copacabana. A pesquisadora, durante o desfile folclórico, pode conhecer devotos, ex *pasantes*, dançarinos, espectadores, entre outros.

Os diálogos informais com esses sujeitos foram registrados em diário de campo, lembrados ao longo da escrita e captados em mídias sociais. Todo esse material agregou informações para a construção da pesquisa.

Em vista da distância e da pandemia da COVID, optamos por entrevistas virtuais (*WhatsApp* e *Google Meet*) com aqueles (as) que possuíam facilidade de acesso aos meios digitais. A metodologia não foi utilizada com todos os entrevistados, considerando que a maioria dos ex-*pasantes*³, por exemplo, são pessoas de mais idade (50 a 75 anos), com pouca familiaridade com os meios digitais, ou interesse. Além disso, alguns não possuíam celulares, outros não tinham celulares com acesso à *internet* e a redes sociais.

Lembramos, contudo, que o *WhatsApp*, o *Google Meet* e o *Facebook* possibilitaram conversas, entrevistas, informações e imagens que são apresentadas ao longo do trabalho. Os jornais locais foram importantes fontes sobre a celebração, os *pasantes*, as datas comemorativas das Virgens, o fechamento da fronteira, a relevância

³ *Pasantes* são os devotos que realizam a festa, geralmente um ou dois devotos (as) por ano se dispõem a realizar a festividade.

dos bolivianos para o comércio, a economia local e, principalmente, para a descrição do momento pandêmico na fronteira Corumbá e Puerto Quijarro.

Sobre trabalho de campo, destacamos o afirmado pelo geógrafo Álvaro Luiz Heidrich:

O sociocultural é captado mediante o envolvimento do pesquisador com o contexto da pesquisa. É preciso lidar com oralidade e posteriormente destrinchar os significados e sentidos. É para isso que se recorre aos levantamentos e pesquisas qualitativas, que permitem manejar informações textuais (HEIDRICH, 2016, p. 22).

Nesse sentido, para a apresentação/análise dos “significados e sentidos” e das “aproximações e afastamentos” entre brasileiros e bolivianos na fronteira Corumbá-MS e Puerto Quijarro-BO, proporcionados pela celebração e devoção à Virgem de Copacabana, organizamos a tese em quatro capítulos.

O desenvolvimento dos capítulos tem como base a ordem seguida na celebração à Virgem de Copacabana. Apresenta-se, inicialmente, a missa; na sequência, o desfile folclórico nas ruas de Corumbá e em Puerto Quijarro; e, finalmente, a festa no Clube 4 de Novembro.

A introdução, assim como os capítulos do trabalho, são inspirados, chamados, respectivamente, de *Invitacion* e *Pasantes*. A *Invitacion* é motivada nos convites⁴ da celebração à Virgem. Os *Pasantes* são as pessoas que realizam a celebração, ou seja, fazem a festa acontecer em cada ano que *pasan* a festa. Desse modo, optamos por denominar os capítulos com o cargo-ritual como uma homenagem aos devotos da Virgem de Copacabana e como metodologia de pesquisa.

O primeiro *Pasante*, intitulado “Entre territórios fronteiriços: Corumbá e Porto Quijarro”, apresenta este “sistema urbano transfronteiriço” (BENEDETTI, 2011), que é a interação entre Corumbá e Puerto Quijarro.

Para a análise da fronteira de Corumbá e Puerto Quijarro, selecionamos autoras e autores que formulam conceitos e realizam pesquisas sobre fronteiras; além de pesquisadores (as) dessa fronteira, egressos, principalmente, do Mestrado em Estudos Fronteiriços, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, *Campus* Corumbá.

Os autores e autoras que mediarão a pesquisa em relação ao conceito de fronteira foram Albuquerque (2010), Anzaldúa (1999), Banducci Junior (2011), Benedetti (2006 e 2011), Nogueira (2007), Sayad (1998) e Silva (2008).

⁴ Apresentados no *Pasante* 3.

Sobre a fronteira, especificamente, de Corumbá/Puerto Quijarro foram os seguintes: Costa (2015), Costa e Dias (2015), Manetta (2009), Oliveira (2008), Ramalho Junior (2012), Silva (2012), Souchand e Baeninger (2007 e 2008).

Jornais locais tornaram-se fontes relevantes para demonstrar aproximações e afastamentos entre brasileiros e bolivianos na fronteira. Puseram em evidência reportagens sobre o papel dos bolivianos para o comércio e o turismo de Corumbá; sobre as manifestações artístico-cultural dos migrantes, o fechamento da fronteira.

Em relação às entrevistas, elas foram realizadas com professor, com assistente social, sacerdotes, migrantes e descendentes bolivianos que compuseram as narrativas de apresentação das particularidades da fronteira Corumbá e Puerto Quijarro.

O *Pasante* dois, “As várias faces de uma Virgem”, como o próprio título diz, demonstra as diversas faces de uma Virgem, ou seja, as das aparições marianas. Essas Virgens descritas estão entre algumas das várias devoções na fronteira Corumbá e Puerto Quijarro.

A escolha das virgens se deu, principalmente, pela relação com a(s) fronteira(s) do Brasil com a Bolívia e o Paraguai, e com os migrantes bolivianos. As virgens citadas ao longo do trabalho são as seguintes: Virgem de Copacabana, personagem principal desse enredo, Virgem de Urkupinã, Virgem de Cotoca (as três Virgens populares na Bolívia e mais festejadas em Corumbá); Virgem Caacupê (padroeira do Paraguai, presente e festejada em Corumbá); Nossa Senhora do Carmo (padroeira do Forte Coimbra) e Nossa Senhora de Candelária (padroeira de Corumbá).

“Essa Santa é braba”: a territorialização da Virgem de Copacabana em Corumbá” é o terceiro *Pasante* deste trabalho. O termo “essa Santa é braba” dá o título do capítulo fazendo referência às falas ouvidas durante o trabalho de campo. Dona Ana, seu compadre, Miguel, e Lidiane mencionam, adjetivam a Virgem com essa característica, trazendo traços humanos à divindade.

As entrevistas são o “carro-chefe” da análise relativa ao início da celebração à Virgem de Copacabana em Corumbá, à crise iniciática ou de conversão de dona Ana; assim como a do nascimento da festa em Corumbá; a da identificação dos ex *pasantes*; a da relação da celebração e o *Bloque* 6 de Agosto, a da descrição da celebração no lado brasileiro e as reinvenções das práticas religiosas durante a pandemia.

As narrativas dos(as) entrevistados(as) e suas análises sobre a celebração à Virgem de Copacabana na fronteira puderam apontar contradições, ambiguidades, aproximações e afastamentos entre brasileiros e bolivianos.

O quarto *Pasante*, nomeado “Aproximações e Afastamentos entre Bolivianos e Brasileiros na Fronteira Corumbá e Puerto Quijarro”, narra as relações tanto de aceitação quanto de rejeição à presença dos bolivianos em Corumbá. Elas são demonstradas por meio das entrevistas, de *prints* da postagem da publicação (desfile folclórico de 2022) de uma página particular do *Facebook* que incentiva essa mescla de culturas, tal como por meio de autores que pesquisam a vivência na fronteira e/ou na fronteira Corumbá e Puerto Quijarro.

Por fin te invito a festejar la Mamita de Copacabana!

ENTRE TERRITÓRIOS RELIGIOSOS FRONTEIRIÇOS: CORUMBÁ E PUERTO QUIJARRO

Para escrevermos sobre os Territórios religiosos na fronteira, retomamos a localização dos municípios de Corumbá e Puerto Quijarro, os sistemas urbanos transfronteiriços (BENEDETTI, 2011) e, principalmente, os elos de integração (OLIVEIRA, 2008).

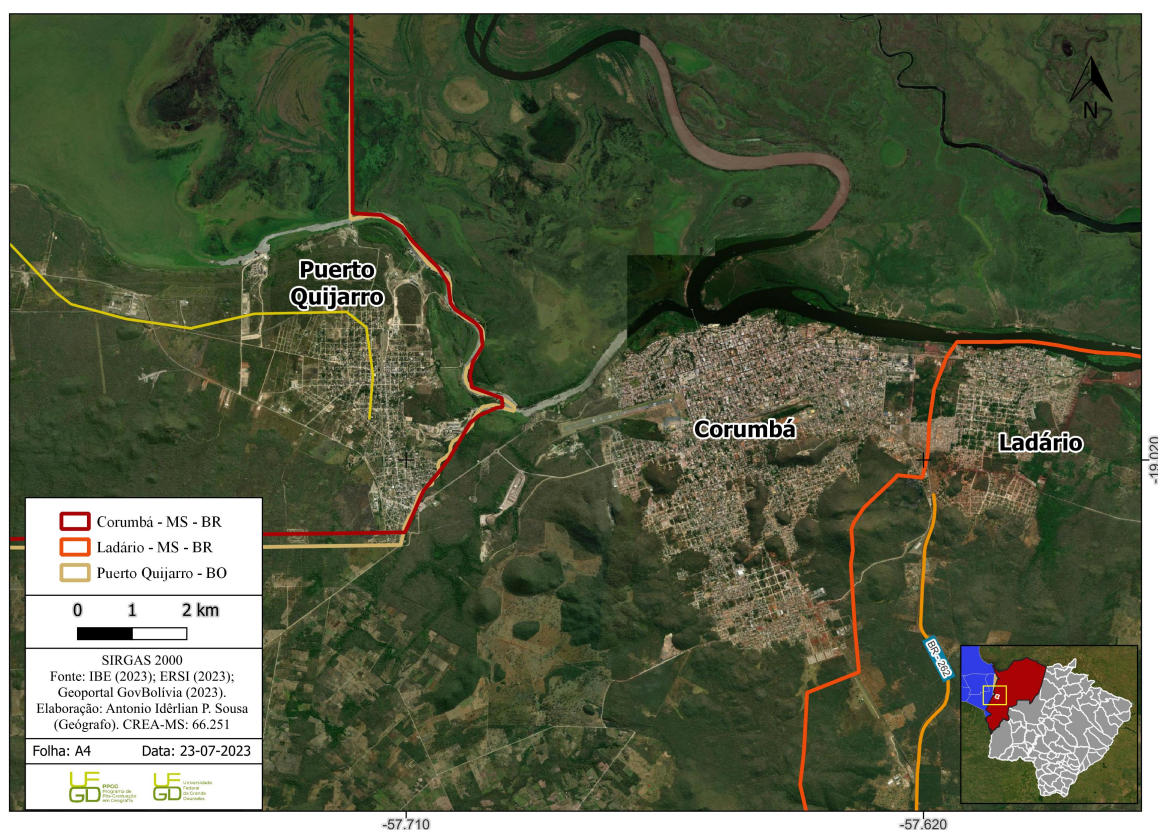
A fronteira Corumbá/Puerto Quijarro, além de ser uma fronteira física, é uma “construção social, um processo aberto e contingente” que está sendo construída pelas “práticas materiais e culturais da sociedade” (BENEDETTI, 2011, p. 2).

A cidade de Corumbá localiza-se na porção oeste de Mato Grosso do Sul. Entre a morraria do Urucum (ao sul) e a margem direita do Rio Paraguai (ao norte); tem como enclave territorial o município de Ladário, que faz fronteira com a Bolívia.

Corumbá faz fronteira, mais propriamente, com Arroyo Concepción, distrito de Puerto Quijarro, na província de Germán Bush, do departamento boliviano de Santa Cruz.

Em 1984, para melhor “administração do desenvolvimento regional no extremo oriente boliviano, criou-se a província de Germán Busch, desmembrada das províncias Ángel Sandoval e Chiquitos, no departamento de Santa Cruz”, dividida em dois municípios: Puerto Suárez e Puerto Quijarro (MANETTA, 2009).

Figura 11: Localização da fronteira Corumbá/BR e Puerto Quijarro/BO



Corumbá e Puerto Quijarro são cidades-gêmeas, ou seja, o território do município de Corumbá faz limite com o do país vizinho (Bolívia), “podendo ou não apresentar uma conurbação ou semi-conurbação com uma localidade do país vizinho” (RETIS, 2005, p. 11).

Oliveira (2008) considera um caso de semi-conurbação devido ao fato de os municípios não serem ligados de forma contígua. Costa, por sua vez, não considera a fronteira Corumbá/Puerto Quijarro uma conurbação.

Não se trata de uma conurbação fronteiriça, pois não existe uma continuidade urbana, ou seja, o formato de um único (aparente) sítio urbano. [...] Suas interações fronteiriças são intensas, porém nem tanto quanto cidades conurbadas como Ponta Porã (Brasil)/Pedro Juan Caballero (Paraguai) ou Santana do Livramento (Brasil)/Rivera (Uruguai)[...] (COSTA, 2012, p. 25-26).

Lembramos que a fronteira Corumbá/Puerto Quijarro possui características distintas em relação às cidades gêmeas Ponta Porã/Pedro Juan Caballero na fronteira Brasil/Paraguai. Enquanto em Ponta Porã/Pedro Juan Caballero, apenas, uma avenida separa os dois países; em Corumbá/Puerto Quijarro, aproximadamente, 20 quilômetros e o posto fiscal da Receita Federal separam as cidades, os dois países.

Gustavo Villela Lima da Costa (2015) destaca o desinteresse do Estado brasileiro em urbanizar a linha de fronteira entre Corumbá e Puerto Quijarro. Isso ocorre, segundo o autor, porque a maioria dos terrenos estão ou em áreas militares ou em áreas estatais; as últimas construções na linha de fronteira de Corumbá são o Clube Recreativo de Subtenentes, Sargentos (Cresse), Receita Federal e a Polícia Federal. Isso impossibilitaria o processo de conurbação entre Corumbá e Puerto Quijarro.

A definição de Alejandro Benedetti (2011) sobre sistemas urbanos transfronteiriços dispersos ou não contíguos pode ser exemplificada pela particularidade da fronteira entre Corumbá e Puerto Quijarro. Segundo o autor, tais sistemas urbanos “son aquellos donde las localidades tienen una gran interacción pero que no están contiguas al límite o no están enfrentadas”, ou seja, embora tenham grande interação, as cidades não estão próximas no limite ou não se enfrentam. Benedetti traz uma definição plausível, dinâmica e aberta, demonstrando que, embora não contíguas, as cidades se integram e se relacionam entre si.

Pensando a fronteira, podemos caracterizá-la como zona de fronteira e faixa de fronteira. Embora pareçam termos semelhantes, não são iguais. No Brasil, a faixa de fronteira corresponde a 150 km e na Bolívia a 50 km⁵.

A zona de fronteira é composta por 'faixas territoriais de cada lado do limite internacional, sendo sua extensão geograficamente limitada a algumas dezenas de quilômetros a ambos os lados da linde. (grifos do autor) [...] A faixa de fronteira trata-se de uma extensão maior em relação a anterior (zona de fronteira), mas seu papel é restrito a cada Estado-Nação, ou seja, o programa das ações conjuntas se define para ser aplicado às jurisdições políticas internas de cada país (SILVA, 2008, p. 8-9).

No *ebook* “Arranjos Populacionais e Concentrações Urbanas do Brasil”, produzido pelo IBGE, há o esclarecimento de que o Mato Grosso do Sul possui cinco Arranjos Populacionais Fronteiriços, sendo eles: Ponta Porã/Pedro Juan Cabalero, Corumbá/Puerto Quijarro, Coronel Sapucaia/Capitan Bado, Paranhos/Ypejhú e Bela Vista/Bela Vista Norte. “Pedro Juan Caballero/Paraguai - Ponta Porã/Brasil” (166 061

⁵ Leis de cada país (Brasil/Bolívia) sobre a faixa de fronteira:

Brasil, Lei Nº 6.634/79. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/16634.htm#:~:text=Art.,designada%20como%20Faixa%20de%20Fronteira. Acesso em jan. 2021.

Bolívia, Lei Nº 2.532/05. Disponível em: https://www.catastro.gov.py/public/439bc5_ley%202532-05%20seguridad%20fronteriza.pdf. Acesso em jan. 2021.

peças) e "Corumbá/Brasil" (151 432 peças)", sendo esses, respectivamente, o segundo e o quarto maiores arranjos do Brasil.

Os Arranjos Populacionais Fronteiriços identificados têm uma forte aderência às cidades-gêmeas, definidas pelo Ministério da Integração Nacional. As diferenças nas listagens de municípios são decorrentes dos critérios utilizados nos dois estudos, uma vez que o IBGE considerou contiguidade da mancha urbanizada e movimento para trabalho e estudo, ao passo que o Ministério utilizou contiguidade (conurbação ou semi-conurbação) e potencial de integração econômica e cultural (IBGE, 2016, p.33)

Conforme o site do Instituto Brasileiro de Estatística e Geografia (IBGE, 2021), a população estimada de Corumbá é de 112.058 habitantes; a de Ladário, 23.689, enquanto a de Puerto Quijarro, é de, aproximadamente, 19.197; e a de Puerto Suárez, segundo o Instituto Nacional de Estatística (INE, 2021), é de 22.906 habitantes. Isso demonstra que os quatro municípios, somando mais de 177.00 pessoas, vivem nesse "sistema urbano transfronteiriço" (BENEDETTI, 2011).

Segundo Albuquerque (2010, p. 42): "as fronteiras são fenômenos sociais, plurais e dinâmicos". Como o que caracteriza a fronteira de Corumbá e Puerto Quijarro, que contém em si especificidades próprias do lugar e da população.

É perceptível, ao caminharmos pelos municípios do lado brasileiro, notarmos a forte presença de bolivianos. Assim como é notável a relação intrínseca entre brasileiros e o lado boliviano, o que demonstra essa vivência fronteiriça.

Sobre o conceito de fronteira vivida procuramos dar ênfase ao sujeito na sua relação como o lugar. Isto significa que a fronteira deve ser interpretada a partir da compreensão que seus habitantes têm dela e de como se relacionam, quando se relacionam, com seus vizinhos e mesmo com seus compatriotas das regiões centrais. A fronteira vivida busca compreender o cotidiano deste lugar nos seus mais variados aspectos – lazer, trabalho, contravenção, consumo, defesa, disputas – reconhecendo ainda que o outro lado tem outra lei. Assim, acreditamos que a fronteira seja capaz de refletir o grau de interação ou ruptura entre sociedades fronteiriças (NOGUEIRA, 2007, p. 33).

Como Nogueira, entendemos que a fronteira tem de ser analisada a partir das dimensões social, econômica, cultural e das aproximações e afastamentos que o viver, de e na fronteira, contempla. Desse modo, é preciso pensar as diversas relações que os sujeitos mantêm com o lugar – por exemplo, no que se refere a hábitos, costumes, alimentação, música, vestimenta, língua, religião, conflitos, resistências – e,

principalmente, relações entre o “Eu e o Outro”, que, segundo Mondardo, são “um meio de comunicação e construção de novas identidades/territorialidades” por meio de aproximações e afastamentos (2018, p. 66). Ainda, sobre as fronteiras, Banducci Júnior afirma que

[...] as fronteiras constituem, primeiramente, espaços de contato social e de intercâmbio cultural, ao mesmo tempo em que são territórios de tensão e contradições. Estão ligadas aos centros político-econômicos de cada país, sofrendo influências das políticas nacionais e, ao mesmo tempo, contribuindo para a construção de novos sentidos de nacionalidade. Por fim, que operam conforme determinações de políticas inter e transnacionais, cujas flutuações orientam comportamentos e sentimentos mútuos na vida cotidiana dos núcleos humanos contíguos. Em outros termos, as fronteiras compreendem redes de relações e de influências sociais, culturais e políticas que transcendem os espaços locais para abranger contextos nacionais e internacionais mais amplos (BANDUCCI JÚNIOR, 2011, p. 10).

A fronteira permite essa vivência (nem sempre amistosa) com o outro, levando a aproximações e afastamentos, conflitos e sintonias, preconceitos e respeitos, repulsas e resistências, o que resulta em trocas culturais plurais.

Conforme Banducci Júnior e Romero (2005), a cultura fronteiriça indetermina os limites e tornam as identidades multifacetadas. Nesse sentido, as manifestações culturais dos dois países referenciados se encontram e se interpenetram.

Ressaltamos, contudo, que a percepção da fronteira como um elo de integração não pressupõe a inexistência de conflitos, tampouco a uniformização de culturas, mas o reconhecimento das diferenças, das possibilidades de trocas e do crescimento, o que faz da fronteira um lugar especial (COSTA e DIAS, 2015, p. 228).

Silva, ao discorrer sobre a relação dos contrastes entre as populações fronteiriças, mas também local de interações entre esses.

Como espaço marcado pelas interações, as cidades gêmeas também são marcadas pelas constantes tensões e atritos entre as populações vizinhas. No caso das cidades gêmeas de Corumbá e Porto Suarez a fronteira também acaba sendo onde são manifestadas as tensões existentes em âmbito nacional, porém, por ser um local de trocas e interações de fluxos, os reflexos dessas manifestações são transnacionais (SILVA, 2012, p. 112).

A autora chicana, Glória Anzaldúa, considera fronteira quando duas ou mais culturas se tocam, fazendo com que o espaço entre os indivíduos se encolha na intimidade. De acordo com Anzaldúa:

[...] As fronteiras se tornam fisicamente presentes em todos os lugares onde duas ou mais culturas se tocam, onde pessoas de raças diferentes ocupam o mesmo território, onde as classes mais baixas, baixas, médias e altas se tocam, onde o espaço entre dois indivíduos se encolhe na intimidade (ANZALDÚA, 1999, p. 73) (tradução nossa).

Tal situação ocorre, por exemplo, com a fronteira de Corumbá e Puerto Quijarro, fronteira onde brasileiros e bolivianos “se tocam” e onde o “espaço se encolhe na intimidade”. E essas culturas que “se tocam” acontecem em virtude da imigração boliviana vinda do oriente e do ocidente boliviano para Corumbá. O oriente boliviano corresponde aos Departamentos de Santa Cruz de La Sierra, Beni, Tarija e Pando; o ocidente é composto pelos Departamentos de Potosi, La Paz, Oruro, Chiquisaca e Cochabamba.

Conforme Souchand e Baeninger (2008, p. 276): “a concentração da imigração boliviana em poucos lugares, ou seja, registrados em poucas cidades, marcadamente em regiões metropolitanas e fronteiriças, faz com que sua presença seja muito mais marcante e visível”.

Baeninger e Souchaud (2007), no texto, intitulado “Vínculos entre a Migração Internacional e a Migração Interna: o caso dos bolivianos no Brasil”, afirmam que Corumbá tem a segunda maior concentração de migrantes bolivianos do país (5,4%), perdendo apenas para o primeiro colocado: São Paulo (37,9%).

Ramalho Junior (2012, p. 11) narra que os bolivianos compõem “74,4% dos migrantes da cidade de Corumbá”, e que “sua presença reverbera no comércio, nas moradias, no trânsito, na culinária, nas manifestações artístico-culturais, esportivas, religiosas, educativas, e outros âmbitos”. A seguir veremos a relevância desses migrantes.

1.1 Imigração boliviana em Corumbá/MS

De fato, o imigrante só existe na sociedade que assim o denomina a partir do momento em que atravessa suas fronteiras e pisa seu território; o imigrante “nasce” nesse dia para a sociedade (SAYAD, 1998, p. 16)

A afirmação de Abdelmalek Sayad sobre o “nascimento” do imigrante para uma sociedade orienta-nos para a apresentação sobre a imigração boliviana em Corumbá.

O “nascimento” do imigrante boliviano é percebido a partir dos atravessamentos dos bolivianos para a cidade de Corumbá. Ao observarmos a dinâmica socioespacial de Corumbá, verificamos a quantidade de bolivianos nas ruas, feiras, comércios, bairros, escolas, entre outros espaços. Assim como é comum ouvir o “portunhol” ao caminharmos pela cidade.

Edgar Aparecido da Costa argumenta o seguinte sobre a imigração boliviana:

A migração de bolivianos para Corumbá, evidentemente, é anterior e fortemente atrelada à construção da estrada de ferro que causou inúmeras mobilidades fronteiriças. Em 1938, foram iniciadas as obras de ligação da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, que chegara às barrancas do rio Paraguai, em Porto Esperança, em 1914, até Santa Cruz de la Sierra, comandada pela Comissão Mista Bolívia-Brasil e finalizada em 05 de janeiro de 1955. A formação de Puerto Quijarro tem início naquele momento histórico, com a construção da primeira etapa da ferrocarril em território boliviano e inauguração da primeira estação, que recebeu o nome de Quijarro, em homenagem a Antônio Quijarro que muito trabalhou no projeto ferroviário. Em 30 de setembro de 1991, a localidade foi declarada segunda seção municipal da província Germán Busch, composta por dois distritos: Puerto Quijarro e Arroyo Concepción (COSTA, 2013, p. 75).

O professor e pesquisador do Mestrado de Estudos Fronteiriços de Corumbá, Mateus Antônio Marton Olímpio, quando entrevistado pela autora dessa pesquisa, argumenta que os indícios de população boliviana em Corumbá antecedem à construção da ferrovia Ferro Noroeste Brasil:

Nós temos documentos, temos publicação da presença de bolivianos aqui em Corumbá logo depois, 1770 acaba a guerra tem viajantes passando por Corumbá e narrando suas conversas com bolivianos em 1777, em 1778. É uma fixação por um número explosivo da presença, é obvio que é a partir da ferrovia. Mas eu digo, sem menor receio que a presença boliviana é desde que foi instalada a fronteira, ou seja, desde que Corumbá passou a ser cidade. Era um vilarejo, podia até ter bolivianos antes, nem sei se tinha.

É constante em variável e volume a presença de bolivianos depois do conflito, desde o período após o conflito, e desde quando a fronteira foi instalada. Tem documentos da antiga receita federal que era alfândega, pedindo um controle sobre fluxo de pessoas e mercadorias lá no limite entre Brasil e Bolívia (Entrevista concedida em 17/02/2021, via *Google Meet*).

O professor faz relatos, ainda, sobre a construção do assentamento boliviano (entre 1898 e 1900) *El Carmen de la Frontera*, que fica ao lado do assentamento Tamarineiro, no lado brasileiro. Isso evidencia a presença boliviana muito antes da construção da ferrovia.

Segundo o professor Mateus Antônio, há outros marcos/eventos dessa imigração boliviana em Corumbá; ele destaca especificidades dos anos 1950, 1960, 1970 e 1980:

Obviamente a ferrovia é um marco no acentuar dessa corrente migratória, mas também há um outro marco, que é o início dos anos 80 quando a Bolívia é inserida nas rotas de mercadoria vinda do Oriente, o que acontece no Paraguai nos anos 70 e chega na Bolívia nos anos 80, que é quando começa a surgir as feirinhas aqui, aí vem o pessoal do altiplano. [...] Também nos anos 50 Corumbá tá se industrializando, nos anos 60 Corumbá era uma cidade industrial. Talvez fosse tirando o litoral do Brasil, uma das maiores cidades industriais do país. Tinha a maior fábrica de calçados, maior fábrica de sorvetes. Enfim, lógico que vai atrair imigrantes. Óbvio, uma cidade que está prosperando (MATEUS ANTÔNIO MARTON OLIMPIO, entrevista concedida em 17/02/2021, via *Google Meet*).

Conforme a afirmação do professor Mateus Antônio e diálogos com festeiros/envolvidos na celebração à Virgem de Copacabana, é comum a fala sobre a imigração boliviana em Corumbá ocorrer, com maior peso, a partir da década de 1950:

[...] a migração boliviana em Corumbá é um fenômeno antigo, intenso já nos anos 1950. A migração se manteve importante, na primeira metade dos anos 1960 e logo começou um lento processo de diminuição. A partir de 1977 começou de novo e, apesar de um retrocesso durante alguns anos no início dos 70, manteve uma dinâmica de instalações crescente até o ano passado (BAENINGER; SOUCHAUD, 2007, s/p.).

O Entrevistado Arthur Castelo (filho de bolivianos, comerciante, devoto da Virgem de Cotoca) relata o seguinte:

O trem era a única forma de locomoção, de se chegar aqui em Corumbá, por exemplo, foi o trem que abriu essa parte oeste do Brasil... Primeiro o trem ia para a Bolívia depois... Então foi feita uma comissão mista, muitos que foram fazer essa estrada de ferro e muitos voltaram já casados com família, com mulheres, aí veio o cunhado, essas coisas todas. Com isso foi o primeiro fluxo maior que teve na década de 1950, entre 50 e 60, aí depois houve um fluxo de exportadoras, as exportadoras que existiam na Bolívia... muitas empresas de exportação, aí deu um boom também. E a partir da

década de 80 foi essa coisa da “feirinha” (ARTHUR CASTELO, entrevista concedida em 07/08/2019, Corumbá-MS).

É o caso de alguns festeiros/participantes da celebração à Virgem de Copacabana⁶. O devoto da Virgem de Cotoca, Anderson Corrales Muniz, nascido em Santa Cruz de la Sierra, mora no Brasil há 35 anos e já adquiriu os documentos de dupla nacionalidade, inclusive, concorreu à vereança⁷, no ano de 2020, em Corumbá, mas não foi eleito.

O Padre João Oliveira, 47 anos, nascido em Corumbá, relata que seus pais vieram para o Brasil quando seus irmãos mais velhos ainda eram bebês (por volta da década de 1970).

Arthur Castelo (07/08/2019), em entrevista, informou que “a descendência boliviana aqui é gigante, você vai pelos sobrenomes que existem... Oca, Castilho, Penha, Peña”.

Vale mencionarmos que há uma diferenciação dos lugares de origem desses bolivianos, podemos pensar a Bolívia dividida entre ocidente e oriente, altiplano e terras baixas, os *cambas* e os *collas*. Conforme Baeninger e Souchaud,

[...] os nove departamentos da Bolívia foram agrupados em Terras Baixas e Terras Altas. As primeiras reúnem os departamentos de Santa Cruz, Beni Pando e Tarija, enquanto as Terras Altas englobam os departamentos de La Paz, Potosí, Oruro, Chuquisaca e Cochabamba. Tal agrupamento corresponde aproximadamente à distinção entre oriente e ocidente e entre quíchuas e aimaras, bem como à polêmica distinção entre *cambas* e *collas* (BAENINGER; SOUCHAUD, 2008. p. 276) (grifos dos autores).

Arthur Castelo (brasileiro, filho de bolivianos, comerciante, devoto da Virgem de Cotoca) define essa separação em

[...] o *camba* e *colla*. Um é do altiplano e tem um tipo de vida, por causa da sua temperatura, das suas montanhas. E outro vive na parte tropical. Então cada um tem seu jeito de ser ... de cada cidade. [...] os *cambas* são os orientais, a parte debaixo, da região tropical. Os *collas* são do altiplano, cruzinhos, Santa Cruz (07/08/2019) (grifos nossos).

⁶ A celebração à Virgem de Copacabana será descrita/analizada no *Pasante* 3.

⁷ Dados sobre a candidatura de Anderson: <https://diariodorio.com/eleicoes2020/mato-grosso-sul/corumba/candidato/vereador/Muniz-13113/>. Acesso em jan. 2021.

É notável a maior presença de *collas* na imigração boliviana para Corumbá e, consequentemente, de festeiros da Virgem de Copacabana. Padre João, ao explicar a origem dos migrantes e devoções locais, narra o seguinte:

Na Bolívia é o seguinte, tem o Brasil dividido, lá fala departamento. Meus familiares vêm de onde? Eles são do Departamento de Santa Cruz de La Serra e aí vêm as províncias... então cada um deles tem a sua devoção, a essa santa, vamos dizer: Departamento de Santa Cruz de La Serra Cótoca, muito bem. Subindo um pouquinho mais Copacabana, já em La Paz, Oruro e toda aquela parte um pouco mais alta a maioria é Urkupiña.

E o que acontece, a maioria desse povo lá de cima tão migrando pra cá, trouxeram consigo. Então a maioria da parte alta da Bolívia, eles vieram pra cá, migraram e trouxeram.

[...] Então como eu disse, a maioria aqui e São Paulo já vi, é Urkupiña. Então esse pessoal da parte alta, de La Paz, de Oruro, daquela parte migraram pra lá e pra cá em maior número, então trouxeram consigo a Virgem de Urkupiña.

Já de Santa Cruz. Quem mora em Santa Cruz é Cótoca, mas é pouco (JOÃO OLIVEIRA, entrevista concedida em 30/12/2020, Corumbá-MS).

Como relata o festeiro Leandro Martinez (boliviano, comerciante), em entrevista concedida em 29/10/2020, em Corumbá-MS: “eu sou nascido em Santa Cruz, mas bebê assim, minha mãe já veio morar pra cá. Praticamente me considero corumbaense. De bebê eu já morei aqui toda minha vida, estudei aqui também”. Sua mãe, Dona Ana, também festeira, afirmou em entrevista que nasceu em La Paz.

Os autores Baeninger e Souchaud (2008), ao relatarem sobre essa distribuição étnica no país, afirmam que “o altiplano era o lugar dos quíchuas e aimarás” e as terras baixas, ou oriente bolivianos, terras que “abrigavam as outras populações indígenas, muito menos numerosas”.

Os municípios do outro lado da fronteira têm pouca população e, de maneira geral, o oriente boliviano, até Santa Cruz – ou seja, cerca de 600 km da fronteira – é uma área quase deserta demograficamente [...]. Assim, observa-se que os primeiros lugares que aparecem no que se refere a lugares de nascimento dos migrantes no departamento de Santa Cruz são localizados na parte oriental do departamento, onde se destaca o município de Santa Cruz de la Sierra (BAENINGER; SOUCHAUD, 2007, s/p.).

Com base nos apontamentos dos autores e nas entrevistas realizadas, a imigração de bolivianos em Corumbá, são adjacentes, majoritariamente, dos Departamentos de Santa Cruz de la Sierra e de La Paz.

relata que a “presença dos bolivianos do altiplano aqui em Corumbá é mais recente que o pessoal da chiquitania (vasta planície do sudeste da Bolívia, cobrindo grande parte da província de Santa Cruz), principalmente, dos cruzenhos (naturais de Santa Cruz), *collas* e *cambas*, aí nessa distinção”.

Independentemente de serem *collas* ou *cambas*, essa imigração territorializou em Corumbá particularidades da cultura boliviana. Esse “encolhimento de espaço na intimidade” (GLÓRIA ANZALDÚA, 1999) faz transparecer as diversas tradições bolivianas presentes na vivência desses imigrantes e descendentes que moram em Corumbá.

1.2 As tradições bolivianas em Corumbá

Costa (2013), ao apresentar a “Operação Feira Brasbol”, menciona o papel da feira como a possibilidade do encontro com o “outro” e da “reinvenção” da cultura:

Caminhando por suas “bancas” é possível escutar *cumbias*, pagodes, *funk*, música sertaneja, *huaynos* (músicas andinas), além de noticiários da televisão boliviana ou programas como *Caldeirão do Huck* ou *Domingão do Faustão*, da Rede Globo. As camisas de times de futebol são as mais diversas: desde clubes brasileiros, como Flamengo e Corinthians, às de times bolivianos (Bolívar, Oriente Petrolero) e times de futebol europeu. Perguntando a alguns jovens, muitos dizem torcer por um time no Brasil e por outro na Bolívia (2013, p. 478) (grifos do autor).

Nessa mistura de culturas, migrantes bolivianos reafirmam sua identidade por meio de seu modo de vida, da sua territorialidade, mas também incorporam hábitos e costumes do lado brasileiro. O fato de jovens terem dois times, um no Brasil e outro na Bolívia, demonstra essa integração entre culturas e a multiplicidade de vidas na fronteira. Para Haesbaert:

Partimos do pressuposto geral de que toda identidade territorial é uma identidade social definida fundamentalmente através do território, ou seja, dentro de uma relação de apropriação que se dá tanto no campo das ideias quanto no da realidade concreta, o espaço geográfico

constituindo assim parte fundamental dos processos de identificação social (HAESBAERT, 1999, p. 172).

Ramalho Júnior, em seu trabalho intitulado “Aproximações e distanciamentos entre brasileiros e bolivianos na vivência fronteiriça em Corumbá-MS”, expõe a aproximação entre crianças brasileiras e bolivianas por meio de jogos de futebol.

[...] captamos outra aproximação interessante, entre os alunos da escolinha de futsal do Corumbaense Futebol Clube e alunos do Colégio Boliviano-Canadiense, que esporadicamente promovem amistosos, tanto em Corumbá como em Santa Cruz de La Sierra, sede da escola boliviana. De acordo com os professores que organizam os amistosos, eles já ocorrem há mais de dez anos (RAMALHO JÚNIOR, 2012, p. 56).

Essas manifestações culturais se desdobram também na questão linguística, grande parte dos comerciantes e feirantes bolivianos se empenham em falar o português ou, no mínimo, o “portunhol”. Costa (2013) argumenta que essa tentativa, contudo, não ocorre com os compradores brasileiros, o que aponta para “uma sensação de superioridade e indiferença também por parte dos brasileiros”.

Apesar de o comprador brasileiro não mostrar empenho no diálogo com os vendedores bolivianos, nota-se que uma leve mudança vem ocorrendo. Com a valorização do dólar, nos últimos anos, as compras no lado boliviano não são compensatórias como há alguns anos. Tal fato vem ocasionando, assim, uma inversão: atualmente são os bolivianos que estão consumindo no comércio central corumbaense, o que fica nítido ao se transitar por lojas/franquias como Americanas, Avenida, Hering, Oxigênio, Atacado Fernandes, Papelaria Santo Onofre, por exemplo. Desse modo, a presença de vendedores (as) falando em *castellano*, ou no tão popular “portunhol”, é mais frequente.

A respeito das questões apontadas, observamos o seguinte em reportagem do Jornal Diário do Estado:

[...] quem apostou no consumismo boliviano está ganhando dinheiro e se expandindo. É o caso da loja de departamento **Oxigênio**, de um grupo mineiro, que abriu em Corumbá a primeira filial de Mato Grosso do Sul. “40% das vendas são para o boliviano, que paga à vista e em dólar”, diz o gerente Deyvidison Souza. “Nos fins de semana, 80% dos clientes são da Bolívia”, completa. Em um ano e três meses, o grupo abriu uma segunda filial na cidade e emprega 52 pessoas (CORREIO DO ESTADO, 03/08/2019, p. 1) (grifos do autor).

O Padre Murilo Adão⁸ (brasileiro), em entrevista concedida em 08/08/2019, em Corumbá-MS, relata que “agora, com a inversão do dólar, que o Brasil não vai pra lá, são eles que estão aqui oferecendo os serviços pra população”.

O assunto, que foi notícia no Jornal Midiamax (11/09/2019, p. 1), aponta que “boa parte dos bolivianos alega que, com a alta do dólar, o câmbio entre as moedas é propício para as compras em Corumbá”. Segundo a reportagem intitulada “Com dólar alto, bolivianos ‘invadem’ Corumbá e compram de calçados a eletrodomésticos”:

Conforme o presidente da Associação Comercial de Corumbá, Anderson Campos, as **compras de turistas bolivianos representam até 70% das vendas**, dependendo do segmento. “Eles consomem tudo: restaurantes, hotéis, turismo e comércio em geral como calçados, roupas e até eletrodomésticos”, informou.

Para o presidente da entidade, o movimento de turistas do país vizinho salvou a cidade de uma crise durante a pandemia. “Se você pegar na Junta Comercial a abertura e fechamento de empresas, Corumbá não sentiu tanto o baque. O movimento evitou demissões e estimulou até contratações em alguns setores”, pontuou (MIDIAMAX, 02/02/2021, p. 1) (grifos do autor).

No mesmo sentido segue o relatado pelo Padre João Oliveira⁹:

Uma vez achei engraçado o seguinte, olha como que é: primeiro chegou a van, aí chegou o marido na porta, aí desceu a *dona*¹⁰, abriu a van e foi descendo um monte de criançada. Comprou isso, comprou aquilo, aí tá! E o marido esperando. Pensei será que vão comprar a loja toda? Daqui a pouco a *dona* chega e fala “comprei já, agora vamos embora!”. Aí o marido fala “como que vamos embora, ia comprar, não comprei ainda!” (JOÃO OLIVEIRA VILA, entrevista concedida em 30/12/2020, Corumbá-MS).

Padre João evidencia em sua fala a participação do boliviano no comércio local, demonstrando que as trocas comerciais são frequentes e importantes, em relação ao movimento comercial-econômico proporcionado pelos bolivianos nas lojas de Corumbá.

Se há algum tempo os bolivianos eram vistos como meros fornecedores de mercadoria barata, atualmente essa percepção vem mudando. Os bolivianos são

⁸ Brasileiro, sacerdote na Paróquia Nossa Senhora de Fátima, em Corumbá, até 2020.

⁹ Brasileiro, filho de bolivianos. Sacerdote na Paróquia Imaculada Conceição em Albuquerque, distrito de Corumbá.

¹⁰ No decorrer da transcrição das entrevistas, encontramos, com frequência, o termo “dona”; para os bolivianos e descendentes “dona” significa senhora, senhorita, moça e/ou mulher.

extremamente responsáveis pela ascensão dos lucros, tanto no comércio (roupas, sapatos, eletrodomésticos e alimentação) quanto no turismo no Pantanal.

Outro local de intensa presença de bolivianos são os hotéis da cidade. Durante a realização de parte do nosso trabalho de campo (agosto de 2019, outubro e dezembro de 2020), a pesquisadora, por diversas vezes, se hospedou em um dos principais hotéis da cidade, o hotel Santa Mônica, e observou que, no estacionamento do hotel, os carros com placas bolivianas era maioria. Assim como, nos elevadores, na recepção, área de lazer e refeitório, era significativa a presença do “fenótipo” boliviano. Outro dado interessante é que, durante o *check in*, os recepcionistas conversam com os hóspedes em *castellano*, o que demonstra a presença de bolivianos ou de descendentes trabalhando no hotel.

Celso César Fernandes, proprietário do *Hostel Dom Alberto*, afirma, em entrevista para o Jornal Midiamax (02/02/2021), que os bolivianos representam 50% das acomodações, “meu público é 50/50 (bolivianos e brasileiros). Nessa pandemia aumentou significativamente o número de hóspedes bolivianos”.

Sobre esse movimento, o Padre João Oliveira, em entrevista, relatou que

[...] esses tempos me aconteceu o seguinte: não consegui entrar em casa, morava aqui com outro padre, agora tô morando com o Bispo. Não consegui entrar, como eu vim de Albuquerque fui pro Santa Mônica, fiquei hospedado um dia lá. Fui tomar café, o que tinha a quantidade de bolivianos... No meu caso eu consigo identificar pelo sotaque se é paraguaio, uruguaio, argentino, se é chileno, boliviano ou se é peruano. Pela forma do sotaque que cada um tem de falar. Falei olha como que tá! (30/12/2020).

A notícia do jornal e a fala do Padre João Oliveira evidenciam a relevante presença de bolivianos nos mais diversos espaços da cidade, além de mostrar aproximações e afastamentos em relação aos brasileiros. Ora próximos em virtude da economia e da prestação de serviços, ora afastados pelas diferenças culturais, como aponta a narrativa de Padre João. Notamos, assim, estratégias de resistência de bolivianos, ocupando espaços e reafirmando sua identidade, por exemplo, através da língua.

A seguir um relato da assistente social, do Conselho Municipal de Assistência Social de Corumbá, e coordenadora do Circuito do Imigrante, Renata Papa, em que se reforça a importância dos bolivianos na cidade:

Hoje é fundamental a presença da população boliviana em Corumbá, tanto no comércio como nos hotéis, na rede hoteleira. Basicamente os turistas que frequentam Corumbá, que estão em Corumbá, eles são bolivianos. [...] vamos aqui pro Hotel Nacional, um dos maiores hotéis de Corumbá, a quadra inteira é só com placa boliviana. O comércio, o que fez com que o comércio de Corumbá nesse momento de pandemia que nós tivemos toda uma problemática nacional, foram os bolivianos que não fizeram piora essa situação aqui em Corumbá (ROGÉRIA MARTINS PAULA ALVES, entrevista concedida em 17/02/2021, via *Google Meet*) (grifos nossos).

Marilange Fontes de Rosa, assessora administrativa do maior hotel da cidade, Nacional Palace (Centro) faz o seguinte relato ao jornal Midiamax:

O que está **surpreendendo é a vinda dos bolivianos**, pois o turismo de contemplação que havia antes está bem parado. Os bolivianos estão bem ativos tanto no comércio quanto na rede hoteleira. Eles vêm fazer compras, devido ao fato da moeda deles estar valorizada, então, fica muito em conta fazer compras (MIDIAMAX, 02/02/2021, p. 1) (grifos do autor).

Mais uma vez a alta do dólar (aproximadamente, o dólar estava cotado a R\$ 5,45 em fevereiro de 2021) é apontada como responsável pela ampliação do turismo e do comércio, o que demonstra a efetiva relação de interação, por meio do câmbio, entre Brasil e Bolívia.

Sobre essa interdependência de Corumbá relativamente à Bolívia e aos bolivianos, o Padre Murilo esclarece:

A Bolívia tem muito mais poder que aqui, se nós temos hortifrúti aqui é porque vem de lá. [...] Eles depende de mexer no celular, eles vão neles, são eles que vão arrumar mais barato. Pegar refrigerante vai neles, do lado do Fernandes ali, vai na casinha da mulher boliviana porque é lá que tá. [...] Nós somos abastecidos por eles. Todo o mercado de eletroeletrônico é coordenado por eles, se você quer uma capinha só tem a *Hight tec* lá, o resto é tudo eles (grifos nossos). Você quer comprar uma capinha, quer arrumar um celular, quer comprar um refrigerante é tudo eles. [...] Nós dependemos muito mais da Bolívia do que eles de nós para algumas realidades! (MURILO ADÃO ABREU REIS, entrevista concedida em 08/08/2019, Corumbá-MS).

Quando o Padre Murilo diz hortifrúti, ele faz referência, principalmente, às feiras que ocorrem nos variados dias e locais¹¹ da cidade. Essas feiras, além das

¹¹ Domingo (Centro): perímetro formado pelas ruas Ladário, Dom Aquino, Tiradentes e Delamare. Segunda (Cristo Redentor): rua Paraná, entre as ruas 15 de novembro e Antônio Maria Coelho. Terça (Popular Nova): rua Cyriaco Félix de Toledo, entre as ruas Dom Pedro II e Dom Pedro I.

inúmeras bancas de hortifrúti, têm também outros produtos, como roupas, brinquedos, temperos, ferramentas, perfumes, hidratantes, salgados, bebidas.

Outros serviços majoritariamente ofertados por bolivianos e descendentes são os consertos de celulares e a venda de produtos relacionados, por exemplo, capinhas, fones de ouvido, carregadores, conforme menciona o Padre Murilo.

Anderson Muniz, sobre a presença e a importância boliviana para a economia corumbaense, cita o seguinte:

Se não fosse os bolivianos que estão lá, Corumbá iria morrer. Ia morrer o comércio. Hoje em dia quem tá dando vida ao comércio são os bolivianos. Se você vai no melhor restaurante de Corumbá: Rodeio, Dolce Café, só boliviano. São de Santa Cruz, de Cochabamba, La Paz, vem fazer turismo.

Por exemplo, um boliviano que mora em La Paz, pede um prato aqui é barato pra ele, mas pra nós, que moramos aqui nas redondezas do Pantanal, é caro (ANDERSON CORRALES MUNIZ, entrevista concedida em 09/08/2019, Corumbá-MS).

Quando Muniz menciona que “um prato aqui é barato pra ele, mas pra nós, que moramos aqui nas redondezas do Pantanal, é caro”, faz alusão ao dólar, que, na Bolívia, é uma moeda paralela à local, ou seja, tem valor similar ao da moeda boliviana.

O presidente da Associação Comercial de Corumbá, André Campos, narra para o Jornal Midiamax (02/02/2021): “imagina, um boliviano entra com 1 mil dólares para passar o fim de semana em Corumbá, consegue fazer muita coisa”. Pensando que o dólar está mais ou menos entre 5,37 a 5,50 reais, um boliviano com mil dólares estaria com mais de cinco mil reais.

Ainda, sobre a relevância da Bolívia e dos bolivianos para a economia de Corumbá, Padre João argumenta:

Tem uma coisa interessante que aqui em Corumbá, agora vou explicar um pouquinho também, o pessoal fala que eu tinha que ser economista, mas a gente olha e percebe. Área de fronteira, pega Dourados e Corumbá, Ponta Porã, a gente não sente tanto o reflexo como nas capitais como São Paulo, Rio de Janeiro o índice de

Terça (Conjunto Padre Ernesto Sassida): rua da União, entre as ruas Da Alegria e Pastor Celsode Padilha de Siqueira.

Quarta (Dom Bosco): rua Cuiabá, entre as ruas Cyriaco Félix de Toledo e José Fragelli.

Quinta (Universitário): rua Afonso Pena, entre as ruas Poconé e Eugênio Cunha.

Sexta (Aeroporto): avenida Joaquim Wenceslau de Barros, entre as ruas 15 de novembro e 7 de setembro.

Sábado (Nova Corumbá): rua Rio Grande do Norte, entre as ruas Cyriaco Félix de Toledo e Marechal Deodoro.

Sábado (Centro América): rua Fernando de Barros.

desemprego. A falta disso, falta aquilo, não tem dinheiro! A gente não sente porque estamos em fronteira. Não vai parar de circular o dinheiro aqui. Enquanto na parte alta, mais adiante do Brasil o pessoal sente o efeito, desemprego, não tem dinheiro e nós não sentimos graças a isso. Me fecha a fronteira pra ver o que acontece! Queira ou não queira, tanto lá como aqui somos afetados.

Essa vez que ficou fechado mesmo, nossa, o prejuízo que o pessoal tinha! Porque nós temos muitos conhecidos que são empresários no ramo de transportadora, falava “quando que vai abrir essa fronteira?”

Quer dizer, circula o dinheiro aqui em Corumbá. E outra coisa, o pessoal também... Você coloca uma coisinha pra vender, você ganha dinheiro. Em Corumbá você consegue, ah, vou vender pastel no domingo, você já ganha um dinheirinho. É um ponto de vista que eu coloco, que é meu. Por isso a gente não nota tanto a falta de dinheiro, escassez disso, escassez daquilo (JOÃO OLIVEIRA VILA, entrevista concedida em 30/12/2020, Corumbá-MS).

É notável, na narrativa de Padre João, a importância do trânsito entre a fronteira Corumbá/Puerto Quijarro. O bloqueio do ir e vir, no início da pandemia de COVID-19, afetou diretamente a vida dos moradores de ambos os municípios. Esse fechamento temporário da fronteira prejudicou não só as relações comerciais quanto as relações pessoais e familiares.

Sobre a importância da abertura da fronteira para o comércio local, o Jornal Midiamax apresentou o depoimento de um comerciante corumbaense:

Praticamente ficamos no zero. Hoje, no cenário atual que vivemos devido à economia, a fronteira da Bolívia é praticamente 90% do movimento do comércio de Corumbá. Estamos com problema da pandemia, mas se as autoridades controlarem de um lado e do outro, conseguimos seguir. Trabalhamos janeiro, fevereiro e março [2020]. Os meses de abril a agosto ficamos no zero. Nesses meses parados tive um movimento só de 10% nas vendas. Agora, desde sábado [4 de setembro de 2020] deu uma melhorada, senti que deu uma reagida, começamos a trabalhar. Melhorou entre 50% a 60% o movimento. Isso falo pela minha loja, agora sabemos que os supermercados também estão lotados e boa parte dos clientes são os bolivianos (MIDIAMAX, 11/09/2020, p. 1).

O comerciante, para atrair bolivianos, aderiu ao recebimento de três moedas distintas, fato que demonstra versatilidade, e o interesse dos comerciantes locais no consumidor transfronteiriço. Se, no passado, o boliviano era visto, apenas, como o “invasor” e o vendedor de produtos *made in china*; em 2020, ele passa a ser o principal consumidor de Corumbá.

O Jornal Midiamax, em reportagem intitulada “Após abertura da fronteira, movimento é intenso no comércio de Corumbá”, relata as estratégias dos comerciantes de Corumbá¹² para incentivar as vendas e “agradar” o público boliviano.

Para alavancar as vendas, alguns comerciantes buscam facilitar para os clientes. Mohamad Gharib, que tem uma loja de roupas na rua Frei Mariano, contou que, além do dólar, está aceitando também a moeda da Bolívia. Com um aviso em espanhol na frente da loja, ele consegue atrair os bolivianos e, pouco a pouco, recuperar as vendas, que durante esses cinco meses, ficaram praticamente paradas devido à pandemia do coronavírus (JORNAL MIDIAMAX, 11/09/2020, p. 1).

Podemos observar que o fechamento da fronteira Corumbá/Puerto Quijarro afetou diretamente o funcionamento dos dois países, influenciando o vai e vem de pessoas, produtos e serviços.

O professor Mateus Antônio também associa a visibilidade e a presença dos bolivianos no comércio em virtude da alta do dólar:

Essa percepção a respeito deles [bolivianos] agora, nos hotéis e lojas aqui em Corumbá está ligado ao pêndulo do dólar. Que hoje tá favorável comprar aqui do que lá, porque quando estava favorável pra lá todo mundo falava português ali em Quijarro. Então era muito mais espelhado pro lado de lá.

Então eu vejo isso, agora essa questão da presença deles gastando, dando uma estética mais agradável pra essas pessoas. Obviamente essas pessoas ficam com um olhar, mas é o pêndulo do dólar. É o pêndulo do dólar que está favorável pra isso. Eu gostaria muito de ter essa visão, mas eu não consigo ainda alcançá-la (MATEUS ANTÔNIO MARTON OLÍMPIO, entrevista concedida em 17/02/2021, via Google Meet).

Cumpramos acrescentarmos que, além da influência da língua, do comércio, da religiosidade, os hábitos alimentares bolivianos têm, também, tido grande peso na vivência de fronteira. É o que aponta, por exemplo, Ramona Trindade Ramos Dias:

No tocante à alimentação, os pratos mais citados, além da sopa, que foi uma citação unânime: o picante de frango que também é um prato com caldo; o *marradito*, uma espécie de risoto ou arroz de carreteiro, mas de consistência com pouco caldo [...] milho, batatas [...]. Além

¹² Referimo-nos a comerciantes de Corumbá e a não comerciantes corumbaenses, devido ao grande número de comerciantes árabes e turcos presentes na cidade. Segundo o professor Marco Aurélio Machado, especialista em imigração em Corumbá: “em Corumbá chegaram estrangeiros de vários países sendo que o maior número é de árabes e bolivianos, que ajudaram, e contribuem, até hoje, para o desenvolvimento da nossa cidade” (DIÁRIO CORUMBAENSE, 02/10/2019).

disso, foram mencionados como bebidas típicas: *chicha* (a base de milho ou amendoim, pode conter álcool ou ser consumido sob a forma de suco), *mocochinche* (suco de pêssego desidratado e cozido) e a *paceña* (cerveja tipicamente boliviana e já muito conhecida nesta fronteira) (DIAS, 2010, p. 55) (grifos da autora).

Conforme Dias (2010,), a cidade de Corumbá incorporou, ainda, outros alimentos típicos do boliviano, como a “saltenha, um salgado com recheio de frango e batatas, e o arroz boliviano, batatas, bananas fritas e molho de frango ou carne moída”. Esses pratos são feitos e vendidos, por exemplo, por Arthur Castelo em sua residência. Vejamos a figura a seguir.

Figura 12: Saltenhada do Arthur



Fonte: Facebook de Arthur Castelo. Disponível em:

<https://www.facebook.com/photo?fbid=1081694141987811&set=picfp.100004417052071>

Arthur Castelo é filho de bolivianos e antigo diretor do Centro Boliviano. Em seu trabalho difunde a cultura boliviana em Corumbá, com vistas a dar visibilidade e a divulgar tradições culturais.

Eu tenho feito uma difusão da devoção da Virgem, primeiramente eu usava o Centro Boliviano, era uma forma de eu mostrar a cultura *camba*, a comida deles, o *majadito*, o *cunape*... e as danças deles também o *taquirari*, *chovena* (Entrevista concedida em 07/08/2019, Corumbá-MS) (grifos nossos).

Embora Arthur não seja mais diretor do Centro Boliviano¹³, ele trabalha no ramo de alimentação na cidade de Corumbá: faz em sua residência comidas típicas bolivianas¹⁴, como saltenha, pastel de frango cruzeño, arroz boliviano, *jigote* de charque e *majadito*.

Conforme Arthur, a devoção às virgens¹⁵ é outro componente primordial nas interações entre brasileiros e bolivianos. Tal fato evidencia-se também nos relatos de Banducci Júnior e Romero (2005): “a devoção às virgens bolivianas é um fenômeno comum que vem se encontrando e interpenetrando nas manifestações culturais dos dois países”.

Segundo, ainda, Arthur Castelo (entrevista concedida em 07/08/2019, Corumbá-MS): “eu acho assim que culturalmente já haviam muitas influências de fronteiras da Bolívia aqui em Corumbá, mas com essas festas das Virgens e através da fé tem feito quebrar mais ainda”. Assim,

[...] existe nas tradições bolivianas uma mistura entre religião, música e dança. Dentre essas, se destacam as festividades em homenagem às Virgens de Cotoca, Copacabana e Urukupña (COSTA e DIAS, 2015, p. 233).

Ramona Trindade Dias (2010, p. 55), em seu trabalho sobre as moradias dos bolivianos em Corumbá, ao tratar das participações em celebrações, afirma que “foram destacadas as festividades em homenagem às Virgens de Cotoca, Copacabana e Urukupña”.

¹³ “O Centro Boliviano é um centro social beneficente da cultura para bolivianos e brasileiros na fronteira” (ARTHUR CASTELO, conversa informal em 20/07/2021, via *WhatsApp*).

¹⁴ Para mais informações: <https://www.facebook.com/Saltenhas-Salte%C3%B1as-Soy-Loce-Por-Ti-111477946191692>. Acesso em jan. 2021.

¹⁵ A devoção às Virgens bolivianas será analisada/apresentada no *Pasante 2*.

No ano de 2011, foi realizado um grande evento em homenagem à Virgem de Copacabana. Este evento ocorre há vários anos, no entanto, em 2011 ganhou outra dimensão. O evento se estendeu pelas ruas de Corumbá e caminhou até Puerto Quijarro, contou também com uma missa na Igreja Matriz de Corumbá, celebrada em espanhol, além do grupo de dança *Caporales*, que veio da cidade boliviana de Cochabamba. Através do comparecimento ao evento foi possível perceber que a religiosidade e as expressões artístico-culturais apresentavam-se como elementos que aproximam, causando reações amistosas (RAMALHO JUNIOR, 2012, p. 52) (grifos do autor).

As autoras letrólogas, Stael Ferreira e Rosangela Silva, em artigo intitulado “Contato linguístico na fronteira Brasil-Bolívia: hibridações étnicas, culturais e sociais”, debatem sobre as trocas e interações culturais do fronteiro, nas quais tradições culturais e manifestações religiosas vão se misturando.

Tomemos como exemplo a festa da Virgem de Copacabana, santa boliviana, tradicionalmente comemorada todo dia 06 de agosto, há 10 anos. Data na qual também se comemora a Independência da Bolívia. Os festejos para a Virgem de Copacabana, nome derivado da expressão *kotakahuana* do dialeto aymara, que significa “vista do lago”, contam com uma missa celebrada em espanhol em terras brasileiras. É um momento especial em que se apresentam situações de interação linguística, inclusive na “procissão dançante” pelas principais ruas da cidade de Corumbá/Brasil e Puerto Quijarro/Bolívia (2012, p. 4-5) (Grifos das autoras).

Sobre as missas serem celebradas em espanhol, apresentando interações linguísticas, o Padre João relata:

Quando fui pároco aqui na Paróquia São José, aqui em Corumbá, eu celebrava missas em espanhol aqui, também em Porto Quijarro. Então conheci o Padre Bráulio e trabalhávamos juntos, também fui diretor da Renovação Carismática... Nós íamos lá fazer a celebração. A facilidade com o espanhol aproximou mais ainda (JOÃO OLIVEIRA, entrevista concedida em 30/12/2020, Corumbá-MS).

É notável a frase de Padre João dizendo que o espanhol aproximou ainda mais. Ele, sendo filho de bolivianos, e tendo grande facilidade com o espanhol, proporcionou e proporciona maior familiaridade dos bolivianos com as celebrações em Corumbá.

Padre João, quando questionado sobre o momento em que começou a celebrar as missas em homenagem a Copacabana, afirma que tem em média de sete a oito anos (entre 2012/2013). Isso ocorreu porque os festeiros “pediam um padre que entendesse/falasse o espanhol”.

Acho que eu já estava na Catedral [Nossa Senhora da Candelária]. Eu celebrava de Urkupiña, assim que eu ordenei, até quando era seminarista eu celebrava Urkupiña aqui na casa do seu Celso Junqueres. De Copacabana, me parece que foi já quando eu já vim ajudar o Padre Fabio na Catedral. Isso faz uns sete anos mais ou menos. Sete ou oito anos.

Porque eles celebravam e pediam um padre que entendesse/falasse o espanhol. O padre Fabio falava, então você celebra (JOÃO OLIVEIRA, entrevista concedida em 30/12/2020, Corumbá-MS).

Conversando sobre quem celebrava as missas para Copacabana antes dele (visto que a festa tem 18 anos), Padre João disse o seguinte:

Era daqui mesmo, era o Padre Jorge do Salesiano, celebrava na Auxiliadora e depois aqui na Catedral, me parece que era o Padre Celso Ricardo. Ele estudou e também fala espanhol, tem muitos amigos lá em Santa Cruz na Bolívia (JOÃO OLIVEIRA VILA, 30/12/2020, entrevista concedida em Corumbá-MS).

Esse fato ressalta as trocas culturais entre brasileiros e bolivianos – Padre Celso, brasileiro, estudou espanhol e já celebrava as missas em homenagem à Virgem de Copacabana.

Padre Murilo Adão, que celebrava¹⁶ as missas de Copacabana junto com o Padre João, assinala a importância da valorização da língua: “Nós estávamos celebrando a independência do país. Ou eu faço na língua deles ou eu não celebro. Vou celebrar a independência em português?”.

¹⁶ O Padre Murilo Adão foi transferido para o estado do Amazonas, morou em Corumbá e foi responsável pela Pastoral da Mobilidade Humana de 2014 a 2020.

Figura 13: Abertura das festividades às virgens bolivianas



Fonte: Pesquisa de campo, 2019.

No dia 03/08/2019, Padre Murilo Adão Abreu Reis realizou missa em homenagem ao mês das virgens bolivianas na Paróquia Nossa Senhora de Fátima (a quase 3 quilômetros de centro de Corumbá).

Na figura 3, a seguir, é possível vermos um grupo de devotos (a maioria migrantes ou descendentes de bolivianos), cada pessoa com sua imagem de devoção – ou à Virgem de Urkupiña ou à Virgem de Cotoca –, da mesma maneira que observarmos os sacerdotes elevando as imagens. Padre Alvino Barros ergue a imagem da Virgem de Cotoca e o Padre Murilo Adão eleva a imagem da Virgem de Urkupiña.

Na figura 4, na sequência, as imagens das Virgens de Urkupiña e de Cotoca aparecem novamente. Da esquerda para a direita temos uma moça, chamada de *China*¹⁷, conforme o observado em trabalho de campo, segurando a imagem da Virgem de Urkupiña; o senhor Arthur, a da Virgem de Cotoca; e o senhor Cristiano, a da Virgem de Urkupiña.

¹⁷ Dançarinas de morenada (estilo de dança e música popular dos Andes bolivianos).

Figura 14: Devotos das Virgens bolivianas



Fonte: Pesquisa de campo, 2019.

Nessa missa somente as imagens das Virgens de Urkupiña e de Cotoca foram levadas, não houve imagens da Virgem de Copacabana. Conforme veremos no *pasante* 3, aparentemente, existem, apenas, duas imagens da Virgem de Copacabana em Corumbá¹⁸.

A celebração foi realizada parte em português, parte em espanhol. O padre Murilo Adão, quando questionado acerca de o porquê não se realizou a missa somente em espanhol, como acontece em relação à da Virgem de Copacabana, ele pontuou o seguinte:

Aquela específica! Por que que a daqui não fiz toda? Porque aqui era uma missa dentro de uma missa comunitária, então as pessoas que veio para missa da Igreja Fátima, eu não podia obrigar eles a ter toda a

¹⁸ Informação obtida em relatos e entrevistas durante o trabalho de campo.

liturgia em espanhol. Agora aquela missa lá, era uma missa à parte, reservada. Então foi marcada para isso!

Quem foi ali tinha que se sujeitar ao espanhol porque é independência da pátria deles.

A daqui a estrutura principal é, quando eu faço assim aquelas orações é que a estrutura é. Só que eu não podia fazer tudo porque aqui tem um público que vem aqui “se eu soubesse que era em espanhol tinha ido a outro lugar”, entendeu?

“Porque eu vim pra missa, não entendo então eu não vou ficar”

Então eu precisei misturar por ser uma missa da comunidade. Agora se eu tivesse marcado tipo assim: abertura das festividades às 17:00 horas da tarde, ia ser em espanhol. Só que aí se eu marcasse não ia ter... ia ter só.... (MURILO ADÃO ABREU REIS, entrevista concedida em 08/08/2019, Corumbá-MS).

“Nem tudo são flores!”, conforme relata Padre Murilo, ainda há resistência por parte de alguns. Mesmo na Paróquia Nossa Senhora de Fátima, que tem um público grande de bolivianos, existem alguns brasileiros que não aceitam uma missa em homenagem às virgens bolivianas, celebrada toda em espanhol.

Aí você acaba educando as pessoas que estão ali para ver que tem outras pessoas que estão aqui convivendo. É uma forma de conscientizar! Só que se eu faço tudo em espanhol eles sairiam daqui e iriam em outra missa porquê [...] “eu esperei pra ir na missa, o padre celebra em espanhol e não entendi nada. Então não fui na missa!”

Eu ia gerar uma situação conflituosa e não de harmonia, porque ele veio pro preceito da missa, aí veio para uma missa que não entende, então não posso obrigá-los. Por causa dessa situação que eu mudei, tenho que fazer esse jogo. Tenho que fazer esse jogo exatamente por isso, porque o espaço era deles, os outros que eram os que estavam vindo, então tenho que se adequar um pouco (MURILO ADÃO ABREU REIS, entrevista concedida em 08/08/2019, Corumbá-MS).

Desse modo, Padre Murilo passa a ser grande incentivador das trocas culturais na fronteira¹⁹, cria estratégias de integração para agradar a todos, bolivianos e brasileiros, e valorizar os costumes e tradições do país vizinho.

¹⁹ O padre foi homenageado diversas vezes pelo trabalho com migrantes em Corumbá.

Texto de despedida e agradecimento ao Padre Murilo:

<https://www.campograndenoticias.com.br/2020/11/29/obrigado-e-ate-breve-padre-marco-antonio/>.

Acesso em fev. 2021.

Homenagem a Padre Murilo:

<http://camaracorumba.ms.gov.br/noticia/camara-homenageia-padre-marco-antonio-por-trabalho-em-pastoral> Acesso em fev. 2021.

Projeto de combate ao tráfico humano coordenado pelo Padre:

<https://diarionline.com.br/?s=noticia&id=77150> Acesso em fev. 2021.

Prêmio Helô Hurt;

<https://www.corumba.ms.gov.br/2020/05/premio-helo-urt-valoriza-acoas-que-fortalecem-atuacao-feminina-na-sociedade/> Acesso em fev. 2021.

Homenagem as personalidades corumbaenses:

PASANTE 2

AS DIVERSAS FACES DE UMA VIRGEM

Então a Nossa Senhora se apresenta praticamente, se origina daquele povo onde surge uma devoção. Característica dela se assemelha ao povo. Vamos dizer Guadalupe, então ela é padroeira da América Latina, todos os traços dela remontam a população local. Nossa Senhora de Aparecida representa esse país, representa essa nação, seu povo, que são povos afrodescendentes. Característica com o povo local e é a mesma mãe de Deus.

E essa riqueza quando ela vai passando... a dimensão, como é grande.... Cada povo onde ela se apresenta, aparece caracterizada com aquele povo. Então mais uma vez essa mãe que nos ama, que quer sejamos felizes. Somos seus filhos amados. Então ela se identifica com o povo, com a caridade.

Aí nós temos Nossa Senhora de Aparecida, Virgem de Cótoca [...]característica com o povo local.

E isso é muito importante, é uma riqueza muito grande. Mostra que ela se identifica com a população local. A gente vê que realmente ultrapassa fronteiras!

(JOÃO OLIVEIRA VILA, entrevista concedida em 30/12/2020, Corumbá-MS).

Segundo o Padre João, as aparições marianas surgem com titulações distintas e em diferentes lugares e países. Uma mesma Virgem, de diversas faces, agrega também corpos, culturas, nacionalidades, línguas, etnias, cores e hábitos diferentes, contemplando, assim, as características dos povos locais.

A maioria do povo latino-americano são muito devotos, são muito religiosos. E principalmente à mãe de Deus. Tem missa, eucaristia, nós vamos, a gente reza, mas se é da Virgem. Porque a nossa sociedade é matriarcal, não é patriarcal. O europeu é um patriarca, nós já praticamente temos raízes, a mãe é importante, a matriarca!

Isso, essa devoção é muito mais forte no povo boliviano, no povo latino, porque é a mãe!

Nossa, eu lembro até hoje quando a gente ia, a gente celebrava esse amor, esse carinho que eles têm pela *Virgencita*. Emana aquele carinho e amor que tem.

É um povo que são religiosos, é importante. Desde pequenos somos educados a prestar nossa homenagem a Deus e a Nossa Senhora. (JOÃO OLIVEIRA VILA, entrevista concedida em 30/12/2020, Corumbá-MS).

Padre João justifica a devoção dos latinos à mãe de Deus em virtude do matriarcalismo. Para os andinos, essa figura de poder e devoção feminina remete principalmente à Mãe Terra, *Pachamama*.

O longa metragem “Marias” (2016), sobre as aparições marianas na América Latina, dirigido por Joana Mariani, descreve, de forma bastante sucinta, uma das possíveis razões de as sociedades latinas serem matriarcais: “as sociedades latino-americanas são, na sua maioria, sociedades sem pai”; afirmação também enfatizada por Padre João.

Para os bolivianos dos Andes, a *Pachamama* é uma divindade admirada e agraciada. A reciprocidade é a base da fé nessa divindade, ou seja, o boliviano agradece e/ou pede para a Mãe Terra, em troca faz oferendas diversas, como de alimentos, objetos, bebidas.

No Brasil a devoção à mãe de Deus também é significativa. Aparecida é, provavelmente, a deidade feminina mais devotada e conhecida.

Aparecida é negra a escravidão né, a questão do início do Brasil. Guadalupe tem traços indígenas, porque a de região indígena lá do México. Cotoca, todas essas, apesar de ter sido colonização europeia, acaba assimilando traços locais.

Urkupiña é no dia da Imaculada, da Assunção de Nossa Senhora. Cótoca é dia da Imaculada Conceição.

É a mesma, só muda o título de acordo com o país. Essas Marias trazem os traços culturais. Então a fé ela acaba enculturando, a fé acaba enculturando no local. E o título muda de acordo com o local, mas a celebração é a mesma que é pra Maria, mãe de Jesus (MURILO ADÃO ABREU REIS, entrevista concedida em 08/08/2019, Corumbá-MS).

Conforme as falas do Padre Murilo e do Padre João, os corpos e as diferenciações culturais em relação às aparições marianas correspondem às características do local e da população. Um exemplo é o de Nossa Senhora de Aparecida que apresenta em sua imagem a negritude afro-brasileira e a bandeira do Brasil em seu manto.

Em entrevista com Padre João, ele pontua essa diversidade na unidade (relativamente às Virgens). De acordo com o padre, há muitas representações e denominações das aparições marianas.

Participando na Paróquia de Fátima nas festividades da Nossa Senhora de Fátima fomos conhecendo muita gente, famílias devotas de Nossa

Senhora com títulos diferentes, como vemos Copacabana, Cótoca, Urkupiña, que é bem forte. Então fomos que também nos envolvendo. A mesma mãe de Deus. O povo traz consigo, carrega consigo isso (JOÃO OLIVEIRA VILA, entrevista concedida em 30/12/2020, Corumbá-MS).

O devoto Arthur também argumenta, por sua vez, sobre a representação da devoção mariana. Assinala que a relação evidencia trocas e mesclas culturais, ora conflituosas, ora amigáveis.

Que é uma coisa que vem vindo. E a Igreja ela se aproveitou desses momentos de fé e a Nossa Senhora virou Cótoca, Nossa Senhora virou Urkupiña, Nossa Senhora virou Caacupê, virou Fátima. Ela se aproveita das coisas que surgem e que já existem também, as próprias datas, Natal, fazia parte de uma festa que era abertura do tempo de sol, alguma coisa assim que se tinha de festa. Ela sempre usa as datas que alguns povos têm e transforma em datas festivas de santo.

O papel da Virgem Maria, a mãe de Cristo ela acaba sendo de Guadalupe no México, Caacupê no Paraguai. No Brasil mantém-se algumas coisas, só Aparecida que ela é desse jeito, o nome de aparecida porque ela apareceu. Mas Conceição é a concepção da Virgem Maria que vem no Natal. Então quando ela fala assim que ela já está grávida.

A Assunção e ela que é a luz do mundo Candelária, que é o candelabro. Então ele é em fevereiro, então eles pegam algumas datas e também vão fazendo com os próprios movimentos de fé, nas próprias regiões que eles têm (ARTHUR CASTELO, entrevista concedida em 07/08/2019, Corumbá-MS).

Essas são visões de distintos sujeitos – padres e devoto –, o que demonstra as diversas percepções acerca das devoções e, ao mesmo tempo, reafirma o papel da representação, aliada às características locais.

Outro fato interessante sobre a caracterização e a representação que cada povo faz refere-se à diferença de nominação em relação às Santas. Ao dialogarmos/entrevistarmos brasileiros ou lermos jornais locais de Corumbá, verificamos ser comum a denominação “Nossa Senhora”. Contudo, nas entrevistas e conversas com migrantes bolivianos, o termo utilizado é “Virgem”.

Conforme aponta Arthur Castelo:

[...] esses dias gravei sobre as Virgens, na verdade, eles falam as Santas bolivianas, na verdade são as Nossa Senhoras bolivianas que aqui no Brasil são as Nossa Senhoras e na Bolívia são as Virgens, nos países latinos em si, todos chamam de Virgem de Cótoca, Virgem de Urkupiña e Virgem de Copacabana (Diálogo informal via *WhatsApp* em 12/06/2021).

Na imagem apresentada na figura (inserir), a seguir, percebemos, relativamente às virgens bolivianas (Urkupiña e Cotoca), uma diversidade de corpos, cores, trajes e, em comum, a faixa com as cores da bandeira da Bolívia, o que sugere a territorialização dos migrantes bolivianos em Corumbá.

Para Bonnemaïson (1999, p. 99-100): “a territorialidade é compreendida [...] pela relação social e cultural que um grupo mantém com a trama de lugares e itinerários que constituem seu território”.

Figura 15: Virgens bolivianas



Fonte: Pesquisa de campo, 2019.

Observamos que, no manto da imagem de Nossa Senhora de Aparecida (padroeira brasileira), as cores e a bandeira predominam. Nas imagens relativas às virgens bolivianas também é visível, na maioria delas, as cores da bandeira boliviana (vermelho, amarelo e verde) no vestido e na faixa, o que fortalece a identidade nacional.

Na figura, as imagens da Virgem de Urkupiña são as representadas com o menino Jesus no colo; as da Virgem de Cotoca são aquelas em que não há representação

do menino Jesus. A Virgem de Copacabana não está presente na figura, em Corumbá há relatos de existirem apenas duas imagens da Santa²⁰.

Dentre as imagens, uma se destaca, o que demonstra algo citado por Padre João e por Padre Murilo no início desse *Pasante*. A Virgem mais centralizada, maior em comprimento, vestida de azul, sinaliza para fenótipos e características locais da população a qual representa, a dos bolivianos.

A mesa que serve de altar para as Virgens, forrada com as bandeiras do Brasil e da Bolívia, sugere a identidade do migrante boliviano e seu acolhimento na pátria vizinha que o recebe.

Na fronteira de Corumbá/Puerto Quijarro há extenso calendário de festividades em comemorações religiosas, principalmente às Nossas Senhoras: Nossa Senhora da Candelária, padroeira de Corumbá; Nossa Senhora dos Remédios, padroeira de Ladário; Nossa Senhora do Pantanal, padroeira do Pantanal; Nossa Senhora da Conceição, padroeira de Albuquerque (distrito de Corumbá); Nossa Senhora do Carmo, padroeira do Forte Coimbra (distrito de Corumbá); Nossa Senhora de Copacabana, padroeira da Bolívia; Nossa Senhora de Urkupiña, padroeira da Integração Nacional Boliviana; Virgem de Cotoca, padroeira do Oriente Boliviano; Nossa Senhora de Caacupê, padroeira do Paraguai.

Conforme considera Costa e Dias, a integração/inclusão das três nacionalidades (boliviana, paraguaia e brasileira) já faz parte do calendário do corumbaense:

[...] inclusão das festas em comemoração à Virgem de Urukupiña e das três bandeiras no calendário cultural de Corumbá, realizadas em 8 de dezembro, que são comemorativas das virgens Cotoca, Caacupê e Conceição (Bolívia, Paraguai e Brasil) (COSTA e DIAS, 2015, p. 237).

Em Corumbá percebem-se as diversas nacionalidades em uma mesma comemoração: à Virgem de Cotoca (Bolívia), à de Nossa Senhora da Conceição (Brasil) e à de Caacupê (Paraguai), elas são festejadas no mesmo dia, 8 de dezembro.

Essa tríade de nacionalidade das virgens era encontrada na extinta feira Bras-Bol²¹. Gustavo Villela Lima da Costa relata, em seu trabalho, a existência das virgens numa gruta.

²⁰ Esse fato será tratado no *Pasante* 3, no tópico 3.1 “Como surge a celebração à Virgem de Copacabana em Corumbá-MS”.

²¹ COSTA, G. V. L. 2013, p. 467-489.

Na Feira Bras-Bol há uma “gruta” onde foi montado um altar em que ficam lado a lado a imagem da Virgem de Urkupiña e a de Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil, e a da Virgem de Caacupé, padroeira do Paraguai, ressaltando o caráter fronteiriço da “feirinha” (2013, p. 479).

Figura 16: Gruta da extinta feirinha Brasbol



Fonte: Pesquisa de campo, 2020.

Na figura 6, visualiza-se a gruta citada por Gustavo Costa. As imagens das Virgens foram retiradas com a extinção da feirinha Brasbol, permanecendo só a gruta. Mas, por muitos anos, ali foi espaço de devoção dessa tríade de virgens. As referidas imagens são exibidas na celebração do dia 8 de dezembro, na Paróquia Nossa Senhora de Fátima, em Corumbá.

Atualmente, esse local ainda é uma referência identitária para os migrantes bolivianos, devotos da Virgem de Urkupiña. Em agosto de 2022 (pós-pandemia), algumas manifestações religiosas em homenagem à Virgem, como a celebração, iniciaram-se nesse espaço.

Figura 17: Nossa Senhora da Conceição, Virgem de Cotoca, Nossa Senhora Aparecida e Virgem de Caacupê



Fonte: Acervo da página do Facebook da Pastoral da Mobilidade Humana Corumbá-MS. Disponível em:
<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1334685940211386&set=pb.100010099777416.-2207520000..&type=3>. Acesso em mar. 2021.

Na figura 7, da esquerda para a direita, Nossa Senhora da Conceição (celebrada dia 8 de dezembro), Virgem de Cotoca (celebrada dia 8 de dezembro), Nossa Senhora de Aparecida (padroeira do Brasil, cuja comemoração se dá no dia 12 de outubro) e Virgem de Caacupê (celebrada dia 8 de dezembro). Elas são exaltadas, simultaneamente, contemplando as diversas devoções e nacionalidades.

Além do exemplo sobre a adoração das três virgens, em um mesmo altar-lugar, observamos que é possível também para um devoto, uma comunidade, uma família, uma cidade, uma paróquia celebrá-las num mesmo dia, como o que acontece na Igreja Nossa Senhora de Caacupê e na Paróquia Nossa Senhora de Fátima. Situação que apresentaremos nos tópicos, a seguir, destinados à descrição de cada uma das Santas.

2.1 Virgem de Copacabana

A história da Virgem de Copacabana²² relaciona-se à devoção do descendente Inca, catequisado pela igreja católica espanhola, Francisco Tito Yupanqui. Segundo Saavedra:

[...] Tito, na beirada do Lago Sagrado, meditando, viu repentinamente num reflexo nas águas azuis, uma imagem coroada com a diadema dos Santos.

Surpreso, voltou o olhar para a terra e seus olhos tropeçaram poucos passos atrás, com uma formosa jovem incaica, sustentando no seu colo, amorosamente, uma criatura belíssima. [...] Tito por sua vez voltou seus olhos em direção ao olhar da beldade inca, fitou as profundezas do lago e quando de novo voltou-se para avistar a misteriosa aparição, a jovem incaica tinha desaparecido como por arte de encantamento (SAAVEDRA, 1991, p. 72).

O trecho apresentado mostra as características de uma “jovem incaica”; mais uma vez, retomam as divindades os traços da população local, como observamos na visão de Tito – uma jovem descendente inca.

Os relatos narram que ele queria que a imagem de Nossa Senhora estivesse no altar da Capela de Copacabana:

Francisco Tito Yupanqui transformando a fé que iluminava sua alma em indomável penhor artístico entregou-se com ardente devoção à tarefa de modelar em argila a Santa Imagem, a imagem da sua “Mãezinha Candelária”, como carinhosamente a chamava (SAAVEDRA, 1991, p. 74).

Conforme Saavedra (1991), a primeira escultura teria ficado tosca e grosseira: “pelos resultados, exibida em público, mereceu reprovação geral, representava mais a boa vontade de Tito”. A imagem permaneceu num lado do altar por determinado período; porém, com a troca de sacerdotes da paróquia, ou seja, com a chegada de dom Diego Antônio de Montoro, a imagem, a seu mando, foi retirada do altar. Tal fato resultou no seguinte:

Humilhado Francisco Tito por este contratempo e aconselhado por parentes e amigos, marchou a POTOSI [...] Sem outras armas que as

²² Texto retirado da História da Virgem de Copacabana. Disponível em: <<https://cruzterrasanta.com.br/historia-de-nossa-senhora-de-copacabana/31/102/#c>>. Acesso em 08 out. 2018.

da Fé, sem outros recursos que o profundo amor à Puríssima Virgem da Candelária, certa manhã, Francisco Tito, abandonou o pequeno e frio povoado de Copacabana e, peregrino do Santo e Sublime Ideal, dirigiu-se a pé rumo a Potosi e Charcas (SAAVEDRA, 1991, p. 75) (grifos do autor).

Assim, motivado por familiares e amigos e decepcionado por ver sua escultura tirada do altar, Tito busca aprofundar-se nas técnicas de esculpir, marchando a Potosi e Charcas, sendo a última, a capital política e espiritual da Coroa Espanhola.

Em Potosi, Tito encontra um parente que o coloca no atelier do mestre espanhol, Diego de Ortiz de Guzmán. Aprende, ali, o manejo de ferramentas e o ofício de esculpir sobre madeira. Aprimora as técnicas de arte sacra e escultura e reproduz uma imagem de Nossa Senhora da Candelária. Ele “fez a maravilha, fez o milagre, o milagre de realizar na madeira, no material divino, no manguey²³, a onírica visão do lago” (SAAVEDRA, 1991).

Figura 18: Nossa Senhora de Copacabana esculpida por Francisco Tito Yupanqui



Fonte: Fotografia cedida pelo Padre Reitor da Basílica de Copacabana (SAAVEDRA, 1991, p. 94).

²³ Planta mexicana, utilizada para esculpir

A feliz notícia chegou à Copacabana, assim como a fama milagrosa da Virgem de Copacabana se espalhou pela América, dando, inclusive, nome a um dos bairros e uma das praias mais conhecidos do Brasil e do mundo. Na sequência, versões em que se apontam a chegada da imagem da Virgem de Copacabana ao Brasil:

A primeira versão faz referência à língua quíchua, falada no antigo Império Inca. [...] significa “lugar luminoso”, “praia azul” ou “mirante do azul”.

Outra hipótese diz que o termo é de origem aimara, língua que era falada na Bolívia. O significando é “vista do lago”. Na Bolívia, Copacabana é o nome dado a uma cidade situada às margens do Lago Titicaca, fundada sobre um antigo local de culto inca. Há relatos de que nesse local, antes da chegada dos colonizadores espanhóis, ocorria o culto a uma divindade chamada Kopakawana. Essa divindade protegeria o casamento e a fertilidade das mulheres.

No século XVII, comerciantes bolivianos e peruanos de prata [...] trouxeram uma réplica da imagem de Nossa Senhora de Copacabana para a praia do Rio de Janeiro. Sobre um rochedo, construíram uma capela em homenagem à santa. (DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, 2016, p. 1).

Segundo Saavedra:

Existe a hipótese sustentada por muitos estudiosos que, abastado mineiro do Alto Peru, que permanecera longo tempo na Espanha desfrutando sua fortuna, retornou à terra natal viajando pelo mar [...]. Ao se aproximar da costa brasileira, cujas praias já eram avistadas, sobreveio violenta tormenta ameaçando a embarcação de soçobrar. Nesses momentos angustiosos, em que todos se consideram perdidos e encomendavam a alma ao Criador, o mineiro Alto-peruano retirando do peito a medalha de Nossa Senhora de Copacabana, que sempre o acompanhava, pediu a todos os passageiros e tripulantes que, de joelhos, implorassem à Virgem perdão por seus pecados e a Sua proteção em tão grave perigo. Veio então o milagre: a tempestade cessou, dissiparam-se as nuvens e o navio avariado encalhou numa praia chamada Sacopenopã perto da cidade do Rio de Janeiro (SAAVEDRA, 1991, p. 112).

Uma outra versão, da costa do Pacífico, conta que, no início do século XVII, emissários do Governo Português vêm a Lima (nesse período, capital do principal Vice-reino da Espanha), para discutir demarcações de terras entre os dois governos. Ao ouvirem falar das maravilhas da Virgem, os emissários vão à Copacabana (nesse momento, território peruano) e levam consigo, na viagem de retorno, uma imagem da Virgem. José Saavedra narra o seguinte:

De volta à Europa pelas terras de Santa Cruz (Brasil), no início da viagem uma violenta tempestade não os deixou sair, levando o barco a se encalhar no areal de Sacopenopã. Em retribuição pelo milagre de não ter sucumbido em tão grave perigo, construíram uma ermida e deixaram a Imagem nestas belas praias, ou talvez a tenham deixado na Igreja da Misericórdia (1991, p. 139).

Desse modo, não se sabe exatamente quando e como a Virgem de Copacabana chega ao Rio de Janeiro. Deduz-se, também, que a fama da Virgem e a devoção de seus adoradores a levaram para longe – do Rio de Janeiro a Portugal e a Espanha.

Ninguém sabe quem a trouxe, mas o fato histórico aí está, a presença em pleno século XVII da Miraculosa Imagem de Nossa Senhora de Copacabana, trazida das alturas andinas, das margens do Lago Titicaca por devotos lusitanos, espanhóis ou altoperuanos, que certamente entusiasmados com o poder miraculoso e cheios de fé, criaram no Rio de Janeiro uma devoção, passando a Santa de Copacabana a repartir com os santos tipicamente portugueses de grande prestígio na época – Santo Antônio, São Francisco e o patrono da cidade, São Sebastião – a proteção aos habitantes da colônia (1991, p. 140).

Conforme aponta Lopez (2006), o Padre Fray Andrés de San Nicolás registra, em sua obra, intitulada *Imagen de N. S. de Copacabana portento del nuevo mundo, ya conocida em Europa*, que a Virgem de Copacabana era conhecida no continente europeu. Fray Andrés relata, em seu texto, que Miguel de Alguirre (também padre), leva uma imagem da Virgem para o *Colegio de Doña María de Aragón*, e que, mais tarde, leva outra imagem para o *Colegio Agustino de Alcalá de Henares* e outra ainda para o *Convento de San Agustín*, os dois em Madrid, na Espanha.

2.2 As outras Virgens

Além da Virgem de Copacabana (objeto central desse trabalho), outras virgens se destacaram nas falas dos entrevistados na fronteira Corumbá/ Puerto Quijarro. São elas: Urkupiña, pela quantidade de festeiros nos dois lados da fronteira; Cótoca, pelo aumento do número de devotos e festividades; Caacupê, por ser padroeira do Paraguai e possuir devotos nessa tríplice nacionalidade; Nossa Senhora do Carmo, por sua história bélica e por ser padroeira do Forte Coimbra; e Candelária, por ser padroeira de Corumbá e virgem originária da representação da Virgem de Copacabana.

A apresentação dessas virgens, na sequência, será feita tendo como base observações do campo, conversas e leituras efetuadas de autores, principalmente, do Mestrado de Estudos Fronteiriços de Corumbá/UFMS.

2.2.1 Virgem de Urkupiña

Os festejos à Virgem de Urkupiña são originários do município boliviano de Quillacollo (distante, aproximadamente, 364 quilômetros de La Paz), província de Cochabamba. Sua história mostra a aparição de Nossa Senhora:

l relato, semejante a otros relatos de apariciones de la Virgen cuenta que una mujer con un niño en brazos se apareció a una niña campesina que cuidaba sus ovejas en el cerro de Qota, en las afueras de Quillacollo. Un día la niña llegó al lugar de la aparición acompañada de sus padres, el cura y vecinos de esa localidad, al ver a la Virgen exclamaron: ¡Orqopiña!, expresión quechua que significa “ya está en el cerro” y que devino luego en Urkupiña. Pero al acercarse la Virgen desapareció dejando en su lugar una “piedra” en la que quedó grabada su imagen con el niño. La piedra fue llevada a la Iglesia de San Idelfonso en Quillacollo (BARELLI, 2001, p. 71).

Nesse relato de aparição, uma menina, pastorinha do morro de Qota, arredores de Quillacollo, é surpreendida com a imagem de uma senhora com uma criança nos braços. A menina conta aos pais, ao padre e vizinhos sobre o ocorrido, os quais, ao chegarem para verificar a aparição da tal “Senhora”, percebem que, quanto mais se aproximam, mais a mulher e a criança vão desaparecendo, ficando, apenas, a imagem gravada em uma pedra.

Outro relato similar aponta que o acontecido teria sido no dia 15 de agosto. Conta-se que, conforme as pessoas se aproximavam (pais da menina e vizinhos), a senhora e o menino subiam ao céu:

Os pais da pastorinha estranharam e compartilharam o fato com o sacerdote da paróquia e alguns vizinhos, quem decidiram verificar a veracidade do relato da menina. Um dia 15 de agosto, de surpresa, apareceram os pais e alguns vizinhos no lugar onde a menina pastoreava suas ovelhas. Grande foi a surpresa quando viram a pastorinha acompanhada da Senhora e seu filho. O assombro e incredulidade se apoderaram da gente, quando viram que lentamente a senhora e o menino começaram a subir aos céus (PREFEITURA DE CORUMBÁ, 2019, p 1).

Lembramos que as celebrações à Virgem de Urkupiña, em Corumbá, são muitas. Entre as virgens bolivianas, é a mais devotada e celebrada. O maior número de devotos justifica-se pelo local de origem, conforme ouvimos durante os diálogos em trabalho de campo e também segundo estudos de Sylvain Souchaud e Rosana Baeninger (2008, p. 284): “do ponto de vista econômico, são os *collas* os pioneiros do fluxo migratório para o Brasil, inclusive com expressiva inserção na sociedade de destino”.

O dia solene da aparição da Assunção da Virgem passou a ser dia 15 de agosto.

A festa em comemoração à Virgem de Urukupiña [...] é a celebração que se manteve mais fortemente em seus hábitos culturais na mudança de local de residência de um país para o outro. Nesse evento, os grupos tradicionais da Bolívia se deslocam para a cidade de Corumbá, para apresentações em desfiles e celebrações religiosas, como missas (que são realizadas em igrejas locais) e desfiles. A participação em novenas e festas também foi relatada como uma prática comum e são realizadas durante os nove dias que antecedem a essa data comemorativa (COSTA e DIAS, 2015, p. 233).

Em Puerto Quijarro, as festividades iniciam-se dia 14 com a *entrada* (apresentação dos grupos de danças e desfiles). Conforme afirma Ricardo Ferreira Martins:

A procissão se estende desde o Centro Comercial de Arroyo Concepción até a igreja Nossa Senhora do Rosário, em Puerto Quijarro. São mais de três quilômetros percorridos a pé, de forma dançante, com grande entusiasmo, alegria, roupas típicas, diversidade de grupos, ritmos e danças e farto consumo de cerveja (MARTINS, 2016, p. 35).

O dia 15 é reservado às missas, depois um segundo desfile; por último, há a celebração com comes e bebes: “[...] Após o término das cerimônias religiosas, as fraternidades realizam um segundo desfile, dessa vez rumo aos espaços reservados onde ocorrem suas festas particulares (SOUZA, 2018, p. 15).

O último dia de celebração, 16 de agosto, acontece entre os municípios de Puerto Quijarro e Puerto Suárez, num morro chamado de *Calvario*, conhecido localmente como “Paradero”, em virtude de ser próximo à parada do terminal ferroviário municipal (SOUZA, 2018).

Em Corumbá, a festa maior acontece no dia 15 de agosto, na antiga Feira Brasbol. Os festeiros, bailarinos, devotos se reúnem no início e seguem o desfile até o

seu término, no outro lado da fronteira, num salão de festas com muita música, dança, comida e bebida. Vale registrarmos que, em diversos bairros, há devotos que promovem missas, novenas e celebrações/festas em suas casas.

De acordo com Edgar Aparecido da Costa:

No dia 16 de agosto de 2012 os feirantes de origem boliviana organizaram a festa anual da Virgem de Urkupiña, padroeira de Cochabamba e da Integração Nacional da Bolívia, que reúne devotos não apenas bolivianos, mas também brasileiros. Essa santa “boliviana” já encontra adeptos na cidade de Corumbá, como podemos notar nos supermercados da cidade que vendem velas para Nossa Senhora de Aparecida lado a lado com velas da Virgem de Urkupiña, revelando processos de circulação cultural e de invenção de novas tradições na cidade (COSTA, 2013, p. 479).

O autor cita a questão de as velas para a Virgem de Urkupiña serem vendidas, assim como são vendidas as velas para Nossa Senhora de Aparecida, o que comprova a relevância da Virgem para a população fronteiriça.

Outra circunstância interessante e que demonstra resistência e fortalecimento dessa identidade boliviana é a relativa ao fato de alguns devotos da Virgem de Urkupiña iniciarem as celebrações em Corumbá, na antiga Feira Brasbol. A feira, que durante anos abrigou lojas dos feirantes, é um símbolo da presença boliviana no município, tendo sido extinta em 2013.

2.2.2 Virgem de Cotoca

Conta-se que, no final do século XVIII, três camponeses, acusados injustamente de homicídios, fugiram em direção ao rio Grande. Depois de caminharem mais de 150 quilômetros, os fugitivos pararam para descansar no Monte Asusaqui, a leste de Santa Cruz de La Sierra. Para escaparem do frio resolveram acender uma fogueira. Um dos jovens começou a cortar um tronco e percebeu que ele ecoava como se fosse um tronco oco. Resolveram todos golpear o tronco para descobrir o que havia dentro. Para surpresa dos jovens, dentro do tronco havia uma imagem da Virgem Maria, da qual saía uma enigmática luz. Sensibilizados, os fugitivos resolveram levar a imagem para seu patrão, desistindo da fuga. A fama do milagroso achado rapidamente se espalhou (CARLO ACUTIS, [s.d]).

Dentre as virgens bolivianas, populares em Corumbá (Urkupiña, Copacabana e Cótoca), a Virgem de Cótoca vem crescendo nas festividades e nas devoções. Ela, cuja comemoração ocorre no mesmo dia da Virgem de Imaculada Conceição (8 de dezembro), vem ganhando devotos também entre brasileiros.

Uma das razões para o crescimento das devoções, deve-se aos esforços do devoto e filho de bolivianos, Arthur Castelo, que relata: “na verdade ela era bem pequena... eu tenho feito ela difundir mais, então o que acontece, essas duas já estão consolidadas: Urkupiña e Copacabana, cada uma com sua forma” (entrevista concedida em 07/08/2019, Corumbá-MS).

Figura 19: Imagens da Virgem de Cótoca da novena na casa do devoto Arthur



Fonte: Foto retirada do facebook de Arthur Castelo, 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1805983926225492&set=pb.100004417052071.-2207520000..&type=3>. Acesso em mar. 2021.

A figura refere-se à celebração à Virgem de Cótoca, realizada por Arthur Castelo em 2019. Ele é um forte devoto e entusiasta das celebrações religiosas bolivianas.

Anualmente realiza novenas e festividades em homenagem à Virgem, sozinho ou na companhia de outros devotos.

Observamos, que nesse ano, algumas estátuas e quadros foram levados para a realização da celebração. Arthur comentou, durante conversas, que, além dele e do Anderson Muniz, outros migrantes vêm realizando celebrações anuais.

Os devotos de Cotoca crescem significativamente com a maior presença de *cambas* em Corumbá, enquanto a devoção às Virgens de Urkipiña e de Copacabana são mais devotadas pelos *collas*. Anderson Muniz, outro devoto da Virgem de Cotoca, expõe sobre a padroeira do oriente boliviano:

Na verdade, eu, por exemplo, não sou do ocidente. Eu sou do oriente, são os *cambas*.

[...] Cada cultura, nós levamos conforme o conhecimento da santa.

[...] Ela é a Caacupê do Paraguai, Nossa Senhora da Conceição e é Cotoca que é a mesma santa (ANDERSON CORRALES MUNIZ, entrevista concedida em 09/08/2019, Corumbá-MS) (grifos nossos).

Ressaltamos que, além das Virgens de Copacabana, Urkupiña e Cotoca, a Virgem de Caacupê (padroeira do Paraguai) tem sua representatividade em Corumbá. Há uma paróquia em homenagem à Virgem na cidade, onde o entrevistado João Oliveira é sacerdote.

2.2.3 Virgem de Caacupê

A história em torno da aparição da Virgem de Caacupê diz que, em 1600, um índio escultor, convertido pelo Cristianismo, ao caminhar pelas montanhas, foi capturado por “índios pagãos”, mas conseguiu escapar e se escondeu (AMAMBAINOTÍCIAS, 2019, p. 1).

João Rangel Marcelo (2006, p. 50), mestre em Comunicação e Cultura, expõe em seu trabalho esse momento do nascimento da devoção à Virgem de Caacupê. Segundo o autor, o indígena guarani, ao adentrar a floresta em busca de madeira para entalhar, percebe um grupo de inimigos que caçavam, indígenas Mbayá. O indígena, assustado, escondeu-se atrás de uma árvore e prometeu à Virgem que, se não morresse, entalharia uma imagem dela com madeira do tronco que lhe serviu de esconderijo. Inexplicavelmente, o grupo Mbayá passa direto pelo esconderijo e não avista o guarani.

A “lenda assegura que o índio se tornou invisível ante aos olhos dos ferozes caçadores que passaram pelo lugar”.

Outro relato da presença da Virgem é de 1603, pós-enchente do Lago Tapaicuá:

Durante a grande enchente do Lago Tapaicuá, em 1603, todo o vale de Pirayú foi inundado e a força das águas arrastou tudo por onde passava. Surpresos, os habitantes da pequena aldeia e o índio escultor, trataram de retirar as crianças, os velhos e os mais fracos. Depois não conseguiram salvar mais nada, nem mesmo a pequena imagem de Nossa Senhora que viram ser levada pela correnteza. Quando as águas recuaram, eles pensaram em abandonar o local, pois as casas estavam quase destruídas. Entretanto, desistiram ao constatar que a imagem da Santíssima Virgem milagrosamente voltara ao mesmo lugar (AMAMBAINOTÍCIAS, 2019, p. 1).

Conforme o apontado, a Virgem de Caacupê é padroeira do Paraguai. Sua comemoração acontece no dia 8 de dezembro, tal como a da Virgem de Cotoca, da Bolívia, e a de Nossa Senhora da Conceição, no Brasil.

Em Corumbá, a Igreja de Caacupê, cujo pároco é o padre João Oliveira, passou a ser Pró- Catedral de Corumbá em agosto de 2018, em caráter provisório. Isso ocorreu em virtude da reforma da Catedral Nossa Senhora da Candelária, iniciada em 2017 e sem data para conclusão.

Figura 20: Virgem de Caacupê e Padre João Oliveira



Fonte: Pesquisa de campo, 2020.

Sublinhamos que a valorização das diversas nacionalidades fronteiriças é demonstrada pelas estátuas/imagens que as representam. Tanto as virgens bolivianas, quanto a virgem paraguaia carregam consigo faixas, cores e/ou bandeiras dos seus países.

Na Igreja de Nossa Senhora de Caacupê, por exemplo, esse reforço identitário é notado logo na entrada. Verificamos, na figura 11, que a estátua, com mais de um metro de altura, tem em sua base uma listra com as cores da bandeira do Paraguai (azul, branco e vermelho). Esse elemento simbólico reforça o papel e a presença dos migrantes paraguaios em Corumbá, apesar de a maioria dos frequentadores da igreja não serem paraguaios.

Em entrevista, Padre João relata que o público da Igreja Nossa Senhora de Caacupê é formado, em sua maioria, por corumbaenses e que muitos são devotos de Caacupê, lotando a Igreja no dia 8 de dezembro, dia de sua missa e celebração: “Aqui nós temos a Nossa Senhora de Caacupê, os brasileiros também têm essa devoção por

ela, dia 8 aqui lota, quando tem a festa dela, a novena, o pessoal vem e participa” (entrevista concedida em 30/12/2020, Corumbá-MS).

Outra Virgem que tem um número significativo de devotos e é citada quando o tema são as manifestações religiosas, é a Nossa Senhora do Carmo, principalmente no distrito de Forte Coimbra, como veremos no próximo tópico.

2.2.4 Nossa Senhora do Carmo

Nossa Senhora do Carmo, em Corumbá, está associada a um histórico bélico-militar; ela é Padroeira do Forte Coimbra²⁴(distrito de Corumbá). Atribui-se à Nossa Senhora do Carmo as bênçãos concedidas durante os ataques dos portugueses aos espanhóis e paraguaios, nos anos de 1801 e 1864.

O memorialista e antigo general brasileiro, Raul Silveira de Mello, que se dedicou a estudar o Forte Coimbra, narra cronologicamente os episódios que ocorreram em torno dos milagres da Virgem.

São seis momentos em anos distintos, de 1775 a 1864. O primeiro momento relaciona-se à fundação do antigo presídio (1775), quando o capitão Mathias Ribeiro da Costa erra, ao construir o prédio a 292 km acima do local escolhido, considerando o curso do Rio Paraguai; esse equívoco permitiu que o presídio resistisse às condições ambientais, um milagre atribuído à Virgem (MELLO, 1958, p. 4, apud ALMEIDA, 2019, p. 92).

O segundo milagre acontece em 1777: o presídio pega fogo e é destruído completamente; o incidente é considerado um aviso da Virgem sobre as condições precárias da construção (madeira e palha), que deveriam ser melhoradas. Contudo, a reconstrução fica exatamente igual à anterior. Um ano depois (1778), com as precárias condições do presídio e com a agressiva relação entre indígenas e portugueses, ocorre um ataque, forjado pelos Guaicurús, que resulta na morte de 54 soldados. Esse massacre é visto como um segundo aviso da Virgem (MELLO, 1958, p. 4, apud ALMEIDA, 2019, p. 92).

²⁴ Distrito de Corumbá, o Forte Coimbra foi edificação militar fundada em 1775, no curso do Rio Paraguai. O Forte foi fundado pelo português Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres para controlar o avanço dos espanhóis e inibir a ação dos índios Paiguás.

O quarto episódio descreve a tática do comandante do presídio para aproximação com os indígenas:

O então comandante do presídio, Major Joaquim José Ferreira, abolindo a ríspida maneira como até então eram tratados os indígenas pelos soldados e utilizando-se de tática amistosa, promove um pacto de amizade que é assinado pelos Guaicurus junto ao capitão-general. Obra atribuída à Virgem, que visando o bem de ambos, promove a paz através da aliança amistosa entre portugueses e indígenas (MELLO, 1958, p. 7, apud ALMEIDA, 2019, p. 92).

O quinto momento, em 1801, narra o ataque espanhol ao Forte. Após nove dias de ataques e com vantagens em relação aos portugueses, os atacantes batem em retirada e desistem da luta. “O inexplicável recuo espanhol teria sido mais uma das intervenções atribuídas à Nossa Senhora do Carmo, a qual estaria protegendo a fortificação” (MELLO, 1958, p. 8 apud ALMEIDA, 2019, p 93).

O sexto e último milagre descreve o ataque e a ocupação ao Forte pelos paraguaios em 1864:

A principal intervenção atribuída à Santa ocorreu em meio às batalhas da Guerra da Tríplice Aliança, quando disposta a resistir ao ataque, dona Ludovina, esposa do então comandante Portocarrero, apela para ajuda espiritual, e movida por sua fé e devoção à Nossa Senhora do Carmo, chega a seu marido e tira-lhe a banda (uma faixa vermelha usada pelos oficiais) colocando-a na imagem da Santa, ato simbólico representando que esta agora era a responsável pelo comando e proteção do Forte. Não bastando esta atitude, dona Ludovina em um ato decidido, entrega a imagem a um soldado e músico chamado Verdeixas, que, seguindo suas ordens, sobe na muralha do Forte expondo-a à contemplação dos atacantes e gritando “Viva Nossa Senhora do Carmo”. Movidos pela forte devoção à Santa, os paraguaios imediatamente cessam fogo e respondem “*Viva Nuestra Señora del Carmen*”. Com a munição já esgotada, o comandante decide partir em retirada durante a madrugada, saindo com a embarcação *Anhambá* rumo à Cuiabá sem serem percebidos pelos paraguaios e com sua tropa sem ter sofrido nenhum dano durante os dias de batalha (MELLO, 1958, p. 11, apud ALMEIDA, 2019, p. 93) (grifos do autor).

O site da Prefeitura de Corumbá, na data comemorativa à Virgem, traz a reportagem que descreve, tal como Raul Silveira de Mello, os milagres atribuídos à Santa:

Na primeira batalha, a Santa teria livrado a guarnição militar do Forte, que contava com 110 homens, cinco canoas e três canhões, de um massacre no dia 17 de setembro de 1801, quando o exército espanhol formado por 600 homens, navios e 30 canhões, tinha ordem de ocupar

o lugar na disputa pelo território com Portugal. Após nove dias de batalha, os espanhóis venceram, mas, bateram em retirada ao verem a imagem da Santa na entrada do Forte.

A segunda manifestação ocorreu durante a Guerra do Paraguai. No dia 28 de dezembro de 1864. A tropa paraguaia, com 3,2 mil homens, 41 canhões, 11 navios e farta munição cercou o forte. Os brasileiros, com 149 homens, resistiram até o segundo dia, quando um soldado exibiu a imagem da Santa na muralha do forte e os inimigos suspenderam o fogo, permitindo a fuga dos sobreviventes (PREFEITURA DE CORUMBÁ, 2012, p. 1).

Figura 21: Imagem de Nossa Senhora do Carmo no Forte Coimbra



Fonte: Pesquisa de campo, 2018.

Conforme a figura 11, a imagem da Santa foi colocada de frente, estrategicamente, numa posição voltada para o local de onde os paraguaios atacaram durante a Guerra do Paraguai. Isso sinaliza para seu papel relevante nas comemorações do Forte.

Atualmente as celebrações à Nossa Senhora do Carmo acontecem nos dias 15 e 16 de julho, no Forte Coimbra. As festividades são organizadas em parceria entre os moradores locais, Exército Brasileiro e a Fundação de Cultura de Corumbá.

Durante trabalho de campo, realizado em julho de 2018, em parceria com a Fundação de Cultura de Corumbá, a autora participou dessa celebração. No período de estada no Forte Coimbra (14 a 17 de julho de 2018), e em entrevista com a população civil do Forte (visto que a maior parte dos moradores é composta por militares integrantes da unidade militar da 18ª Brigada de Infantaria da Fronteira), foi possível percebermos um esvaziamento da população civil, por motivos diversos: jovens que buscam a cidade de Corumbá; falta de estrutura para educação, saúde e renda; dificuldades de transporte para a cidade de Corumbá (visto que é mais ou menos uma hora e meia de lancha rápida) e maior ocupação militar no Forte.

Outro fato interessante diz respeito à falta do protagonismo da população civil na organização e execução da celebração à Nossa Senhora do Carmo. Após a missa, a Santa percorre todo o Forte em procissão, trecho feito por militares; desde o carregamento da Santa até as homenagens concedidas a ela são majoritariamente feitas por militares.

A população civil também se queixa do controle dos militares na decisão de quem serão os participantes da festividade. Uma vez que para se chegar ao Forte é preciso de embarcações, esse transporte, durante a festividade, é feito majoritariamente pelo Exército e pela Marinha, que priorizam o acesso a militares e suas esposas (os) e filhos e não à antiga população do Forte que hoje reside na cidade de Corumbá, ou a familiares/devotos das famílias civis do Forte.

Quando perguntado ao professor Mateus Antônio sobre esse esvaziamento da população civil e sobre o afastamento (promovido pelo Exército e pela Marinha) da população civil em relação à Santa, ele informa:

Até porque o processo de esvaziamento da população civil lá é um processo real e que o exército inclusive está tentando acelerar esse processo.

Então é bem provável que sim. Embora toda a mítica da festa da Nossa Senhora do Carmo ela ser uma festa bélica, de uma origem bélica, mas ela tava mais muito mais entranhada por conta da duração do tempo lá do Forte na população civil, uma vez que os militares a questão da rotatividade deles impedem que criem maiores raízes ali e devoção seja passada para os seus filhos, por exemplo, mas é bem provável que essa tristeza deles tenham muito mais sentido do que

qualquer outra coisa (MATEUS ANTÔNIO MARTON OLIMPIO, entrevista concedida em 17/02/2021, via *Google Meet*).

Conforme observação em trabalho de campo, realizado pela autora, e relato do professor, é notável a insatisfação, por parte da população civil²⁵, em relação ao papel do Exército na celebração à Nossa Senhora do Carmo. Isso se deve, principalmente, ao domínio que esses militares exercessem durante a celebração à Virgem.

Eles são responsáveis por grande parte dos rituais de comemoração e pela escolha de caronas e hospedagens. Para se chegar ao distrito, durante os períodos de cheia, são necessários barcos ou lanchas; por isso, grande parte das pessoas que vêm e vão dependem do Exército, da Marinha ou de freteiros de barcos.

Outra dependência da população para com o Exército, são as hospedagens. O distrito não dispõe de pousadas ou de hotéis e o exército tem alojamentos que podem ser cedidos para os referidos devotos. Porém, a maior parte das estadias são direcionadas aos militares e a suas esposas e filhos, o que dificulta a vinda de devotos ou de familiares dos moradores para a celebração à Nossa Senhora do Carmo.

Em 2018, durante ainda trabalho de campo da autora, em conversas informais, ouvimos algumas insatisfações da população local em relação às pessoas que os barcos do Exército e Marinha trouxeram. Os convidados foram os militares, suas esposas e filhos, o que impediu a disponibilização de vagas para os familiares da população moradora do Forte.

Outra observação feita pela autora, foi a relativa ao papel dos militares na realização da celebração. Embora os moradores sejam responsáveis pela decoração, organização e infraestrutura, após a missa são os militares que carregam o andor com a Santa até um outro local. Nesse local os militares são os encarregados pelas homenagens, o que tira a oportunidade dos moradores locais de terem papel nesse momento devocional. Nesse contexto, é perceptível a disputa entre civis e militares do Forte relativamente à devoção, organização da celebração e afeto a Santa.

Nossa Senhora do Carmo é a padroeira do Forte, mas em Corumbá a padroeira é Nossa Senhora da Candelária, que tem sua comemoração no dia 2 de fevereiro. É importante lembrarmos a relação umbilical entre Nossa Senhora da Candelária e a Virgem de Copacabana: a devoção à Virgem de Copacabana, assim como o nome –

²⁵ Para mais informações: <https://www.campograndenews.com.br/politica/moradores-denunciam-derrubada-de-casas-no-forte-coimbra-e-cobram-exercito>. Acesso em: 22 de jan. 2021.

Copacabana – têm origem quando se instala, na capela de Copacabana, na Bolívia, a imagem de Nossa Senhora da Candelária.

2.2.5 Nossa Senhora da Candelária

Sobre a história de Nossa Senhora da Candelária, conta-se que, por volta de 1440, dois pastores recolhiam seus animais próximos a uma caverna, nas Ilhas Canárias; de repente, perceberam que o gado se recusava a entrar na caverna. Curiosos, os pastores entraram e viram a imagem de uma mulher com o filho nos braços (PREEITURA DE CORUMBÁ, 2009).

Surpresos, correram para relatar à população, que foi até à gruta constatar o acontecido. Ao chegarem ao local, todos, inclusive, o rei do país, ficaram maravilhados com as inúmeras candeias (velas) em torno da mulher e seu filho.

Começaram os nativos a honrar aquela que amavam sem conhecer, até que um cristão espanhol, casualmente, ali desembarcou nos fins do século XV e explicou-lhes o mistério. Pouco depois, foram as ilhas conquistadas pelos castelhanos e, quando os Padres Jesuítas chegaram, não tiveram trabalho em converter aquele povo já tão devoto de Maria, a quem deram o título de Candelária, por causa das candeias que iluminavam a imagem (PREFEITURA DE CORUMBÁ, 2009, p. 1).

As celebrações à Nossa Senhora da Candelária, padroeira de Corumbá, acontecem anualmente na Catedral da cidade. A Catedral, construída em 1872 pelo Frei Mariano de Bagnaia, durante o período do Brasil Imperial, foi tombada, em 7 de agosto de 2017, e é reconhecida como Bem do Patrimônio Histórico Material de Mato Grosso do Sul. A seguir, nas figuras 13 e 14, imagens de Nossa Senhora da Candelária e da Catedral, respectivamente.

Figura 22:Nossa Senhora da Candelária



Fonte: Pesquisa de campo, 2020.

Figura 23: Catedral Nossa Senhora da Candelária em Corumbá



Fonte: Pesquisa de campo, 2020.

Enfatizamos que Nossa Senhora da Candelária e a Catedral revelam forte relação com a devoção à Virgem de Copacabana:

Em Corumbá, porque a parte da fé, a missa, que é o momento de consagração da Virgem essa coisa toda é feita aqui, em Corumbá. Primeiramente na Igreja de Candelária. Porque na verdade, a Virgem de Copacabana ela é Candelária. Ela é festejada no dia 02 de fevereiro. Sendo que ela é festejada também dia 06 de agosto, no dia da pátria, por ela ser a padroeira da Bolívia oficialmente (ARTHUR CASTELO, entrevista concedida em 07/08/2019, Corumbá-MS).

Conforme o relato de Arthur, e observando a história da Virgem de Copacabana, relembramos que o nome Copacabana, dado à imagem de Nossa Senhora da Candelária, esculpida por Francisco Tito Yupanqui, é usado em substituição ao de Candelária, na medida em que a Santa é adotada e referenciada pela cidade, passando a ser nomeada Virgem de Copacabana.

Após apresentadas as principais Virgens, analisadas durante os trabalhos de campo, daremos continuidade à nossa celebração e descreveremos, na sequência, o surgimento da devoção à Virgem de Copacabana em Corumbá.

PASANTE 3

“ESSA SANTA É BRABA”: A TERRITORIALIZAÇÃO DA VIRGEM DE COPACABANA EM CORUMBÁ

[..] lembrei da Santa de Copacabana e falei assim “ahh Mamita se você não me deixar operar, se você me tira tudo bem daqui eu prometo que vou fazer uma casa. Uma urna de vidro pra você e sempre vou tá agradecida por isso daí. Mas não deixa o doutor me operar. Se me operar o que vai ser dos meus filhos? Aí fui assim andando, andando. Até que chegamos lá, tiramos o raio X que não saiu nada! Nada! O médico ficou admirado porque estava há tantos dias jogadas e não baixava inflamação e a pedra que estava acumulada. E quando ele tirou não tinha e até hoje não tem nada!” (ANA GARCIA MARTON, entrevista concedida em 29/12/2020, Corumbá-MS).

A “crise²⁶” iniciática ou de conversão, como relata Yvonne Maggie (2001), aqui acontece com o primeiro contato de devoção de Dona Ana e “Mamita”: “Eu tava doente! Tinha que operar da vesícula. Tava passando mal! O médico assinou o papel de fazer a operação, mas era com risco”, explica Dona Ana Gonçalves Mendonça em entrevista (29/12/2020, Corumbá-MS).

Ana conta, ainda, que, meio sonolenta, às vésperas da possível cirurgia, viu em seu quarto uma *dona* de saia, dizendo: “é pra sair rápido, não é para você ficar demorando”. Ela intui que seja a Santa, a Virgem de Copacabana.

Devido à necessidade de operar a vesícula, procedimento com risco cirúrgico, Dona Ana clama à Virgem de Copacabana que a ajude para que não precise passar por cirurgia; e, conforme ela mesma relata, foi atendida, fato que surpreendeu até o médico responsável pelo caso:

O médico me deu de alta, foi nove horas. Ficou admirado, falou assim: “Dona Ana, puxa você tem um espírito forte! Porque não tá saindo nada na radiografia, você não vai se operar mais. É um milagre! Deus tá te dando uma nova vida!” (ANA GARCIA MARTON, entrevista concedida em 29/12/2020, Corumbá-MS).

²⁶ Quando citamos a “crise” de Maggie nos referimos ao livro *Guerra de Orixás*. O livro é baseado em pesquisa de mestrado que ocorreu em um terreiro da zona norte do Rio de Janeiro. A etnografia feita pela autora relata a observação de campo, de junho a setembro de 1972. Nesse período ela acompanha a “crise”, termo utilizado pela autora para abordar os diversos conflitos ocorridos com um grupo social estudado. Quando mencionamos a “crise” iniciática de Dona Ana, estamos nos referindo aos acontecimentos e conflitos que a levaram a fazer a promessa e virar devota da Virgem de Copacabana.

Dona Ana conta sobre a reação, também, de seu esposo ao buscá-la no hospital, ele ficou surpreso com a melhora e a alta repentina de sua esposa:

Ah!, quando meu esposo tinha que vir depois da operação pra ver se tá vivo ou morto. Aí quando me deu de alta, eu sozinha saí andando. Eu morava sempre aí, eu morava nessa vila. Quando meu marido me viu quase caiu de costas! Falou: – Ana, o que foi? Você fugiu? Cheguei chorando, falei: não! Eu pedi pra Santa. Uma dona de saia se apresentou, falou que não era para ficar muito tempo, que era pra sair. Então deve ser que era ela. Aí desse momento que falei com meu esposo, falei um negócio: – você sabe que Miguel tem a Santa? Pedi para ela! Será que ela fez esse milagre? Meu esposo me abraçou, chorei e nessa chegou um compadre que tenho e falou assim: – Comadre, você saiu? [...] saí bem palito, com 52 quilos, palito! (ANA GARCIA MARTON, entrevista concedida em 29/12/2020, Corumbá). -MS).

A data da promessa Dona Ana não soube detalhar com precisão, mas diz que foi por volta do início das festividades da Santa em Corumbá (entre 2002 e 2003). Nessa época a imagem da Virgem ficava na casa de Miguel (seu primo) dentro de uma sacola.

É só que prometi pra Santa fazer uma urna de vidro, uma casa de vidro. Porque ela tava numa sacola, a santa. Meu compadre: – Comadre, pra que que você prometeu? Essa Santa é brava! Se você falou, você já vai ter que fazer. Falei: – E agora? Eu não tenho? Realmente eu não tinha dinheiro! Meu esposo e meu filho trabalhava, mas não tínhamos dinheiro. Falei: – E agora, não tenho dinheiro! No mínimo eu achava que era uns cem, cento e cinquenta reais. Mas essa semana eu vou poder fazer isso! (ANA GARCIA MARTON, entrevista concedida em 29/12/2020, Corumbá-MS).

A fala do compadre de dona Ana: “essa santa é braba!” e a de Dona Lidianie²⁷: “essa santa é muito ciumenta” são características e comumente repetidas pelos devotos da Virgem. Desse modo eles descrevem a Santa como “milagrosa”, como “Mamita”, mas também como “braba” e “ciumenta”; fato que a desvincula de uma visão imaculada e a associa (a naturaliza) aos seres humanos, ao dispor de sentimentos e ações/cobranças. A fala afirmando, por exemplo, que a Santa é “braba”, pode ainda sugerir temor e obediência:

Meu compadre falou: – Não! Tem que ser hoje! Você não conhece essa Santa, é braba! Eu vou te emprestar o dinheiro. E ali tomei banho, me levou direto para fazer a urna da santa..

²⁷ Entrevista realizada no dia 29/10/2020, Ladário-MS.

Uma urna de vidro. E sabe o que que aconteceu na hora de fazer a urna que os vidros, especificamente só para ela. E tinha só esse pedaço! *Color* céu! E saiu lindo, lindo a casa dela! Era de vidro bonita! Aí eu levei ela lá, depois desse dia que nunca mais fiquei doente. Nunca mais me operei, nada! (ANA GARCIA MARTON, entrevista concedida em 29/12/2020, Corumbá-MS) (grifos nossos).

Após cumprida a promessa: fazer a urna para abrigar a Santa, Dona Ana se tornou devota de Copacabana, fator importante para o fortalecimento das celebrações da Virgem em Corumbá, visto que, quando se fala da festa da Virgem de Copacabana, o primeiro nome a ser citado é o de Dona Ana.

3.1 Como surge a celebração à Virgem de Copacabana em Corumbá-MS

Conforme relatou Dona Ana, a Santa pertencia a seu primo, Miguel Alves Costa. Ele ganhou a Santa de presente em 2001; seu companheiro, Diego Albertino, que trouxe de Santa Cruz de La Sierra (aproximadamente 655 quilômetros):

Meu primo ganhou de presente. Quem foi primeiro foi meu primo Miguel, aí ele deu a Santa pra mim e eu comecei a fazer, foi meu primo que fez primeiro, o Miguel. Ele não mora aqui. Morava, agora não mora (ANA GARCIA MARTON, entrevista concedida em 29/12/2020, Corumbá-MS).

Nos relatos (em notícias de jornais e em entrevistas com devotos/simpatizantes) sobre o surgimento da celebração em Corumbá, Miguel Alves Costa aparece como primeiro *pasante* da festa. Ele teria feito, pela primeira vez, em 2002; depois Dona Ana teria sido escolhida para abrigar a “*Mamita*” e continuar as celebrações.

Lidiane, a dançarina das festividades de Urkupiña e Copacabana e mãe do atual coordenador do *bloque* 6 de agosto, argumentou, em entrevista, que o primeiro *pasante* seria Diego Albertino, companheiro de Miguel Alves Costa e responsável por trazer a imagem para Corumbá:

Ele que fundou (Diego) *la fiesta* na Corumbá, trouxe *la Virgenzita*, *la* Nossa Senhora, lá de La Paz. Então *ese* foi primeiro *pasante*, *después* não sei quem que era. Foi bastante que já passaram, foi muitos *ya*. Então *ese* criou *ese* cultura de La Paz, *la fiesta* que é *muy* bonita

(LIDIANE ASSIS PIRES, entrevista concedida em 29/10/2020, Ladário-MS).

Arthur Castelo que, em entrevista, relatou a origem da chegada da Santa e da festa, também cita Miguel, Diego e Dona Ana:

Miguel Alves Costa e Diego Albertino. O Diego ele tava, acho que em Cochabamba ou La Paz e de lá ele trouxe essa imagem aqui para Corumbá. Ele é cabelereiro... Tem o Miguel. Começaram aí com dona Ana, quem trouxe a imagem foi o Diego. Então através dele... Agora ele voltou para La Paz.

O Miguel na verdade ele tem uma conveniência na Bolívia, em Quijarro **[fronteira entre Brasil e Bolívia]**.

Eles foram um casal. Acho que agora não são mais.

Eles chegaram a ser *pasantes*, os primeiros *pasantes*. E depois já em 2014, eles já foram de novo. Aí foram eles que trouxeram. Aí começou a festa. (ARTHUR CASTELO CASTEDO, entrevista concedida em 07/08/2019, Corumbá-MS) (grifos nossos).

Assim, segundo os relatos, os responsáveis pela vinda da imagem para Corumbá são Miguel e Diego. Eles e dona Ana são sempre citados quando o assunto é a celebração à Virgem.

Diferentemente do que ocorre em relação às Virgens de Urkupiña e de Cotoca, das quais existem várias imagens em Corumbá, no que se refere à Virgem de Copacabana, só a imagem da festa foi vista. Fica evidente o favoritismo da Virgem de Urkupiña e a crescente devoção à Virgem de Cotoca, assim como a tímida quantidade de celebrações à Virgem de Copacabana.

Nos diálogos e entrevistas, a *questão geográfica* aparece sempre como um forte indício. As virgens Urkupiña e Cotoca seriam populares entre os *cambas*, ou seja, bolivianos vindo do lado oriental (corresponde aos departamentos de Santa Cruz de La Sierra, Beni, Tarija e Pando); enquanto a Virgem de Copacabana é mais estimada entre os *collas*, bolivianos do lado ocidental (composto pelos departamentos de Potosi, La Paz, Oruro, Chiquisaca e Cochabamba).

Aparentemente o grupo de devotos da Virgem de Copacabana é majoritariamente oriundo de La Paz, como Dona Ana; seu esposo, Ricardo; seu filho, Leandro; seu primo, Miguel; sua comadre, Rosana e seu falecido marido.

Quando questionada sobre essa unicidade de festividade e de imagem da Santa, Dona Ana disse existir outra imagem:

Tem uma *dona* que tem, lá em cima, mas ela nunca faz festa. Ela fala que tem medo que alguém rouba dela. A dela é bem antiga também.

A última vez que levamos a Santa para trocar de roupa, um compadre meu trouxe a Santa, enquanto a outra estava e trocando roubaram a Santa.

Ninguém sabe quem que roubou, o que que foi (ANA GARCIA MARTON, entrevista concedida em 29/12/2020, Corumbá-MS).

Dona Ana foi a única pessoa a relatar esse ocorrido. O ano do furto ela não se lembra (mas alega ser bem no começo das celebrações, aproximadamente 18/19 anos), mas diz que depois disso a *dona* que tem a outra imagem não quis levar a santinha dela para participar das missas e de celebrações.

Ao fazermos levantamento em *sites* sobre o furto relatado por dona Ana, nenhuma notícia apareceu nos jornais locais, mas um outro furto chamou-nos a atenção. No dia 22 de abril de 2013, em Copacabana, na Bolívia, a coroa e os adornos foram roubados da estátua de Nossa Senhora de Copacabana na Basílica de mesmo nome. É comum as virgens bolivianas ganharem de seus devotos joias, vestidos e outros presentes:

Todo ano tem algum *pasante* sempre dão joias pra ela. Tanto que quando era criança eu achei uma corrente e um anel na festa jogado, depois que terminou a festa que eu que recolhia lá.

Tanto que foi eu que dei a primeira joia, na época eu era criança, era muito novinho. Mas pelo que me lembro assim, tem uns 14 ou 13 anos (LEANDRO MARTINEZ, entrevista concedida em 29/10/2020, Corumbá-MS) (grifos nossos).

Conforme observa Leandro, devoto e filho de dona Ana, ele foi o primeiro a presentear a Santa de Corumbá. Disse que, inclusive, quando criança encontrou joias no final da festa da Virgem e presenteou-a.

Figura 24: Virgem de Copacabana com suas joias



Fonte: Pesquisa de campo, 2022

Conforme a figura 14, observamos as joias que a Virgem carrega: brincos, gargantilha, anel e um pingente grande em formato de Lua.

O ato de presentear a Santa com joias é costume entre os devotos e está intimamente ligado à cosmologia do povo andino. A Pachamama²⁸, “a Mãe-Terra que gosta de receber presentes (SILVA, 2005)” é uma evidência dessa herança cultural. Não se verifica, por exemplo, o hábito, no Brasil, de presentear/adornar Nossa Senhora de Aparecida com joias, com vestidos e perucas; isso, possivelmente em razão da herança colonizadora portuguesa.

²⁸ *Pachamama* ainda hoje é uma importante entidade sagrada para as sociedades andinas, atuando sobre os elementos da natureza. Também conhecida como Mãe-Terra, ou Madre-Tierra, foi concebida como uma entidade feminina cujos atributos sagrados remetem a terra, a fertilidade e a abundância (SOUZA, 2018, p. 24).

Figura 25: *Pasante* colocando o broche na Virgem



Fonte: Pesquisa de campo, 2022.

A figura 15 mostra um *pasante*, que, ao término da missa, coloca o broche na Virgem, ajeita o vestido para levá-la ao desfile folclórico. Cada detalhe é cuidado para que a Santa esteja “*muy hermosa*”, como dizem os devotos.

Pontuamos que a Santa possui um porta-joias onde são guardados seus presentes ao longo do ano. Segundo Leandro, quando a Virgem é entregue ao próximo *pasante*, ele fica responsável pelos cuidados dos pertences da Santa:

A maioria dos *pasantes* ou mesmo as pessoas que participam da festa, muitas vezes em modo de gratidão ou elas pedem alguma coisa para Santa, eles dão uma joia, sempre eles dão alguma coisa. Depende do agrado da pessoa, ou mesmo o *pasante* ele se compromete a dar uma

joia, tanto que tem uma caixinha, uma *joeiro* que fala, que lá tem várias joias dela como: anéis, corrente, pulseira. Isso são várias. Não é obrigado, depende de cada pessoa, cada um. Tanto o *pasante* como qualquer um pode dar (entrevista concedida em 29/10/2020, Corumbá-MS) (grifos nossos).

Os presentes são variados: joias, vestidos, bebidas, passeios de barco, local da festa, banda, entre outros. Como afirma Leandro, os presentes à Virgem podem ser oferecidos por *pasantes*, padrinhos, devotos e simpatizantes.

Os padrinhos são os que presenteiam a Virgem ajudando o *passante*, oferecendo banda, bebida, comida. O padrinho/madrinha não é o responsável pela festa, mas pode ofertar algo para ajudar o *pasante* ou presentear diretamente a Santa com vestidos e joias.

Depende a devoção de qualquer pessoa, ela chega e [...] tem pessoas que falam: – Eu vou dar a roupa pra Virgem porque eu sou devoto e pedi alguma benção dela. Também pode ser do carinho dela também. A maioria das roupas que ela tem, ela ganhou tudo. Também pode ser o local, cerveja, comida, banda também, conjunto. Então tudo essas coisas depende do agrado de qualquer pessoa, do ex *pasante* ou da pessoa.

Eles mesmos chegam e falam: – Esse ano eu vou dar a banda, ano que vem eu vou dar local, ano que vem eu vou dar isso. Então isso vai se manifestando no meio da festa, durante a festa também (LEANDRO MARTINEZ, entrevista concedida em 29/10/2020, Corumbá-MS) (grifos nossos).

O ato de ofertar uma joia, um vestido ou o de contribuir com os custos da festa é uma forma de agradecimento à Virgem pelas graças e ajudas recebidas durante o ano, ou de “pagamento” de alguma promessa como a narrada por dona Ana. O devoto pede algo à Santa e, em troca, oferece um presente, uma espécie de troca com à Virgem:

Agradecimento vai de cada pessoa, ela pode falar: – Quero agradecer à Virgem, quero dar a banda, quero dar cerveja, quero dar uma joia; como eu falei vai do critério de qualquer pessoa, depende do que ela pedir, ela chega na frente da santa, dos *pasantes* no dia da festa e fala: – Eu pedi isso pra Virgem e ela me deu, quero colaborar com a festa, ou com ela mesmo, dá uma joia. É do critério da pessoa (LEANDRO MARTINEZ, entrevista concedida em 29/10/2020, Corumbá-MS) (grifos nossos).

Sobre a administração e a fiscalização dos bens da Santa, Leandro comenta:

Faz uma reunião com os anteriores *pasantes*, a maioria que puder vir, se puder tá todos na reunião. É contado as joias, tem um caderno, os livros de ATA que eles falam. É repassado ao *pasante*, na frente do *pasante* é recontado as joias dadas na mão dele e assim vai indo de ano em ano. Pra todos os *pasantes* que passam a festa é entregue a caixa de joias, a Virgem, o vestuário da Virgem, quanto vestuário ela tem também, são esses detalhes anotado no livro de ATA (LEANDRO MARTINEZ, entrevista concedida em 29/10/2020, Corumbá-MS) (grifos nossos).

Essa concepção acerca de “capital religioso” (BOURDIEU E MICELI, 2007) em relação aos bens da Santa extrapola o “poder” material das joias e vestidos, estendendo-se para o poder simbólico e cultural dessa ação.

É perceptível a relação capital/religião na realização da festa, conforme relatam os devotos e simpatizantes – a cada ano os *pasantes* buscam executar festas grandiosas e imponentes.

3.2 A festa da Virgem de Copacabana em Corumbá

Embora a primeira celebração à Virgem tenha acontecido em 2002, é, a partir do ocorrido com dona Ana (dois anos depois), momento do início de sua fé, que se fortalece o costume das festas com comidas, bebidas e música. Conforme entrevista com a devota dona Ana:

Uma surpresa grande e daí começou minha fé! Falei: – Não, agora que vai vim a Santa, a data dela, vamos fazer uma missa, vamos convidar as comadres, os compadres. Aí meu primo: – Se você fizer uma missa, eu também vou colocar comida. Aí ele colocou a comida. Aí se você fizer comida vou dar flores! Se você falar da santa todo mundo quer dar tudo! E aí se formou uma festinha bem delicada! Teve até música ao vivo, teve padrinho também! (ANA GARCIA MARTON, entrevista concedida em 29/12/2020, Corumbá-MS).

No terceiro ano da festa, realizada em 2004, deu-se início ao desfile folclórico nas ruas de Corumbá; a festa tomou proporções maiores, recebeu flores, mais convidados e música ao vivo. Segundo dona Ana:

Foi com o terceiro festeiro, daí que começou tudo. Tanto que a diretora (**da Igreja Nossa Senhora da Candelária**) que era daqui, ela também ajuda bastante, ela que abriu espaço pra gente sair. Ela que pedia o trânsito, ela que pedia o acompanhamento dos policiais. Ela

que via água, bebida. Puxa, era bacana! Esse ano quase que não tivemos muito apoio, porque a dona faleceu, a dona daí quem que nos ajuda bastante, só Arthur mesmo (ANA GARCIA MARTON, entrevista concedida em 29/12/2020, Corumbá-MS) (grifos nossos).

Assim, a partir de 2004, a festa passa a ocorrer nas ruas de Corumbá. Antes disso, havia a missa e uma pequena celebração na casa dos festeiros. Com o crescimento da celebração e com o apoio da antiga diretora da Igreja Nossa Senhora da Candelária²⁹, os novos *pasantes* passaram a investir na estética da celebração, valorizando e visibilizando a cultura boliviana.

Ano que vem vai ser um pouquinho maior, vou colocar isso, vou colocar aquilo. Aí também os outros não ficaram pra traz e eu também não fiquei pra traz, se você vai fazer o ano que vem nós vamos dar o local, onde faz evento, o clube eu vou pagar. E assim foi crescendo e o terceiro que veio foi outra comadre também. Ela falou assim: – Esse ano que vem é a terceira festa, tem que ter dançarinos dançando. Aí veio dançarinos, do nada apareceu! (ANA GARCIA MARTON, entrevista concedida em 29/12/2020, Corumbá-MS).

É perceptível as disputas de “poder” entre os *pasantes* para organizar festas maiores, fartas e imponentes, com muita comida e, principalmente, muita bebida. Um dos itens que garantem a grandeza e o sucesso das festas é a bebida. Conforme relata Anderson Muniz: “Você viu o padrinho que chegou com 70 caixas de cerveja? Ele é feirante, por isso que eu falo assim, reclamam da crise, que tá ruim a feira, mas na devoção...” (entrevista concedida em 09/08/2019, Corumbá-MS). De acordo com Ana Garcia:

Daí começou, essa festa esse ano vai ter banda. E a banda é cara, roupa para dançar mesmo é caríssima e aí apareceu um filho de Deus e falou: – Não tem problema, vou pagar! Quanto for eu pago; e assim foi aumentando, foi aumentando, foi aumentando! Foi crescendo, foi crescendo e tá onde que tá (ANA GARCIA MARTON, entrevista concedida em 29/12/2020, Corumbá-MS).

Na fala de dona Ana, observamos que a celebração não começou como é atualmente. A cada ano os *passantes* e devotos se empenhavam e se empenham em fazer festas cada vez maiores e mais abastecidas de música, bebidas e comidas. Essa busca pela maior festa também evidencia “disputas de poder simbólico” (BOURDIEU,

²⁹ Em entrevista dona Ana disse não se recordar do nome da diretora, que, segundo ela, já é falecida.

2007) entre os ex e futuros *pasantes*, o que demonstra que, cada vez mais, esses querem fazer festas grandiosas e marcantes.

Figura 26: Padrinhos levando caixas de cerveja para a festa da Virgem de Copacabana em Puerto Quijarro



Fonte: Pesquisa de campo, 2019.

Outro relato marcante sobre esse “poder simbólico” é o relativo à imponência dos convites de *invitación* da festa, como podemos visualizar na figura 18, a seguir, o convite impresso de 2018, referente à festa realizada pelo senhor Felipe Flores Torrez e senhora Amélia Torrez Paes.

O convite assemelha-se a uma revista e traz os agradecimentos, as atrações (passeio de barco, missa, desfile folclórico e festa), as bandas, *bloques*, nomes dos coordenadores de *bloques*, local, horário, fotos dos atuais e antigos *pasantes*.

Figura 27: Fotografia do convite impresso da festa de 2018



Fonte: Pesquisa de campo, 2019.

Percebemos, pelo convite de *invitación* de 2018, que os *pasantes* propõem uma volta de barco para a Santa passear pelo Pantanal. Vejamos o afirmado por Leandro Martinez:

Cada *pasante* que especifica como que ele quer fazer a missa, um dia antes, uma semana antes, ou ele quer fazer uma homenagem à Virgem, como dona Amélia ela também fez. Ela alugou um barco: o Pérola do Pantanal. Uns dois ou três *pasantes* já fizeram isso, alugaram o barco Pérola do Pantanal, aquele barco grandão e levaram ela para passear pelo Pantanal, convidou os dançarinos, os ex *pasantes*. Então isso vai de cada *pasante* (LEANDRO MARTINEZ, entrevista concedida em 29/10/2020, Corumbá-MS) (grifos nossos).

Percebemos que, segundo Martinez, apenas a Santa, os dançarinos e os ex *pasantes* foram convidados para o passeio no Pérola, ou seja, o passeio ficou restrito ao grupo mais próximo do (a) *pasante*. Diferentemente da missa, do desfile folclórico e da festa – que são abertos ao público. Na sequência, apresentamos as figuras 19, 20 e 21, também relativas ao convite impresso de 2018, e respectivos comentários.

Figura 28: Fotografia do convite impresso da festa de 2018



Fonte: Pesquisa de campo, 2019.

Notamos, pela imagem, outro fato que demonstra a grandiosidade da festa: a presença de vários *bloques*, ou seja, homens e mulheres que dançam durante o desfile folclórico. Quanto mais *bloques* dançarem na festa, maior é a exuberância dela. O principal *bloque* é o 6 de Agosto, cuja análise será feita no próximo item.

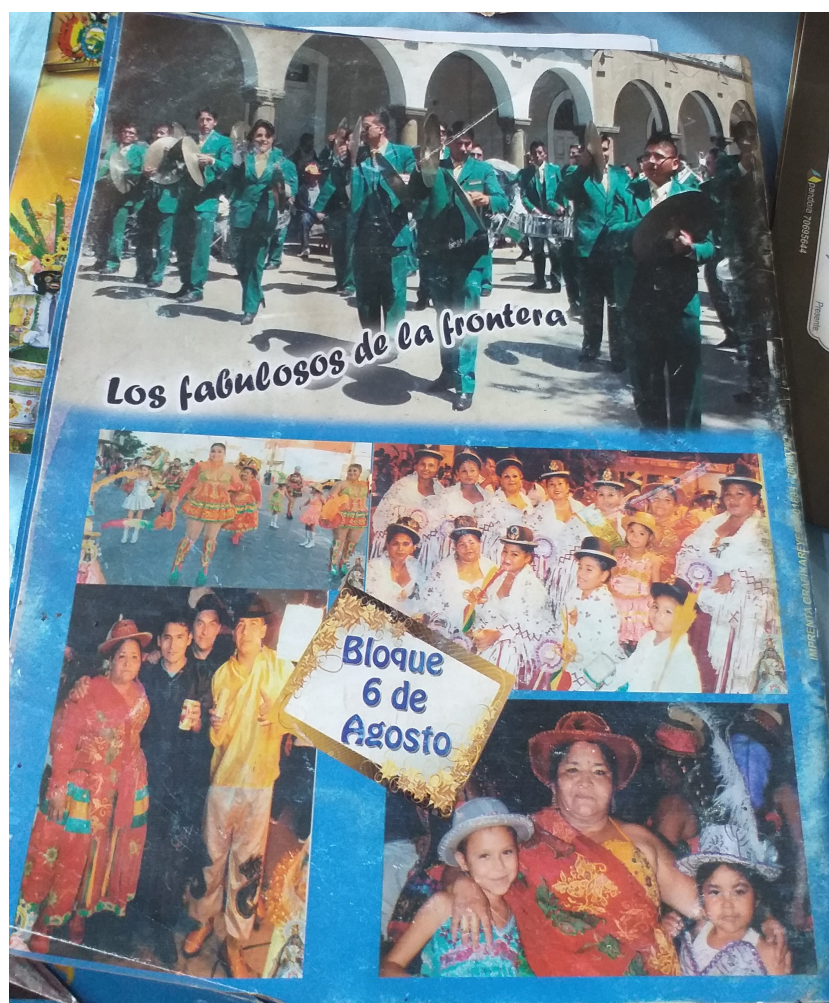
Ainda quanto ao convite de 2018, verificamos que aparecem imagens de alguns *bloques* confirmados para a celebração daquele ano, são eles: *Bloque Nueva Generación y sus queridas consentidas*, *Bloque Juventud y Amigos y sus Estrellitas*, *Bloque Villarroel*, *Bloque 2 de mayo*, *Bloque Robore* e *Bloque 6 de Agosto*.

Figura 29: Fotografia do convite impresso da festa de 2018, grupos que tocaram



Fonte: Pesquisa de campo, 2019.

Figura 30: Fotografia do convite impresso da festa de 2018, Banda *Los Fabulosos de la Frontera*



Fonte: Pesquisa de campo, 2019.

Registramos que a presença de grupos e bandas é outro fato marcante das festividades da Virgem de Copacabana. A banda, como observamos na figura 21, é a dos *Los Fabulosos de la Frontera*. Ela é responsável por tocar, a partir do momento da saída da missa, durante todo o percurso dançante no lado brasileiro até o lado boliviano e a chegada ao local da festa, onde os grupos assumem o palco.

No quadro 1, a seguir, observamos a relação de *ex-pasantes* (período de 2002 a 2022). Em 2022 a celebração à Virgem de Copacabana, em Corumbá, completa seu vigésimo ano. Conforme o entrevistado Arthur Castelo (entrevista concedida em 07/08/2019, Corumbá-MS): “já são 18 anos fazendo a festa e ela se tornou uma festa única, para Copacabana, porque lá na Bolívia, em Puerto Suarez/Puerto Quijarro a festa é única”.

Quadro 1: Ex-Pasantes	Ano
Miguel Alves Costa	2002
Ricardo Espinoza e Ana Garcia Marton	2003
João Quiroz Velaz e Leís Cardoso de Quiroz	2004
Ricardo Espinoza e Ana Gutierrez	2005
Valentin Marcos Souza	2006
Miro Espinoza Beltran e Gabriela Quiroz de Espinoza	2007
Rodrigo Quisbert Quiroz e Eliana Ramalho Quisbert	2008
Indianara Rodrigues e filha Andréia Rodrigues	2009
Celso Medina M. e Clarice Velasco	2010
Wagner Canaviri Zapata	2011
Valdir Rivas Teran e Diana Cordova	2012
Celso Amorim e Joice Amorim	2013
Miguel Alves Costa e Diego Albertino	2014
Luan Carvajal Rodas e Rosana Jander Souza	2015
Romário Cayo Moya e Vitalina Quintana	2016
Leandro Martinez Mendoza e Ana Garcia Marton	2017
Felipe Flores Torrez e Amélia Torrez Paes	2018
Leandro Martinez Mendoza e Ana Garcia Marton	2019
Wagner Canaviri Zapata (período da pandemia)	2020
Wagner Canaviri Zapata (período da pandemia)	2021
Wagner Canaviri Zapata	2022

Fonte: Pesquisa de campo.

Organização da autora.

Nos anos de 2020 e 2021, não ocorreu a grandiosa festa anual, apenas missa online e almoço na casa de devotos. A imagem da Virgem, nesse período, ficou com o *pasante* Wagner, que só pode realizar a festa em 2022.

Dessa lista de *ex-pasantes* alguns já são falecidos, como é o caso do Ricardo Espinoza, esposo de Dona Ana, Luan Carvajal Rodas, esposo da comadre Rosana, Rodrigo Quisbert Quiroz e Indianara Rodrigues.

3.3 *Bloque 6 de agosto*

A festa de Copacabana ela é feita pelo Bloque 6 de Agosto. O Bloque 6 de Agosto ele dança Copacabana e também Urkupinã. Uma é dia 6 a outra dia 14, mas quem promove a festa de Copacabana é o Bloque 6 de agosto (ARTHUR CASTELO, entrevista concedida em 07/08/2019, Corumbá-MS).

O *Bloque 6 de Agosto* e a celebração à Virgem de Copacabana têm relação umbilical. Não por menos, o nome do bloque é em homenagem à *Mamita* e surge com os filhos dos *ex-pasantes*.

Bloque são grupos (blocos) de dançarinos de uma determinada fraternidade. Por exemplo, o *Bloque 6 de Agosto* surge a partir da devoção à Virgem de Copacabana em Corumbá. O *Bloque Brasbol* é dos antigos comerciantes, da extinta feirinha “Brasbol³⁰”, sendo a maioria de seus componentes devotos da Virgem de Urkupinã. Grupos se unem para dançar ritmos tradicionais³¹ da cultura boliviana nas festividades religiosas e datas comemorativas do país³². Nesse sentido, lembramos Mondardo, ao avaliar a relação corpo/espço:

O corpo como elemento material e inerente à existência dos seres humanos, sempre foi de fundamental importância para a produção e reprodução espacial. Assim, o corpo é produto e produtor das relações sociais e territoriais. [...] o corpo é elemento que cria relações, cria espaços e é espaço em constante movimento, vida e reprodução das relações. Cria-se criando espaços. Ao mesmo tempo em que cria seu espaço de vivência “está se criando” espacialmente. (MONDARDO, 2006, p. 3)

³⁰ Apresentada no *Pasante 2*.

³¹ Conforme Alyson Matheus de Souza, em Puerto Quijarro verifica-se a presença de cinco tipos de dança: “*morenada, caporales, salay, tinkus e pujllay*” (2018, p. 44).

³² Por exemplo, o dia da independência da Bolívia, dia do imigrante, festas das Virgens bolivianas (Urkupinã, Copacabana, Cotoca, entre outras).

Ainda quanto ao *Bloque 6 de Agosto*, relata Dona Ana Garcia Marton (entrevista concedida em 29/12/2020, Corumbá-MS) o seguinte sobre a criação do *bloque*: “primeiro eram três, depois foi seis, depois foi nove, depois foi vinte, depois vinte e cinco, foi pra trinta. Esse ano já é quase trinta e cinco, quarenta participantes dançando”.

Filho de Dona Ana e um dos fundadores do *bloque*, Leandro expõe:

O *bloque* chama 6 de Agosto que é representando a *Mamita* de Copacabana, como falei a Virgem de Urkupina tem os *bloques* lá em Quijarro. Então o nosso praticamente, o *bloque* 6 de Agosto é composto pelos jovens, filhos dos *ex-pasantes*, moradores que são aqui de Corumbá também. Na época que comecei a dançar foi em 2009/2010, a maioria era novo (LEANDRO MARTINEZ, entrevista concedida em 29/10/2020, Corumbá-MS) (grifos nossos).

O *bloque* 6 de Agosto é composto majoritariamente por filhos (as), genros e noras dos *ex-pasantes* e por alguns devotos da *Mamita*. Como relata Leandro, alguns dos *pasantes* já faleceram e outros não estão mais dançando; dos que atuam, a maioria é formada por pessoas mais velhas (entre 55 e 75 anos). Desse modo, fica para os descendentes o papel de manter a tradição.

Outro aspecto a considerarmos é o do desfile no dia da celebração, extenso e contínuo, o que faz com que os dançarinos dos *bloques* dance por horas (todo o desfile folclórico), parando pouquíssimas vezes e por poucos minutos. Ato que exige muito preparo físico, não só pelo tempo de duração, mas também pelas altas temperaturas de Corumbá e pelo peso dos trajes.

Segundo Arthur Castelo: “essa roupa aqui (roupa da morenada), ela pesa de 13 a 16 quilos, acima de 10 quilos. E eles dançam, eles começam depois da missa, três da tarde e vão chegar lá dez da noite” (entrevista concedida em 07/08/2019, Corumbá-MS).

Figura 31: Dançarinas do *Bloque* 6 de agosto na Rua Luiz Feitosa em Corumbá



Fonte: Pesquisa de campo, 2019.

Como podemos observar, na figura 21, os trajes das dançarinas são compostos por saia rodada, chapéu, blusa e um xale por cima. O traje é característico das mulheres andinas. De acordo com o *site Exclamacion*:

As roupas típicas das *cholitas* consistem em uma saia rodada que vai até abaixo dos joelhos – chamadas de *pollera* – e xales coloridos, o cabelo dividido em duas tranças, sapato baixo e o chapéu-coco – nas cores preto, marrom e cinza. As saias volumosas foram inspiradas nas vestimentas das espanholas do século 18.

Por cima das blusas, elas usam uma espécie de manta para se protegerem do frio. Além disso, essas mulheres usam panos coloridos amarrados nas costas para guardarem seus pertences ou carregarem seus filhos nas costas.

Os chapéus também vieram da Europa no século 20. De acordo com algumas versões, um comerciante encomendou chapéus italianos, mas os homens não queriam os cinzas, o estoque ficou cheio e ele resolveu começar a vendê-los para as mulheres (EXCLAMACION, 2020, p. 1) (grifos nossos).

Apesar de os trajes serem pesados e quentes para a realidade corumbaense, o migrante boliviano ou o descendente usam-nos com orgulho e/ou como estratégia de resistência durante todas as festividades dançantes.

Ainda sobre a relevância cultural-identitária dos trajes típicos andinos, o *site Exclamacion* reforça:

Se no começo as roupas das *cholas* eram alvo de preconceito, atualmente elas servem até para exemplo de moda dentro e fora da Bolívia. É o caso da designer boliviana, de origem *aymara*, Eliana Paco, que já desenhou uma coleção de roupas inspiradas nas *cholas* e apresentou seus modelos em um desfile em Nova York, EUA. Na ocasião, ela nomeou sua coleção de *Pachamama* – Mãe Terra, no idioma dos indígenas (2020, p. 1) (grifos nossos).

As *cholas* com suas saias rodadas, chales, chapéus e acessórios enfatizam a cultura andina e valorizam seus costumes. Como relata o *site Exclamacion*, atualmente os trajes das *cholas* estão nas passarelas da Bolívia e de outros países. Para Souza:

[...] a *chola* ilustrava a feminilidade da morenada. O traje era composto por chapéu (era bastante comum verificar a aplicação de um enfeite ao chapéu, aparentemente, produzido em ouro ou prata), uma manta longa que contornava o tronco das dançarinas, e longas saias sobrepostas umas às outras. As dançarinas também empunhavam a matraca, o que mostrava que o instrumento era um artigo de uso compartilhado entre diferentes sexos (SOUZA, 2019, p. 64).

Figura 32: Dançarinos do Bloque 6 de Agosto



Fonte: Pesquisa de campo, 2019.

Notamos que não só o traje das mulheres é quente e pesado, mas também o dos homens: vestem roupas escuras, luvas, chapéus, cachecol e sobretudo, traje também popular dos andinos.

Quanto à razão pela escolha dos sobretudos e chapéus, o *pasante* Leandro pondera que "essa roupa são os Al Capone, daquele... Não sei se já escutou falar daquela máfia da década de 1930/1940. Eles usavam trajes assim compridos, com chapéu. Então, se embasaram nesse uniforme" (relato via WhatsApp, 04/04/2023).

Lembramos que Al Capone foi um polêmico gangster americano de ascendência italiana. Cometeu diversos crimes ao longo da vida, sendo preso por sonegação fiscal.

Embora o personagem tenha sido marcado pelo aspecto negativo, a admiração e o modelo seguidos se deve ao poder e respeito que a figura representa. De forma que outros *bloques* também utilizam sobretudos e chapéus representando essa identidade de poder.

No calor corumbaense e depois de horas frenéticas de muita dança, é nítido o suor escorrendo pelas vestes. O que parece que não é problema para dançarinos e dançarinas, pois eles enfrentam essa adversidade para a realização da dança e da valorização da cultura. Os trajes demonstram a elegância e a sofisticação desse povo e evidenciam sua identidade de bolivianos vindos das regiões andinas.

Quando questionada sobre como conseguem aguentar tantas horas dançando com aquelas vestes e sapatos de salto, ela responde "que é a devoção pela Mamita"!

Não só os trajes expressam a estratégia de permanência. No *bloque* 6 de Agosto, também fica explícita a busca por manter as tradições bolivianas, considerando-se o modo como o *bloque* é formado: majoritariamente por filhos de ex *pasantes*, que já vêm demonstrando interesse em dar continuidade à tradição de serem *pasantes*.

Conforme aponta Leandro Martinez: "como a maioria dos *pasantes* já tão tudo maior de idade, a maioria já não tá muito para dançar na festa. A tradição foi assumindo os filhos. Tem alguns já pedindo para ser *pasante*" (entrevista concedida em 29/10/2019, Corumbá-MS).

Na fala de Leandro, percebemos que a maioria dos ex-*pasantes* são pessoas mais velhas (e alguns dos ex-*pasantes* já faleceram) deixando a tradição da celebração à Virgem de Copacabana a cargo dos filhos (as), noras, genros e netos (as).

É comum também os *bloques* dançarem nas festas devocionais às Virgens bolivianas. Em Corumbá, a Virgem de Urkupiña tem alguns blocos e a Virgem de

Copacabana, o *Bloque* 6 de Agosto, o que sinaliza para a participação e devoção dos jovens para com as Virgens.

3.4 A celebração

*Cuando acaba la fiesta, yo entrego mamita a você. Você tem que
segura tudo durante esse ano, a santita, adorar a santita, colocar
flor... Cada um faz como quiser.
Tem gente que coloca a santita, faz churrasco...
Cada pasante tener fazer, trocar.
Por exemplo, la época de minha comadre Graciela a la santita vestiu
de general, de patrona, bonito que tava!
Cada pasante compra la roupa pra ela.
És milagrosa la mamita!
Tudo pode pedir, se você quer casar “la mamita quero casar, quero
um marido bonito, que me dá”.
É milagrosa essa santinha, eu conheço!
(LIDIANE ASSIS PIRES, entrevista concedida em 29/10/2020,
Ladário-MS).*

A devota Lidianne abre esse tópico ao narrar o quanto a “*Santita és milagrosa*”. As falas de Lidianne e de dona Ana evidenciam a devoção e o respeito à Virgem de Copacabana. Nesse trecho da entrevista, Lidianne explica como cada *pasante* faz quando assume o compromisso de realizar a próxima celebração.

Escolhemos esse relato para abrir o tópico com o intuito de apontar a devoção, o respeito e os cuidados que são dedicados à *Mamita*. Ao assumir o compromisso de realizar a celebração do ano próximo, ou como se referem os devotos: ao *pasar* a Virgem, o novo *pasante* leva a imagem consigo e, a partir daí, ela fica sob seus cuidados.

Como narra Lidianne, alguns *pasantes* constroem altar e o enfeitam com flores; outros fazem churrasco em homenagem à Virgem; outros ainda vestem a Santa, como a comadre Gabriela (segundo Lidianne) que vestiu a Santa de general³³.

**

Com base nas observações efetuadas nas idas a campo, apresentamos, nesse momento, uma descrição da celebração da Virgem de Copacabana que ocorreu no ano de 2019; e, posteriormente, a da missa de 2020.

³³ A Virgem de Copacabana, além de padroeira da Bolívia, é considerada *patrona de la policia*!

O ritual de celebração iniciou-se com uma missa em Corumbá, no Santuário Nossa Senhora Auxiliadora³⁴. A missa foi celebrada no dia 6 de agosto, às 14h, pelos padres João Oliveira e Murilo Adão³⁵.

Figura 33: *Pasantes* de 2019 e párocos



Fonte: Pesquisa de campo, 2019.

Conforme observamos na figura 23, Padre Murilo dá a benção ao menino Danilo; atrás visualizamos o Padre João, que auxiliou na condução da missa; em frente, de vestido rosa, dona Ana, e seu filho Leandro, *pasantes* de 2019. Ao lado direito está a imagem da Virgem de Copacabana sobre uma mesa forrada com a bandeira da Bolívia e do Brasil (que não aparece no recorte da foto). Esse momento acontece minutos antes de os párocos darem início à missa em homenagem à Virgem de Copacabana.

Sublinhamos que a figura está carregada de elementos, de símbolos que reforçam a presença boliviana em Corumbá. O ato de se realizar a missa em Corumbá

³⁴ A missa em anos anteriores acontecia na igreja Nossa Senhora da Candelária. Em virtude de uma reforma, nos últimos dois anos a missa de celebração à Virgem de Copacabana foi transferida para o Santuário Nossa Senhora Auxiliadora.

³⁵ Padre Murilo Adão esteve à frente da Pastoral da Mobilidade Humana de Corumbá de 2013 a 2020. Em janeiro de 2021, Padre Marcelo foi transferido para Manaus.

demonstra pertencimento a esse novo território, mas também a valorização de uma trajetória, de uma cultura. Sob essa perspectiva, comenta Bonnemaïson:

A territorialidade é a expressão de um comportamento vivido: ela engloba, ao mesmo tempo, a relação com o território e, a partir dela, a relação com o espaço “estrangeiro”. Ela inclui aquilo que fixa o homem aos lugares que são seus e aquilo que o impele para fora do território, lá onde começa “o espaço”. [...] toda análise de territorialidade se apoia sobre uma relação interna e sobre uma relação externa: a territorialidade é uma oscilação contínua entre o fixo e o móvel, entre o território “que dá segurança”, símbolo de identidade, e o espaço que se abre para a liberdade, às vezes também para a alienação (BONNEMAISON, 1999, p. 107).

Logo após a missa, os *pasantes* são recepcionados na saída da Igreja com uma chuva de papel picado, chamado de *mixtura*. Sobre a *mixtura*, Arthur Castelo narra:

Eu achava até que era uma influência da Pachamama. Quando sai da igreja com a imagem, é jogado a mistura, o que eles chamam de *mixtura*. Que às vezes é isoporzinho, papelzinho colorido. Como agradecimento e louvando eles terem feito a festa (ARTHUR CASTELO, entrevista concedida em 07/08/2019, Corumbá-MS) (grifos nosso).

A *Pachamama* é uma imponente figura sagrada feminina, “personalidade cosmológica das sociedades andinas [...]. Também conhecida como Mãe-Terra [...] cujos atributos sagrados remetem a terra, a fertilidade e a abundância” (SOUZA, 2018, p. 23).

Nos rituais de agradecimento à *Pachamama*, é comum a *mixtura*, o papel picado representa a alegria e é enterrado com pequenas flâmulas como forma de oferenda à *Pachamama*.

Figura 34: Pessoas jogando a mistura nos *pasantes* após à missa



Fonte: Pesquisa de campo, 2019.

Ao término da chuva de papel picado (a *mixtura*), os *pasantes* passam a conduzir o desfile da Virgem, que é acompanhado de blocos de dançarinos, banda, antigos *pasantes*, devotos e simpatizantes. O cortejo sai de frente do santuário, e percorre a Rua Dom Aquino até a Rua Luiz Feitosa (cerca de 950 metros).

Esse percurso dançante tem duração em média de 3 horas. Todo o trajeto é feito ao som da banda, acompanhada da dança incessante do *bloque*. Muitas pessoas (brasileiros, migrantes ou descendentes bolivianos) acompanham esse cortejo, fotografam e admiram/observam a homenagem à Virgem.

Figura 35: Trajeto do desfile em Corumbá-BR do percurso de 2019 e 2022



Ao concluírem essa rota (Rua Dom Aquino até a Rua Luiz Feitosa) os anfitriões da celebração, dançarinos, banda, antigos *pasantes*, devotos e simpatizantes se reúnem para seguir até a fronteira (Corumbá/Puerto Quijarro). Essa locomoção acontece por meio do uso de ônibus particulares, vans, carros e motos.

5. A celebração de 2020 e a pandemia da COVID-19

Em virtude do ano pandêmico, desencadeado pela proliferação do COVID-19, no ano de 2020 a celebração foi cancelada, acontecendo apenas um missa com a presença de dona Ana, seu filho Leandro e seu netinho Danilo.

Essa missa foi idealizada e marcada por Arthur Castelo (devoto das virgens bolivianas e ex-diretor da Casa do Imigrante) e por Padre Murilo Adão (antigo presidente da Pastoral do imigrante de Corumbá).

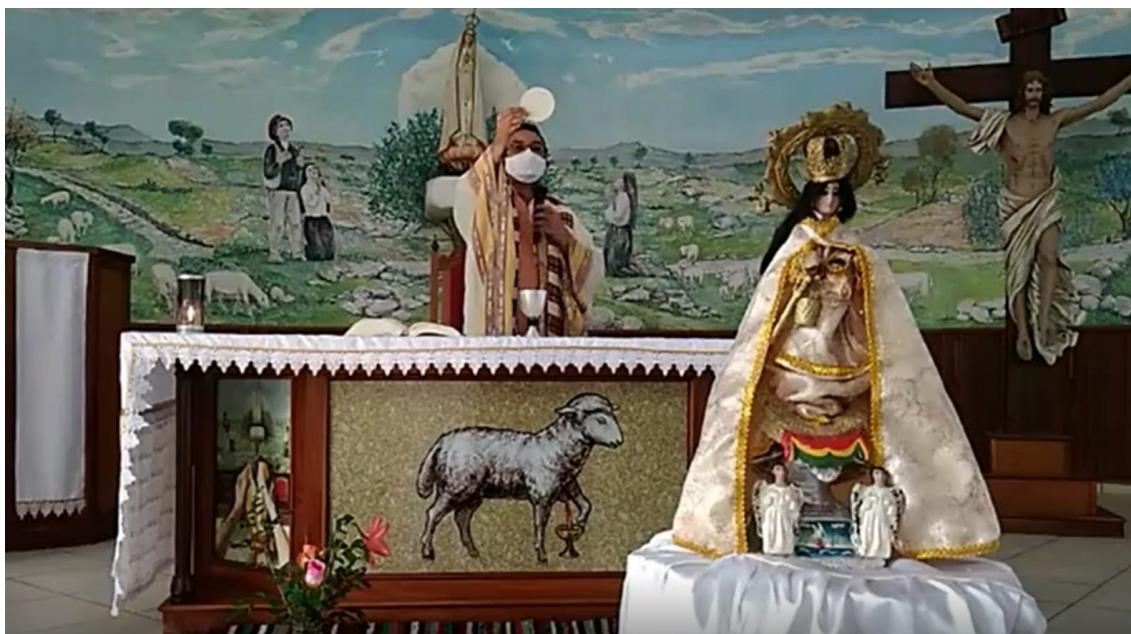
Figura 36: Convite da missa online em homenagem à Virgem de Copacabana



Fonte: *Facebook* da Pastoral da Mobilidade Humana de Corumbá. Disponível em: <https://www.facebook.com/profile.php?id=100010099777416>. Acesso em: abr. de 2021.

Conforme o mostrado na figura 26, o convite para a missa foi efetuado de forma virtual, assim como a exibição da missa. A missa aconteceu no dia 6 de agosto, às 14h, na Paróquia Nossa Senhora de Fátima e foi celebrada pelo Padre Murilo Adão.

Figura 37: Print da missa exibida no dia 6 de agosto de 2020, na página do Facebook da Pastoral da Mobilidade Humana de Corumbá



Fonte: Print da autora. Vídeo disponível em: <https://www.facebook.com/100010099777416/videos/1237485206598127>. Acesso em jun. 2021.

Devido ao período de pandemia e à necessidade de isolamento social, apenas os *ex-pasantes*, Dona Ana, seu filho Leandro e seu netinho foram à igreja. Nem o *pasante* responsável pela celebração de 2020 participou – Wagner Canvivi Zapata, atual *pasante*, reside em Puerto Quijarro e naquele período a fronteira entre Corumbá/Puerto Quijarro estava fechada por conta da pandemia. Esse fechamento se estendeu de março a setembro de 2020³⁶, acontecendo novamente (por sete dias) em abril de 2021³⁷.

Dona Ana relata que, na casa de Wagner, em Puerto Quijarro, ninguém foi. Esse fato indica que os festeiros residem no lado brasileiro e temem atravessar a fronteira durante o fechamento, o que pode ser observado pela fala de dona Ana:

E na casa do outro festeiro que mora na Bolívia ninguém foi! Lógico! Ficou bravo até hoje! Não fala com nós! Mas como que a gente vai lá? Tava fechado! Lógico que dava para passar pelo mato, mas não dá para confiar. E a maioria somos adultos já, os *pasantes*. Leandro falou: – Por mim eu ia, mas a senhora não vai poder ir, e outra não quero ir. Aí nós ficamos aqui! Mas ele podia ter feito aqui, eu falei pra ele: – Wagner, faz aqui na sua casa, não vai ter muita gente.

³⁶ Sobre as medidas do decreto mais informações em: <https://diarionline.com.br/?s=noticia&id=119566>.

³⁷ <https://g1.globo.com/ms/mato-grosso-do-sul/noticia/2020/09/01/fronteira-entre-brasil-e-bolivia-segue-fechada-por-comerciantes-e-ja-ha-fila-de-caminhoes-em-corumba.ghtml>. Acesso em: 10 jul 2021.

– Ah! que lá é mais é rápido, não vão perturbar, vamos fazer lá mesmo.

– Por mim você sabe que eu não vou poder sair daqui!.

Até agora não fui na fronteira, porque tenho medo. Eu não estou subindo lá mais! Eu fecho aqui e vou direto pra casa! Está perigoso demais! Não dá para ficar arriscando! (ANA GONÇALVES MENDONÇA, entrevista concedida em 29/12/2020, Corumbá-MS).

Dona Ana faz referência sobre o fechamento da fronteira e sobre o medo/receio de atravessar e ser pega pelas autoridades. Embora tivessem atalhos que possibilitassem essa travessia, a insegurança de não saber se voltariam, caso fossem pegos, acarretou a escolha de celebrar na casa da comadre Rosa (*ex pasante*), que reside em Corumbá.

O *pasante* de 2020, Wagner Catavivi Zapata, tem uma casa em Corumbá, mas, em virtude de ter um comércio de bebidas em Puerto Quijarro, optou por morar lá.

Tanto que ele fez também a missa dele lá na Bolívia. Ele fez a missa dele, fez uma pequena reunião, ele convidou os *ex-pasantes*, dançarinos. Como a maioria do *Bloque 6* de Agosto mora aqui em Corumbá, pode se dizer que 90% mora tudo aqui. Então não pudemos ir pra lá, por problemas da pandemia, que a fronteira estava fechada, não podia, não tinha como. Optamos por fazer aqui. Tanto que o *pasante* ficou bravo, mas são coisas que acontecem. Não tinham como ir lá, como a maioria mora aqui. Você sabe que essas festas, essas coisas lá têm bebedeira, o pessoal dança, e ficar lá vai ficar onde? Como falei, a maioria mora aqui (LEANDRO MARTINEZ MENDOZA, entrevista concedida em 29/10/2020, Corumbá-MS) (grifos nossos).

Constatamos que, independentemente do período pandêmico e das restrições, a celebração aconteceu na casa de comadre Rosa, conforme relata Leandro:

Houve uma missa, inclusive fizemos com seu Arthur. Seu Arthur agendou aqui na igreja, acho que foi a Igreja Fátima. Daí a comadre Rosa, ela se, ela falou, convidou na casa dela pra fazer uma reunião, que ela ia inventa almoço, fazer a comida né. Não esperávamos, né! Eu também achei, como só eu e minha mãe fomos representantes lá na, foi a missa online. Não esperávamos que todos aparecessem, chegou lá apareceu, pode se dizer que 99% dos dançarinos. Estavam todos lá (LEANDRO MARTINEZ MENDOZA, entrevista concedida em 29/10/2020, Corumbá-MS).

Embora a celebração não tenha ocorrido como de costume, com missa aberta ao público, desfile e celebração no lado boliviano, a data não passou sem a confraternização dos devotos da Santa.

Os devotos contornaram a situação pandêmica e adaptaram as festividades às condições possíveis, o que evidenciam estratégias e resistências para a continuidade do ato devocional.

Leandro aponta que não esperava tantos festeiros no almoço da comadre Rosa, já que na missa só ele e sua mãe compareceram. Ao contrário do almoço que o mesmo relata 99% dos dançarinos estarem presentes.

E olha lá foi assim... ninguém estava sabendo, fez só para família dela e convidou para eu e Leandro nós irmos. “Dona Rosa a comadre convidou para ir lá num almoço”. Pegamos o carro e quando chegamos lá fomos os primeiros, aí conforme foi chegando tudo aqueles que foram dançarino. A maioria que era solteiro chegou lá. Tudo solteiro, só jovens! De velho éramos só eu a comadre Rosa e a outra comadre Graciela. Depois o resto era tudo jovens. E a festa foi grande, grande, grande! Sabe todo mundo chegava, todo mundo, tem umas três ou quatro meninas que já casaram começaram a ajudar, começaram a cozinhar. Nossa, foi incrível aquela festa! Sem querer, mas amontoamos a casa de dona Rosa! A maioria solteiro e jovens, a maioria chegou lá! (ANA GARCIA MARTON, entrevista concedida em 29/10/2020, Corumbá-MS).

A fala de Dona Ana reafirma o que seu filho Leandro relata sobre os dançarinos do *Bloque 6* de agosto serem jovens e estarem interessados em serem *pasantes* e manterem a tradição de celebração à Virgem. Muitos dos *ex-pasantes* vivos já estão idosos; assim, a tradição da celebração à Virgem de Copacabana será uma herança deixada aos filhos (as), noras, genros e netos (as) desses *ex-pasantes*.

Em 2022, período pós-pandemia, as celebrações voltaram a acontecer nas ruas de Corumbá e de Puerto Quijarro, com a presença de muitas pessoas dos dois lados da fronteira, conforme acompanharemos no próximo *pasante*.

PASANTE 4

APROXIMAÇÕES E AFASTAMENTOS ENTRE BOLIVIANOS E BRASILEIROS NA FRONTEIRA CORUMBÁ E PUERTO QUIJARRO

Hoy en día, las fronteras no son meramente márgenes geográficos o bordes territoriales. Son instituciones sociales complejas, que están marcadas por tensiones entre prácticas de reforzamiento y prácticas de atravesamiento (MEZZADRA E NEILSON, 2017, p.21).

Conforme a citação de Sandro Mezzadra e Brett Neilson, as fronteiras não são apenas margens geográficas ou bordas territoriais, são “instituições sociais”, experiências e vivências que permitem aproximações e afastamentos, práticas de reforço e atravessamentos. Mediadora das relações sociais entre os sujeitos, local de encontro de diversas culturas e povos, a fronteira, antes de tudo, é o local de interações e trocas, amistosas ou não.

Gustavo Beyhaut (1994, p. 193), em seu artigo sobre a integração cultural latino-americana, menciona que “a repercussão do folclore atravessa rapidamente fronteiras para encontrar um público cuja sensibilidade transcende regionalismos locais”. Em nosso estudo, a fronteira não funciona como uma barreira para impedir, em Corumbá, modos de vida e crenças da população boliviana; ao contrário, os devotos à Virgem de Copacabana, por exemplo, passam a reinventar as celebrações no país vizinho e agregam as ruas de Corumbá em suas manifestações religiosas:

O migrante boliviano em Corumbá foi se adaptando a uma nova realidade, assumindo novos costumes e se integrando em um novo contexto. Contudo, manteve suas raízes culturais e é essa característica que vai alimentando os processos de modificação do território, muito latente nas regiões fronteiriças, onde as diferenças podem ser percebidas com mais evidências (COSTA e DIAS, p. 230, 2015).

Assim, como menciona Edgar Costa e Ramona Dias, o boliviano cria estratégias para o novo cenário, incorporando costumes, mas mantendo seu modo de vida e “raízes culturais”, tal como fizeram os migrantes bolivianos, devotos à Virgem de Copacabana.

Seguindo observando a celebração à Virgem e descrevendo essas experiências da fronteira, o desfile folclórico pausa em frente ao cemitério municipal de Corumbá e os *pasantes*, devotos, bloques, banda e expectadores prosseguem de carro, ônibus e/ou vans para o lado boliviano (a aproximadamente 20 quilômetros de distância).

Figura 38: Travessia da fronteira, Posto Fiscal da Receita



Fonte: Pesquisa de campo, 2022.

Conforme a figura 28, a celebração segue para o lado boliviano e movimenta a travessia do Posto Fiscal da Receita Federal. Alguns dos veículos estacionam no lado brasileiro (lateral do posto fiscal), outros buscam vagas em estacionamento no lado boliviano. Os devotos ocupam a Avenida Luis Salazar de la Veja (entrada da cidade de Puerto Quijarro), e as pessoas que estão de passagem pela avenida pegam um desvio, pela lateral esquerda, posto que a celebração à Virgem toma conta do local.

Após atravessar o posto fiscal (por volta das 19h30/20h), a banda volta a tocar e os dançarinos seguem bailando, em média uns 200 metros, até a frente do Banco Union S.A. Em frente ao banco, um altar é montado para receber a Virgem. Ele abriga a Virgem e os devotos, dançarinos e expectadores continuam as preces e os agradecimentos.

Figura 39: Fachada do Banco Union em Puerto Quijarro



Fonte: Pesquisa de campo, 2019.

Na figura 29, visualizamos o altar na frente do banco, momentos antes de os *pasantes*, devotos e expectadores chegarem do outro lado da fronteira. Após a chegada desses participantes, essa realidade muda totalmente: a entrada de Puerto Quijarro se enche de pessoas, cores, música, dança e devoção.

Nessa ocasião, observamos pessoas que estavam na celebração em Corumbá e outras que não estavam; alguns dos expectadores apenas participam da celebração no lado boliviano. Isso ocorre, segundo relatam, porque trabalham o dia todo e só conseguem participar nesse horário, quando já é quase noite. Outros preferem não se deslocar até Corumbá, seja por falta de transporte, seja por receio de ingerirem álcool e depois precisarem dirigir.

O mosaico de figuras (inserir) mostra essa mudança no local quando comparado à figura anterior (figura tal); conforme as pessoas vão chegando, o altar, destinado à Virgem, passa a se encher de alegria, devoção, música, sons, cores, e relações pessoais.

É perceptível a alegria do devoto boliviano ao comemorar a celebração à Virgem de Copacabana. Cada detalhe é cravejado de simbolismos de fé, respeito e devoção. Os devotos não poupam esforços para realizar uma celebração “*muy hermosa*”, expressão que faz referência às belezas e aos mimos relacionados à Virgem.

A adoração do boliviano à “*Virgencita*” transcende a distância de seu país de origem, as adversidades por residir em um território novo superam também o desconhecimento do “Outro” com relação à devoção e às demonstrações de fé do boliviano.

A melodia da morenada é ouvida durante todo o desfile folclórico e embala as danças que seguem incessantemente pelas ruas de Corumbá, Puerto Quijarro e, por fim, chegam no Clube 4 de Novembro.

Os bloques, as bandas e os ex *pasantes* desfilam a partir da entrada da cidade (Puerto Quijarro) até em frente ao Banco Union (onde se encontra o altar da Virgem); param nesse momento, saúdam a santa; alguns rezam, outros só a reverenciam; depois seguem o desfile até o Clube 4 de Novembro.

Figura 40: Mosaico de figuras da devoção à Virgem de Copacabana



Fonte: Pesquisa de campo, 2019 e 2022.

A Virgem é mantida no altar desde a hora que chega ao lado boliviano até o momento em que todos os *bloques* e *ex pasantes* chegam na frente do Banco e a reverenciam. Após esse momento o desfile prossegue até o Clube 4 de novembro.

Antes da saída para o desfile até o Clube, devotos e simpatizantes jogam, mais uma vez, a *mixtura* na Virgem e nos passantes, como ocorre no término da missa no lado brasileiro. Geralmente os que jogam essa *mixtura* são as pessoas que não estavam na celebração em Corumbá. Essa repetição de ritual é uma forma de dar oportunidade de saudação a aqueles que só participam no lado boliviano.

Figura 41: Devotos jogando a *mixtura* sobre a Virgem de Copacabana



Fonte: Pesquisa de campo, 2022.

O ato de jogar a *mixtura* sobre a cabeça dos passantes e em cima da imagem Virgem valida a relação de semelhança com a *Pachamama*. Ofertar ou jogar o papel picado sobre oferendas, pessoas e imagens é um símbolo de alegria.

Após ocorrer o ato em que se joga a *mixtura*, o desfile segue até o clube; percurso que se estende por mais ou menos um quilômetro. O processo que envolve a chegada ao Posto Fiscal, a parada no altar e a continuação do desfile tem duração de mais ou menos 4 horas; desse modo, chega-se ao clube por volta das 22h/23h. Sobre a celebração acontecer nos dois lados da fronteira, Arthur Castelo afirma:

A festa de Copacabana é uma festa corumbaense! Eles fazem a festa lá na Bolívia porque aqui, como eles bebem muito, aqui tem problema por exemplo se ele vai parar numa casa. Imagina você tocando das 5 da tarde, 4 da tarde até 1, 2, 3 horas da manhã. O conjunto, o som deles é potente! Um som alto! Então aqui não teria lugar que tivesse essa liberação. Aqui no carnaval você bota esse som lá, a prefeitura põe esse som, mas senão tem problema, o Brasil tem outras leis e eles não querem criar problema aqui. Não querem criar problema de som, de barulho, nem de bebida (ARTHUR CASTELO, entrevista concedida em 07/08/2019, Corumbá-MS).

A fala de Arthur enfatiza uma marca da territorialização do boliviano em Corumbá. A particularidade da festa boliviana, nesse município, demonstra a resistência, o respeito e a identificação com o Brasil. Embora o país tenha leis distintas das da Bolívia, elas não impedem que parte da festa aconteça no lado brasileiro.

Ramalho Junior, em sua análise sobre aproximações e afastamentos entre brasileiros e bolivianos em Corumbá, dialoga com a fala de Arthur sobre a festa “ser corumbaense”:

As expressões artístico-culturais apresentaram-se como outro resistente e potencial ponto de aproximação. Para esta afirmação nos valem da análise presencial de diversos eventos, principalmente em que os bolivianos e suas manifestações eram os protagonistas. O que em geral foi registrado foram reações amistosas e curiosas, elementos importantes para derrubar preconceitos (RAMALHO JUNIOR, 2012, p. 57).

Ressaltamos que o fato de o boliviano ser “protagonista” em manifestações artístico-culturais indica as estratégias de resistência e territorialização em Corumbá.

Ressaltamos também que, para a realização da celebração no lado brasileiro, há necessidade de autorização de órgãos públicos como, por exemplo, permissão da Agência de Trânsito de Corumbá para o desfile folclórico e assentimento do sacerdote da Igreja para a realização da missa. De qualquer maneira, os *pasantes* se empenham e buscam mecanismos de adaptação ao novo território.

Quando questionamos dona Ana sobre o motivo de a celebração ter início no lado brasileiro e término no lado boliviano, ela comentou o seguinte:

Eles assistem, *pero* não querem ir na fronteira porque eles têm medo de voltar!

E a gente faz festa aqui porque os festeiros que vai pra lá tem medo de ser assaltado! E a polícia também tá de olho em quem bebe, aqui tem mais leis. E lá ninguém perturba porque é o dia dela! Um dia de feriado lá! 6 de agosto feriado da Bolívia, igual Nossa Senhora de Aparecida, igualzinho (ANA GARCIA MARTON, entrevista concedida em 29/12/2020, Corumbá-MS).

Dona Ana argumenta que os brasileiros assistem ao desfile/missa, mas não vão para o lado boliviano por medo de voltar à noite, visto que a festa segue madrugada a fora. Outra justificativa e que reforça o preconceito com relação à Bolívia é o medo de “ser assaltado”; isso faz parte do discurso dos corumbaenses em relação a furto de carros.

Ramalho Junior (2012), em sua dissertação acerca da vivência entre brasileiros e bolivianos em Corumbá, narra sobre a visão da fronteira como o local da contravenção.

A vinculação do preconceito contra os bolivianos e a fronteira tem a ver com um discurso comum: o discurso midiático. Este, geralmente, apresenta a fronteira (e tudo que dela emana), como local do ilícito, da contravenção, das drogas, da permissividade e de outros termos pejorativos que depreciam a região fronteira. Este tipo de discurso sobre a fronteira, na maioria das vezes, é emitido por quem não vivencia a fronteira. Além disso, os brasileiros desta fronteira não se sentem fronteiriços, e recorrem ao conjunto simbólico nacional ao se oporem ao conjunto (aviltante) fronteiriço, sem se dar conta que carregam consigo a marca da fronteira (p. 38).

Essa representação negativa da fronteira com base no discurso midiático, segundo o autor, incentiva o distanciamento entre brasileiros e bolivianos. Estes, por receio de supostos perigos relativos à fronteira (suborno, assalto e drogas), replicam discursos não verificados e rejeitam a possibilidade de interação com a cultura do Outro.

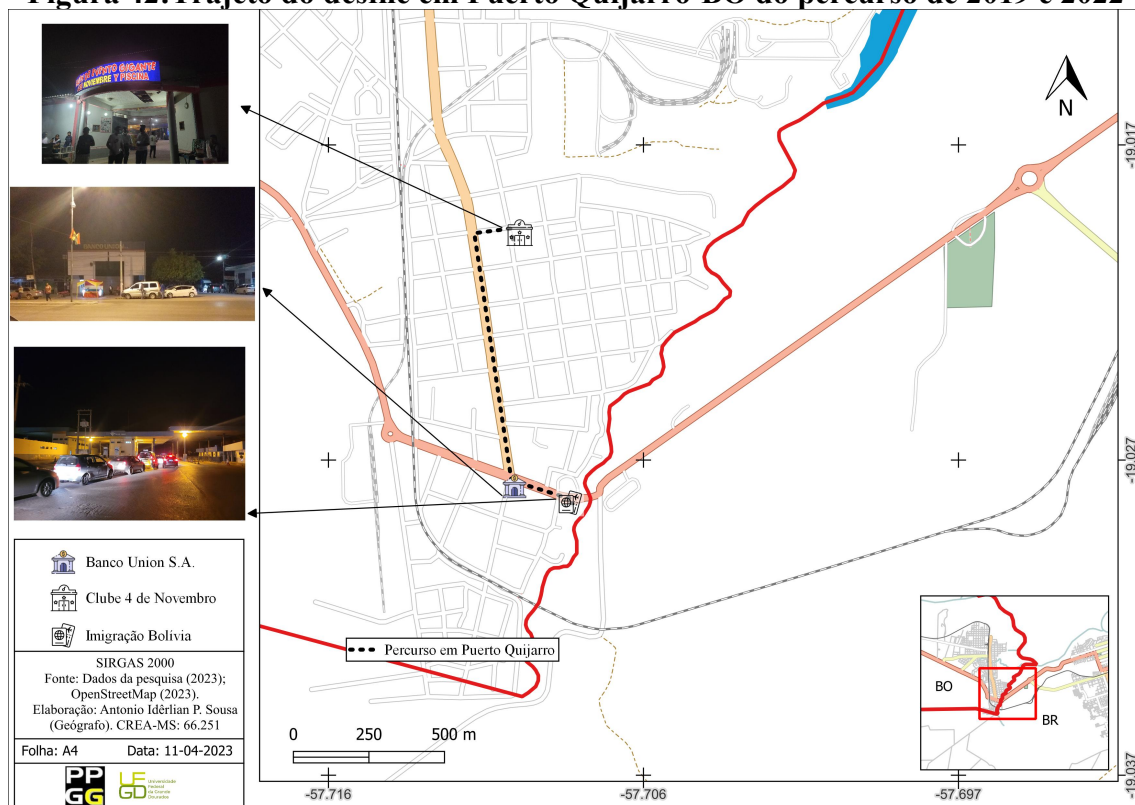
No entanto, verificamos o fato de a polícia e motoristas respeitarem e cortarem caminho do desfile em razão do respeito à Virgem e ao feriado nacional. Como cita dona Ana: “lá ninguém perturba porque é o dia dela!”. Arthur Castelo reforça tal informação:

Muitas vezes a pessoa se altera, então eles vão pra lá! Lá eles fazem a bagunça deles, lá eles se entendem. Como você disse lá, por exemplo, aqui tem que ter a AGETRAT. Lá eles saem dançando e a polícia não intervém, não tem fiscal para perturbar eles em nada e os motorizados respeitam, giram quadras. Aqui também, eu não vi ninguém insatisfeito ou criando algum problema de querer passar, muitas vezes eles faziam uma manobra. Há um respeito! (ARTHUR CASTELO, entrevista concedida em 07/08/2019, Corumbá-MS).

É inegável a existência de menor burocracia com relação à ocupação das ruas de Puerto Quijarro e a de música alta no clube até de madrugada, comparando-se com a celebração de Corumbá. O desfile de Corumbá exige maior atenção de órgãos de fiscalização, como a AGETRAT (Agência Municipal de Trânsito de Corumbá), que fecha as ruas em que o desfile irá acontecer.

Os festeiros, ao atravessarem o posto fiscal e ao chegarem ao Banco Union (aproximadamente 400 metros), fecham as ruas com seus próprios carros e continuam o desfile, o que não exige intervenção de órgãos públicos, diferentemente do que ocorreria no lado brasileiro.

Figura 42: Trajeto do desfile em Puerto Quijarro-BO do percurso de 2019 e 2022



Conforme informou o *pasante* Leandro, não é necessária documentação para autorização do desfile folclórico, a circulação de carros e pessoas acontece sem a mediação de agentes de trânsito.

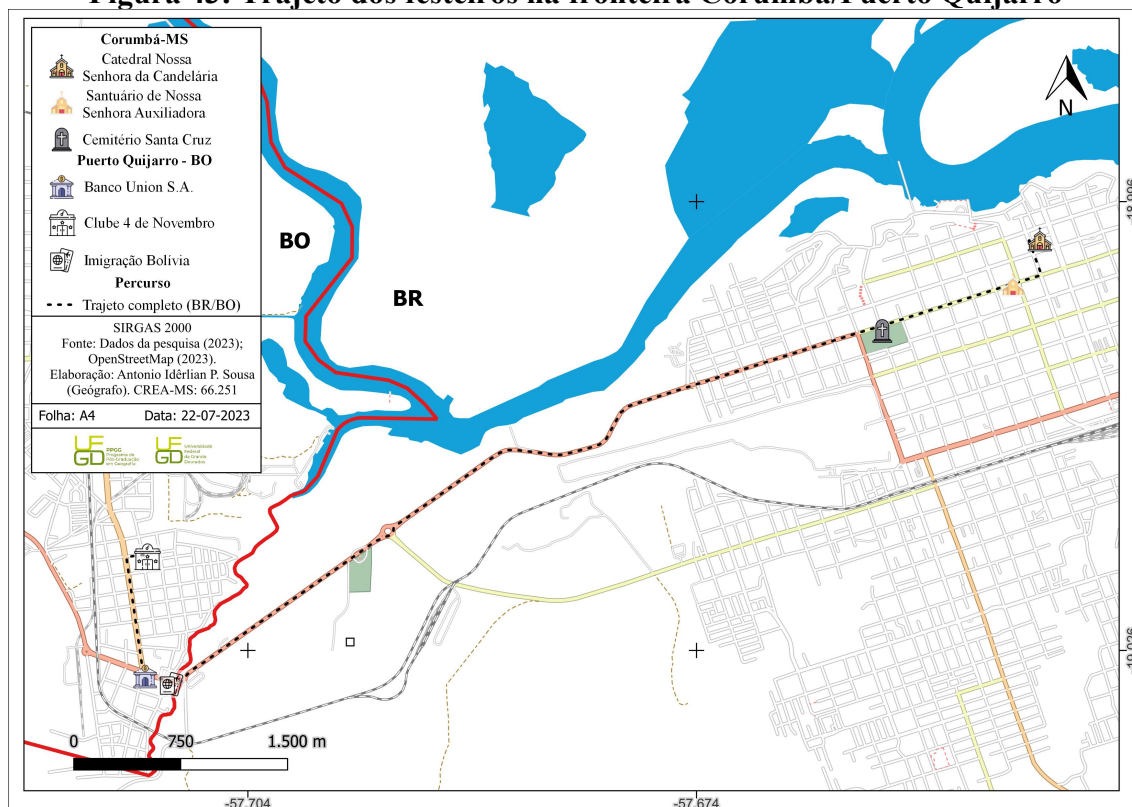
Durante as observações dos desfiles nos períodos de 2019 e 2022, nenhum acidente de trânsito foi registrado em Corumbá ou em Puerto Quijarro. Porém, é sabido que, no lado brasileiro, os festeiros tinham ciência de que poderiam ser notificados se não houvesse um documento de autorização, enquanto que em, Puerto Quijarro, esse

documento não era necessário. Isso pode ser reflexo de alguns fatores como, por exemplo, diferentes leis municipais, identificação com a festa de origem nacional e hábitos culturais distintos.

Provavelmente essa diferença, relativamente à fiscalização dos espaços públicos, favorece a continuidade da celebração em Puerto Quijarro. Lá os festeiros se sentem à vontade para festejar, dançar e beber até o fim da festa.

No Clube 4 de novembro (espaço alugado para eventos), em Puerto Quijarro, o cortejo chega por volta das 22h. No local já há uma equipe que prepara a comida, cuida da decoração; os cantores contratados passam o som e verificam os instrumentos, enquanto aguardam o cortejo chegar.

Figura 43: Trajeto dos festeiros na fronteira Corumbá/Puerto Quijarro



A comida da festa é farta e gratuita. O prato servido, na celebração de 2019, foi o *Fricassê*, prato típico do altiplano, que consiste em um caldo picante com pedaços de frango, vagem, cenoura e batatas. O *Fricassê* é servido em cumbucas descartáveis, os talheres também são descartáveis. Em 2022, o *Picante de pollo*, acompanhado de banana cozida, salada de tomate, alface e cebola, compôs o cardápio.

Figura 44: Prato servido na festa de 2019 e 2022



Fonte: Pesquisa de campo, 2022.

Nas duas celebrações observadas, o frango e a batata se repetiram no cardápio – alimentos comuns ao cardápio do boliviano. Durante o trabalho de campo, em 2019, o migrante boliviano, André Muniz, convidou a pesquisadora para ir a um restaurante no município de Puerto Quijarro; lá Muniz pediu uma entrada à qual se referiu como fricassê.

Muniz contou que o boliviano andino tem o hábito de comer sua refeição de forma fragmentada. Primeiro, um caldo (sopa) mais ralo como entrada e, por último, a refeição com mais carboidratos, como batata e macarrão, e a proteína: frango, porco ou carne vermelha.

Em 2022, a pesquisadora, mais uma vez, foi convidada para almoçar em Puerto Quijarro após assistir a uma apresentação do dia da Independência, a qual o pasante Leandro e sua mãe, dona Ana, foram prestigiar.

Nesse almoço, Leandro levou a pesquisadora, sua mãe e outros devotos que o acompanhavam para almoçar no centro de Puerto Quijarro. Dessa vez o prato servido foi um prato feito (comida rápida, tradicional no Brasil) – arroz, macarrão, batata frita e frango assado.

Sobre a relevância do frango e da batata no cardápio do boliviano, o *pollo* se apresenta em alguns pratos típicos, como o *Fricassê*, o Picante de *pollo* e a Saltenha. Tal relevância associa-se também à diferença do preço do frango em relação ao da carne bovina; quanto às batatas, em razão da diversidade cultivada no país³⁸.

³⁸ Estima-se que seja produzida mais de 1.700 tipos de batata em todo o país. Disponível em: <https://www.boliviacultural.com.br/noticia/a-bolivia-posue-1-760-tipos-de-batatas>. Acesso em: 13 jan. 2023.

No que tange às músicas, algumas bandas, conjuntos são contratados para tocar ao longo da festa. Uma dessas bandas, “Sombras” (conforme o cartaz na figura 33), forma um grupo musical consolidado e reconhecido, vindo de Santa Cruz de La Sierra para a celebração à Virgem.

O grupo faz shows em várias províncias bolivianas, tem 27 anos de carreira e é apresentado como uma banda muito boa, conforme relata Anderson Corrales Muniz: “A festa, tem, por exemplo, o Sombra que tocou lá, que é o conjunto melhores, são o Sombra (09/08/2019).”

Figura 45: Palco montado para a banda “Sombras”



Fonte: Pesquisa de campo, 2019.

Esses grupos são contratados por um número de horas específicas, porém, ao longo da festa, terceiros podem se unir e pagar um cachê por mais horas de apresentação.

Na Bolívia existe um costume, por exemplo, os próprios conjuntos. Aqueles lá que você viu tocar lá. Havia duas bandas, acho que Sombras e.... são conjuntos de palco.

Esses conjuntos também, eles são assim, eles são contratados por 4 horas, mas eles tocam 10/12 horas às vezes, porque os padrinhos ou a

pessoa lá, um entusiasmado paga mais uma hora, e mais uma hora ele paga pra festa continuar.

Acabou a cerveja, eles vão e fazem cota e traz a cerveja pra continuar (ARTHUR CASTELO, entrevista concedida em 07/08/2019, Corumbá-MS).

O decorrer da festa é fluído e contínuo, a banda é contratada para tocar por algumas horas, mas acaba tocando por mais tempo, a depender da disposição e do bolso dos convidados.

O ritmo da *morenada* embala e envolve os convidados do clube pela madrugada a fora. Mesmo após horas incessantes de dança, durante o desfile folclórico, o boliviano encontra forças para continuar festejando à Virgem. Uma das bailarinas, vinda de Santa Cruz de La Sierra, quando questionada sobre como aguentava dançar por tantas horas de salto, respondeu: – “Tudo pela *Mamita*”.

Essa fala evidencia a devoção e o espírito festeiro do boliviano. Mesmo passando por dificuldades, durante o percurso dançante, como calor, peso das roupas, salto das sandálias e cansaço físico, o devoto se “sacrifica” em prol do agradecimento pelas preces e bençãos concedidas pela Virgem.

Figura 46: Convidados dançando ao som da música ao vivo



Fonte: Pesquisa de campo, 2022.

Conforme visualizamos na figura 34, no decorrer da celebração, enquanto alguns convidados são servidos, outros dançam, outros conversam, outros ainda se dirigem ao

altar montado à Virgem no local, para, mais uma vez, agradecer e/ou pedir benções à Virgem de Copacabana.

Figura 47: Mosaico de figuras dos agradecimentos/pedidos à Virgem



Fonte: Pesquisa de campo, 2019 e 2022.

Percebemos a devoção à Virgem não só dos dançarinos do *bloque* e *pasantes*, mas também de convidados e simpatizantes que participam do cortejo em Corumbá até a festa em Puerto Quijarro.

Essa celebração demonstra as relações espaciais, culturais e sociais entre os simpatizantes e devotos da Virgem. A festa que, há 20 anos, é feita por devotos bolivianos valoriza o lado brasileiro, com a missa e com parte do cortejo, mas não deixa de estimar Puerto Quijarro, ao ser finalizada nesse município.

Contudo, isso não garante que a celebração, assim como a presença boliviana, seja amistosa e amigável em todos os âmbitos e em todos os momentos. O imigrante boliviano lida diariamente com aproximações e distanciamentos que o viver na fronteira produz. O afeto e o preconceito fazem parte dessa realidade, como veremos no próximo tópico, após análise das manifestações relativas ao vídeo divulgado em uma página do *Facebook*³⁹ de Corumbá.

4.1 Aproximações e/ou afastamentos?!

As fronteiras em movimentos, os espaços sociais de tensões, contradições e junções. As zonas de fronteiras são campos de força e choques políticos e simbólicos, mas também de variadas misturas culturais e formas de integração (ALBUQUERQUE, 2008, p. 56).

Jose Lindomar Coelho Albuquerque (2008), ao refletir sobre os fluxos migratórios e as disputas de poder na fronteira Paraguai-Brasil, faz considerações acerca do conceito de fronteiras em movimentos. O autor, conforme a citação de abertura deste item, aponta para a ambiguidade nas relações culturais e sociais na fronteira, para o misto de desconfortos e afinidades.

Na fronteira Corumbá/Puerto Quijarro esse “híbrido” de relações entre aproximações e afastamentos é percebido por meio do turismo, do comércio, dos serviços públicos, da devoção, do lazer, do esporte, das manifestações artísticas-culturais. Como narra Oliveira (2009, p.40): “as pessoas, ao comprar ou vender, se conhecem, convivem, se desprezam, se apaixonam, se casam, se separam, etc.”.

Na celebração à Virgem de Copacabana, em 6 de agosto de 2022, uma página particular do *Facebook* a qual incentiva essa mescla de culturas, divulgou a gravação de um trecho do desfile folclórico nas ruas de Corumbá. A postagem rendeu dezenas de comentários, curtidas e compartilhamentos. Recebeu comentários negativos e positivos, falas de “preconceito e solidariedade”. Para Cárdenas (p. 119, 2006), os sujeitos podem realizar ações discriminatórias e de rejeição ao outro, de forma proposital ou não, como demonstra os *prints* a seguir.

³⁹ Disponível em: https://www.facebook.com/watch/?extid=CL-UNK-UNK-UNK-AN_GK0T-GK1C&mibextid=2Rb1fB&v=497809892055403. Acesso em jan. de 2022.

4.1.1 Os afastamentos



No comentário número um, a pessoa argumenta que há mais bolivianos que brasileiros em Corumbá e enfatiza que os bolivianos detêm mais regalias que os brasileiros. Nessa fala fica evidente o desconhecimento acerca do número de bolivianos na cidade, assim como mostra um discurso preconceituoso com relação aos direitos e aos deveres dos migrantes.

Antonio Rosa da Conceição Junior, quando analisa as manifestações xenofóbicas na fronteira Brasil-Bolívia, pondera o seguinte:

A compreensão incorreta de que há “muitos imigrantes” no país, influenciou de forma negativa uma consulta pública do Senado Federal (2017) sobre a nova lei dos migrantes (Lei 13445/2017), a qual, além de adequar a entrada de estrangeiros aos princípios constitucionais, facilitou o ingresso dos imigrantes. Ocorre que mais de 60% dos votantes (7.848 de um total de 9.523) foram contra o novo texto legal.

Outra consequência desta falsa percepção de excesso de estrangeiros no país é a concepção de que imigrantes estariam invadindo o Brasil para a prática de delitos. Dessa forma, observa-se o surgimento de discursos de ódio e agressivos objetivando “defender a nação” [...] (p. 45-46, 2021).

Os discursos de ódio e preconceito reforçam a ideia, os jargões oriundos de ignorância: os “bolivianos estão invadindo Corumbá”; “os bolivianos são maioria”; “têm mais privilégios que os próprios brasileiros”; “através do comércio estão roubando capital brasileiro”; “bolivianos em Corumbá aumentam o número de delitos”. O desconhecimento sobre quem é o boliviano, sobre quais motivações o levaram a sair do país de origem, sobre quais seus hábitos culturais e sua relevância para o comércio corumbaense leva o brasileiro a ter esse misto de sentimento: preconceito e afastamentos.

Algumas das acusações não fazem sentido, se analisadas de forma geral. Segundo o relatório anual de imigração da OBMigra de 2020, o número de imigrantes registrados de longo termo (que aponta o número de imigrantes que permanecem por um período superior no país), a Bolívia registrou 57.765 em todo o país. Vale ressaltarmos que o número de imigrantes bolivianos em Corumbá é grande, é o município que mais recebe migração de bolivianos no Brasil, depois de São Paulo.

Desse modo, o discurso de que “os bolivianos são maioria” é exagerado. O quantitativo de 57.764 registros de bolivianos (embora saibamos que existem as

migrações não registradas) refere-se a todo o país, logo não seria possível a população de bolivianos ser maior que a de corumbaenses⁴⁰, visto que a prévia do Censo 2022 aponta o município com uma população de 94.874 habitantes.

Outro discurso sem fundamento é o de que os bolivianos “através do comércio, estão roubando o capital brasileiro”. Conforme apontamos no primeiro capítulo, o boliviano tem papel primordial no comércio corumbaense, seja como consumidor, seja como revendedor.

No primeiro caso, o boliviano consome em diversos setores do comércio e através disso, proporciona parte dos lucros do comércio local. Como revendedor, é responsável por parte da distribuição de hortaliças, de mercadorias em mercearias, de produtos *Made in China* e venda/conserto de eletrônicos nas feiras e lojas na cidade.

A fala referenciada no segundo *print* parece sugerir uma analogia com os romanos, que invadiram diversos territórios e impuseram sua cultura de forma autoritária e violenta. Pensando-se na realidade de Corumbá, isso não faz sentido, uma vez que os imigrantes bolivianos buscam (na maioria das vezes) se estabelecer na cidade brasileira para ascender financeiramente e garantir qualidade de vida através do seu trabalho, ou seja, não existe uma tentativa de “se apropriar do território vizinho”, mas, sim, a de viver e de se estabelecer nessa nova realidade.

Conforme evidencia Arthur Castelo, os bolivianos vêm para Corumbá em busca de viver melhor, sair da pobreza: “na verdade essas pessoas, são pessoas que viviam na pobreza na Bolívia. Aqui alguns já têm casa própria, aqui eles se sustentam, aqui eles têm a vida deles” (entrevista concedida em 07/08/2019, Corumbá).

O terceiro comentário é relativamente dúbio, a pessoa comenta: “infelizmente nada contra. Eles se acham os donos da Corumbá, só não vê quem não quer”. Quem comenta, tenta, a princípio, passar a ideia de que não tem problemas ou indiferenças com os bolivianos. Porém, enfatiza que eles “dominaram Corumbá”, deixando clara a ambiguidade da sua fala.

Ramalho Junior, ao analisar aproximações e distanciamentos na relação fronteiriça em Corumbá, relata:

⁴⁰ Com relação à imigração boliviana em Corumbá, é importante ressaltarmos que o censo demográfico de 2000 registrou 789 domicílios com presença boliviana (mesmo que os filhos ou cônjuges sejam brasileiros), o que representa 3,4% do total dos domicílios e engloba uma população de 3.240 pessoas (BAENINGER; SOUCHAUD, 2008, p. 276).

Isto porque estas manifestações, de preconceito e solidariedade, são muitas vezes desenvolvidas ao mesmo tempo. Ao passo que a pessoa que atira adjetivos negativos à fronteira e à Bolívia, rotineiramente para lá se dirige para compras. Ao mesmo tempo em que se distancia dos bolivianos ou nega os laços existentes, os reforça, por exemplo, com o matrimônio (RAMALHO JUNIOR, 2012, p. 43).

Como observa o autor, essas demonstrações de preconceito e de solidariedade podem ocorrer ao mesmo tempo e sem que a pessoa se dê conta. A rejeição é visualizada através da repulsa ao boliviano por ele efetuar comércio em Corumbá, mas, ao mesmo tempo, nota-se o interesse em comprar desses imigrantes, em virtude do preço, da grande disponibilidade de produtos.

No quarto *print* a crítica fica por conta do desfile folclórico relativo à celebração à Virgem de Copacabana que ocorre nas ruas de Corumbá. Esse desfile, de cunho religioso, é associado/confundido com o desfile cívico da Independência⁴¹. Como é perceptível, a fala é coberta por desconhecimentos e ignorância.

O desfile folclórico, do dia 6 de agosto, é organizado pelos devotos da Virgem e não por órgãos governamentais. A fala: “nunca vi nada parecido em outras cidades da fronteira” demonstra desconhecimento das relações de fronteira das cidades do Mato Grosso do Sul, conforme a notícia do Jornal Campo Grande News:

Em Mato Grosso do Sul, nesta terça também é feriado em Porto Murtinho, a 431 km de Campo Grande, e em Dourados, a 233 km da Capital, segunda maior cidade de Mato Grosso do Sul, onde a programação da igreja católica para marcar a data começou em novembro e termina à noite com missa solene às 18h, procissão luminosa e coroação da imagem (...) Hoje também é feriado nacional do Paraguai, país vizinho a Mato Grosso do Sul e com forte ligação com as cidades sul-mato-grossenses por causa dos imigrantes e descendentes de paraguaios que moram no estado (CAMPO GRANDE NEWS, 2015, p. 1).

A matéria sobre a Virgem de Caacupê descreve as comemorações do dia 8 de dezembro nos municípios de Porto Murtinho e Dourados, no Brasil; o primeiro faz fronteira com Fuerte Olimpo e Carmelo Peralta no Paraguai. O segundo está na faixa de fronteira (a 150 km) e conta com um número significativo de imigrantes paraguaios.

Em Dourados a celebração acontece anualmente e é realizada pela comunidade de migrantes, descendentes e devotos da Virgem.

⁴¹ Ambos comemorados na mesma data, dia 6 de agosto.

No dia 08 de dezembro, além da celebração em honra a Nossa Senhora da Imaculada Conceição, a comunidade paraguaia também celebra a festa em honra a Nossa Senhora de Caacupê, que é a padroeira do Paraguai.

Pela manhã na Praça Paraguaia, devotos participaram da Santa Missa e confraternização em honra a virgem de Caacupê. A Santa Missa foi celebrada pelo Padre Teodoro (Paróquia Divino Espírito Santo de Ponta Porã) e concelebrada pelo Padre Crispim (Catedral) e Frei Silvio (Paróquia São José Operário) (RÁDIO CORAÇÃO, 2016, p. 1)

Conforme percebemos nas citações, a fala infeliz sobre não haver outras comemorações em outras cidades da fronteira não tem fundamento. Dourados, Ponta Porã, Porto Murtinho, Corumbá, assim como outros municípios e estados realizam celebrações a Virgens de outros países, como São Paulo, por exemplo.

Entretanto, vale destacar, nesse contexto, a excepcional visibilidade que o ciclo de festas devocionais realizadas naquela igreja (**Igreja Nossa Senhora da Paz, no bairro da Liberdade em São Paulo**) confere aos bolivianos e outros grupos de hispano-americanos. Tal ciclo inicia-se em julho, com a festa da Virgem do Carmo, realizada pelos chilenos; seguidas pelas festas bolivianas das Virgens de Copacabana e Urkupiña, no mês de agosto; pela festa peruana do Senhor dos Milagres, no fim de outubro; e finalizando com a festa da Virgem de Caacupê, realizada pelos paraguaios no início de dezembro (SILVA, 2005, p. 79) (inserção nossa).

O quinto pronunciamento é uma resposta à pessoa que teceu o quarto comentário: “Corumbá abriu as portas, que tem eleitores bolivianos”, justificando a “possível liberdade dos vizinhos bolivianos”.

Sobre os eleitores bolivianos em Corumbá, embora tenham alguns imigrantes que, após um período morando no lado brasileiro, busquem pela naturalização, logo o direito eleitoral, essa não é a regra. Esse é um processo longo e burocrático.

A Lei de Migração Brasileira (13.445, de 24 de maio de 2017), em seu artigo 65, estabelece os requisitos para a naturalização.

Art. 65. Será concedida a naturalização ordinária àquele que preencher as seguintes condições:

- I - ter capacidade civil, segundo a lei brasileira;
- II - ter residência em território nacional, pelo prazo mínimo de 4 (quatro) anos;
- III - comunicar-se em língua portuguesa, consideradas as condições do naturalizando; e
- IV - não possuir condenação penal ou estiver reabilitado, nos termos da lei (BRASIL, 2017).

Esses requisitos prolongam o processo de concessão da naturalização em virtude, principalmente, da exigência em relação ao tempo de moradia no Brasil à necessidade de domínio da língua portuguesa. Portanto, não é um sistema rápido para obtenção do documento.

Gustavo Costa (2015, p.53) relata que “é preciso dizer que a maioria dos bolivianos não vota no Brasil, tornando-se “invisíveis” aos olhos dos políticos locais, que não veem o grupo como um possível nicho eleitoral”.

Por outro lado, a assistente social do município, Rogéria Martins, conta que a geração mais nova de migrantes, a “terceira geração”, busca mais a regulamentação do que os primeiros migrantes, principalmente como estratégia de sobrevivência e garantia do ir e vir.

Eu percebo assim hoje nessa terceira geração, uma corrida a se regularizar legalmente. Às vezes a gente busca dados tanto na educação, às vezes na saúde, às vezes até na própria assistência, muitos entram como brasileiros mesmo. Eles têm hoje já com uma frequência maior a carteirinha de fronteiro, pra facilitar esse andar, esse atravessar esta linha de fronteira, essa linha terrestre. Então eu vejo mais uma busca por regularização, até pelos direitos, a carteirinha do SUS, o acesso à educação até os benefícios de transferência de renda (entrevista concedida em 17/02/2021, via *Google Meet*).

No sexto *print* revelam-se três aspectos que apontam para a antipatia ao boliviano. Primeiro, a falta de respeito pela devoção do vizinho: “não vejo graça nisso” (referência ao desfile folclórico). Segundo, a acusação: “um povo vizinho que nem gostar da gente gosta”; isso, sem nenhuma comprovação de que esse fato seja verídico. Terceiro, a insinuação de que os corumbaenses não teriam os mesmos direitos em terras bolivianas: “vai lá um corumbaense desfilar pra ver o que dá”.

O sétimo *print* demonstra mais uma vez o misto de falas negativas e positivas, a insatisfação se dá devido ao fato de uma suposta cobrança para entrar em território boliviano. O discurso positivo é em virtude do grande número de brasileiros que vão à Bolívia para estudar medicina, visões de possíveis vantagens e desvantagens de quem vive na fronteira. Isso ocorre especialmente pelos baixos custos das mensalidades, comparadas às do Brasil.

Com relação a essa questão, a geógrafa Fernanda Rodrigues (p. 87, 2015) diz que os principais destinos são Santa Cruz de La Sierra e Cochabamba, devido, sobretudo, a dois motivos: o baixo custo da mensalidade e de vida na Bolívia, assim como a facilidade de ingresso por não haver exigência de vestibular.

O oitavo *print* afirma o descontentamento pelo acolhimento ao boliviano. O (a) autor (a) exclama que o Brasil é “mãe de todos”, o que sinaliza para um sentimento maternal em referência ao país, ou seja, aquele que recebe, abriga e cuida.

A aversão ao vizinho se exprime também em diversas instâncias, desde a “ocupação” do território corumbaense ao comércio de rua e às manifestações artísticas públicas: “Retomada de Corumbá agora será das mãos dos bolivianos. Comércio e trânsito também”. A “retomada do trânsito”, provavelmente, tem relação com a quantidade de carros e motos com placas da Bolívia que transitam diariamente em Corumbá e com o desfile folclórico realizado durante as comemorações à Virgem de Copacabana.

O comércio boliviano em Corumbá é motivo das reclamações mais comuns dos corumbaenses não simpatizantes com os vizinhos. Porém, o município é dependente do abastecimento de produtos da Bolívia, como é o caso dos hortifrutis, do vestuário, dos eletrodomésticos, entre outros produtos que são vendidos nas feiras da cidade (COSTA, 2012, p. 49).

Segundo Costa, “na medida em que alguns bolivianos se tornam empreendedores, patrões de si mesmos e começam a lucrar e a ascender socialmente, aumenta o sentimento de rivalidade com setores comerciais estabelecidos (COSTA, 2012, p. 53)”.

A fala de Padre Murilo Adão enfatiza a relação de troca Brasil/Bolívia:

A Bolívia tem muito mais poder que aqui, se nós temos hortifrúti aqui é porque vem de lá. (...) Eles dependem de mexer no celular, eles vão neles, são eles que vão arrumar mais barato. Pegar refrigerante vai neles, do lado do Fernandes ali, vai na casinha da mulher boliviana porque é lá que tá (entrevista concedida em 08/08/2019, Corumbá-MS).

Assim como Padre Murilo, que destaca a importância da Bolívia e dos bolivianos para a alimentação, para o comércio de eletrônicos e prestação de serviços, a assistente social do município também enfatiza a relevância dos visitantes bolivianos para a economia local:

Hoje é fundamental a presença da população boliviana em Corumbá, tanto no comércio como nos hotéis, na rede hoteleira. Basicamente os turistas que frequentam Corumbá, que estão em Corumbá eles são bolivianos (ROGÉRIA MARTINS PAULA ALVES, entrevista concedida em 17/02/2021, via *Google Meet*).

O décimo *print* mostra a repulsa e a acusação ao vizinho: “Vai nós brasileiros fazermos os abusos que eles fazem aqui, somos expulsos”; nesse comentário acontece uma grave acusação ao outro, o boliviano é descrito como “abusador”, sem leis e desrespeitoso ao país que o acolhe.

Gustavo Costa (2015, p. 42,) quando discorre sobre as relações de conflito e poder na fronteira, pontua que “a imagem do “Outro” ganha contornos específicos em Corumbá, na medida em que a Bolívia é vista, por parte da população, como símbolo do atraso, da pobreza e da falta de “civilidade, de higiene, das leis”.

Lembramos que esses bolivianos, mesmo sendo vistos como “intrusos”, e de forma negativa, ao mesmo tempo são vistos como importantes para o trabalho em Corumbá, no comércio, nos serviços, e em outras atividades laborais.

No décimo primeiro comentário, vemos uma crítica no sentido de que as comemorações à Virgem de Copacabana sejam realizadas apenas na Bolívia, o que nega a liberdade religiosa e festiva de bolivianos nas ruas de Corumbá.

Em entrevista, o filho de bolivianos e ex-presidente do Conselho de Cultura de Corumbá (gestão 2014), Arthur Castelo, avalia as comemorações à Virgem no município:

Gostaria de registrar para você, que essa é uma festa corumbaense. Isso é uma honra! Porque não existe missa na Bolívia. O momento de fé, um momento de alegria. E eles fazem questão de fazer isso em agradecimento a como eles foram recebidos. [...] Eles fazem isso para agradecer.... Agradecer... Agradecer também o Brasil. Você pode ver que eles usam a bandeira brasileira e boliviana, para demonstrar esse carinho, esse acolhimento que houve aqui pelo corumbaense, pelo brasileiro a eles. E traz sua cultura (entrevista concedida em 07/08/2019, Corumbá-MS).

Ao contrário do (a) autor (a) do comentário anterior, Arthur enfatiza a gratidão dos bolivianos para com Corumbá e os brasileiros, enaltece a festa e ressalta a “honra” que é sediar essa demonstração cultural religiosa.

A décima segunda fala, é marcada por um tom de “agressividade” aos bolivianos: “os nosso vizinhos já tomaram conta de Corumbá”; “Corumbá foi bom quando era Mato Grosso”; isso dá a entender que “os vizinhos” não faziam parte dessa realidade nesse período.

Fato que é refutado pelo professor da UFMS/Corumbá, Mateus Antônio, quando questionado se havia presença boliviana na construção de Corumbá:

[...] nos processos crimes do acervo do Fórum, aparecem os bolivianos ali, como vítima ou como réu. Aparece bolivianos, quer dizer, a presença boliviana está aqui do lado, como é que vai ser postergada durante tanto tempo? É impossível! Tá aqui do lado. Cinco anos depois da guerra é fundada Porto Suarez, quer dizer, e logo depois é fundada a comunidade de El Carmen (entrevista concedida em 17/02/2021, via *Google Meet*).

O décimo terceiro e décimo quarto comentários trazem dois discursos já abordados ao longo dos outros *prints* – o sentimento de invasão, caracterizado pelo número de bolivianos em Corumbá; e o desejo de se expulsar o vizinho:

[...] ainda temos situações, vamos de dizer, de preconceito aqui nos mais antigos na população, dizer que são uma raça inferior. Dizer: – Ah, só podia ser boliviano mesmo! Tinha que ser de lá! Então tem isso ainda arraigado em algumas situações, mas ligados a coisas específicas, mas mudou, tá mudando (ROGÉRIA MARTINS PAULA ALVES, entrevista concedida em 17/02/2021, via *Google Meet*).

Notamos, ao longo dos comentários, que o preconceito fica evidente nos discursos reproduzidos. O boliviano geralmente acusado, negligenciado, expulso, discriminado e menosprezado.

4.1.2 As aproximações



Visualizamos, pelo exposto, que o primeiro comentário é uma advertência, um alerta com relação aos dizeres preconceituosos ao longo da postagem. A pessoa orienta que muitas daquelas falas são crimes.

O segundo e o terceiro *prints* trazem exposições receptivas referentes à celebração à Virgem de Copacabana, um exalta os bolivianos e outro elogia a cidade de Corumbá pela “hospitalidade” e festeja junto com o país vizinho.

As relações sociais que se constroem entre brasileiros e bolivianos, como o compadrio, no exemplo acima, propiciam o cruzamento das fronteiras étnicas e nacionais por parte de alguns atores sociais, reinventando suas identidades nesse processo (COSTA, p. 50, 2012).

Conforme Costa, a relação de familiaridade/compadrio é responsável pelas aproximações entre os diferentes. Essas conexões se estendem em diversos âmbitos: nos relacionamentos amorosos, nas amizades, nas trocas comerciais, religiosas, culinárias.

O quarto *print* enfatiza a constância dos desfiles folclóricos em homenagem à Virgem de Copacabana (desde 2011), além de salientar o “orgulho de ter outro país mostrando a cultura em Corumbá”. Esse tipo de discurso contrapõe-se às falas xenofóbicas e indignantes relacionadas ao boliviano, demonstrando que, embora haja preconceito, também há afeto e solidariedade com o outro.

O quinto *print* é um testemunho em que verificamos o argumento de que todas as vezes que a pessoa visitou a Bolívia “nunca teve problema”. Fala que contradiz comentários como, por exemplo, o de que para se entrar no país vizinho ao Brasil é preciso pagar alguma taxa e o de que brasileiros ali não são bem tratados.

O sexto comentário, assim como o terceiro enaltecem e parabenizam os bolivianos e seu país. Isso aponta aproximações entre brasileiros e bolivianos a partir de manifestações artístico-religiosas.

Dona Ana, quando questionada sobre o porquê fazer a festa em Corumbá e sobre como os corumbaenses lidavam com a celebração, observa o seguinte:

Sim, porque aqui é mais confortável, mais tranquilo! *La persona* brasileira é melhor que o boliviano! Sempre me trataram bem!.... tanto que tenho uma filha que tá em Curitiba. Então pra mim é super tranquilo! De boa! Ninguém perturba! Ninguém fala nada! (ANA GARCIA MARTON, entrevista concedida em 29/12/2020, Corumbá-MS).

A sétima fala destaca o “parentesco” entre os municípios fronteiriços. O (a) interlocutor (a) aponta que brasileiros e bolivianos convivem e se respeitam. O ex *pasante* Leandro, ao ser indagado sobre a participação dos brasileiros na celebração à Virgem relata:

Brasileiros a gente não exige nada deles, a maioria dos brasileiros são convidados. Como eu falei, eles não conhecem muito da cultura boliviana, eles vêm assim mais por achar bonita a festa, a dança, eles ficam admirados. Mas sempre tem aqueles brasileiros que falam que quer dançar ano que vem, sempre tem um ou outro dançando também. Mas sempre aparece brasileiro devoto lá, aparece lá, tão rezando ali na frente da igreja (LEANDRO MARTINEZ, entrevista concedida em 9/10/2020, Corumbá-MS).

O oitavo comentário é uma combinação de “preconceito e afeição”. Nele a pessoa desqualifica a presença turca e exalta o trabalho e o compromisso dos bolivianos. A fala faz majoritariamente referência ao comércio, isso porque é grande a presença de turcos e de bolivianos nessa área.

Se alguns reclamam da quantidade de comércios bolivianos, outros comemoram essa presença. As relações de aproximação não se dão de maneira igual e nem a partir dos mesmos critérios e situações.

[...] os pontos de aproximação, eles constituem elementos de integração muito resistentes, principalmente porque não são resultantes de projetos políticos governamentais, ocorrem de forma espontânea e aberta, aproximam e criam laços fortes suficientemente rígidos para romper preconceitos e fazer prevalecer o amistoso (RAMALHO JUNIOR, p. 63, 2012).

Assim como o primeiro comentário, o nono adverte sobre o preconceito com os bolivianos. Porém, desta vez, o apelo não tem como repreensão as leis e o crime. A punição fica sob responsabilidade do divino, “Deus” é o invocado para analisar as ações de discriminação com o vizinho.

O décimo *print* evidencia um elo de aproximação a partir do turismo, são citados fenômenos naturais: “neves, montanhas, vulcões, salares e Lago Titicaca”. O turismo se mostra relevante para a proximidade entre os países vizinhos.

Nos discursos dos entrevistados e nas notícias de jornais locais a presença dos bolivianos no turismo de Corumbá e dos municípios próximos é citada como frequente e importante economicamente⁴².

O décimo primeiro e o décimo segundo *prints* fazem menção à Virgem de Urkupiña. Celebração que ocorre alguns dias após à da Virgem de Copacabana. O texto é escrito em espanhol, provavelmente, por um boliviano. De acordo com Ramalho Junior:

As manifestações culturais bolivianas que ocorrem nas ruas de Corumbá são de grande relevância, pois, solidificam as atitudes amistosas entre os povos desta fronteira. Ademais, além de caminhar em direção à quebra de preconceitos, possibilitam o conhecimento de algo que lhes era invisível aos olhos, desconhecido. E as reações dos corumbaenses curiosos, em geral, são de apreço e respeito pela cultura e pelo povo boliviano. Oportunidade em que estampam sua admiração e retribuem com recepção calorosa através de aplausos, com registro fotográfico. A forma sutil e cordial de agradecimento pela cultura do vizinho (RAMALHO JUNIOR, p. 61, 2012).

A pessoa que escreveu deve ter lido os outros muitos comentários ofensivos ou acolhedores e assim, percebido que enquanto alguns são receptivos e respeitosos, outros são agressivos e rudes. Demonstrando a multiplicidade de integração e discriminação das relações socioculturais na fronteira.

Percebemos que as postagens referenciadas marcam-se por mensagens de preconceito, mas também de afeto. Há os que atacam, os que elogiam e também os que fazem ambas as ações. Embora as ações de preconceito e aversão sejam visíveis e persistentes, verificamos relações de aproximação, compadrio, afeto e respeito.

Ao longo dos *prints*, notamos a contradição das relações sociais na fronteira. Visões preconceituosas e discursos pejorativos são evidentes ao longo dos comentários, contudo, a relação de proximidade e a relevância da presença dos bolivianos mostram-se ao longo desses mesmos discursos. Constatamos, assim, as simultâneas aproximações e os afastamentos entre brasileiros e bolivianos.

⁴² Temática abordada no *Pasante* 1.

Considerações Finais

Cheguei chorando, falei não! Eu pedi pra santa. Uma dona de saia se apresentou, falou que não era para ficar muito tempo, que era pra sair. Então deve ser que era ela. Ai desse momento que falei com meu esposo, falei um negócio: “você sabe que Marcelo tem a santa? Pedi para ela! Será que ela fez esse milagre” (ANA GARCIA MARTON, entrevista concedida em 29/12/2020, Corumbá-MS).

Porque tudo que eu tenho, eu pedi a Virgem várias coisas, tanto que pedi pra ela. Tanto que hoje em dia eu tenho minha loja, tenho casas, terrenos.

Pedi de fé e de coração, mas nada cai do céu! Você também que por sua parte, tem que trabalhar! Mas eu pedi de coração e ela me deu bastante coisa! (LEANDRO MARTINEZ, entrevista concedida em 29/10/2020, Corumbá-MS).

Este trabalho é fruto de admiração à resistência e à perseverança do boliviano em sua devoção à Virgem de Copacabana. A adoração dos devotos da “Mamita” demonstra-se através de palavras, gestos e elementos materiais. Como narram dona Ana e seu filho Leandro, a Virgem é a razão de fé e fervor em relações diversas, do físico ao financeiro.

A especificidade da história, da fé, da celebração, dos “amores” e “temores” à Mamita incitaram-nos a curiosidade e contribuíram com a determinação no sentido de analisarmos e descrevermos a celebração e as interações sociais decorrentes dessa devoção.

A inquietação e a admiração levaram-nos à pergunta norteadora do trabalho: como a celebração à Virgem de Copacabana contribui nas relações socioculturais, compostas de aproximações e afastamentos entre bolivianos e brasileiros na fronteira Corumbá e Puerto Quijarro?

Buscamos, ao longo do trabalho, apresentar a particularidade e a unicidade da celebração à Virgem de Copacabana na fronteira Corumbá e Puerto Quijarro. Procuramos descrever de forma linear a celebração, conforme ocorre na fronteira em todo 6 de agosto, dia da Independência da Bolívia e comemoração à Virgem.

Essa descrição se dividiu em quatro partes complementares com o intuito de apresentar Corumbá e a presença dos migrantes bolivianos; caracterizar as diferentes Virgens presentes na fronteira, os símbolos e os rituais da celebração, assim como os discursos de aproximações e/ou afastamentos entre bolivianos e brasileiros.

Ao longo das descrições desse “sistema urbano transfronteiriço” (BENEDETTI, 2011), percebemos que o migrante boliviano é presente e relevante na produção e na organização espacial de Corumbá; desde meados do século XVIII já se tem registro da presença dele, sendo mais popularizada a partir da construção da ferrovia de Corumbá.

A relação entre Corumbá e os migrantes bolivianos se mostrou intensa também no comércio. Eles são os principais responsáveis pelas feirinhas da cidade, pela oferta de hortifruti, acessórios, consertos de celular, produtos *made in China* e bebidas. Mas não é só na oferta de produtos e serviços que os bolivianos se destacam, é evidente que a vinda de bolivianos, residentes na Bolívia, em busca de consumo em Corumbá contribuem para a economia da cidade. A rede hoteleira, o turismo, o lazer, os restaurantes e os comércios de confecções, calçados, móveis e eletrodomésticos têm dependido significativamente do migrante boliviano (que reside ou em Corumbá ou no outro lado da fronteira) para fortalecimento da economia.

Outro fator que evidencia a presença e a “territorialização” do boliviano em Corumbá são as manifestações culturais, como a devoção às Virgens bolivianas, manifestações que, ao longo dos anos, passam por mudanças e melhorias. As Virgens bolivianas em Corumbá têm expressivo número de devotos e sua celebração faz parte do calendário festivo da cidade, marcando presença com desfiles, festas e missas, o que também demonstra as estratégias de territorialização desse grupo.

Conforme verificamos ao longo das entrevistas, dos diálogos e das observações no campo, a celebração religiosa ora une, ora fragmenta o relacionamento entre brasileiros e bolivianos. Além disso, a celebração em Corumbá possibilita maior inserção de brasileiros, mas ainda é uma solenidade majoritariamente boliviana.

É notório, também, o papel da devoção e da celebração como mecanismos e estratégias de resistência e fortalecimento dos migrantes bolivianos. A visibilidade e a magnitude da festa evidenciam a presença e a territorialização desse grupo.

Ressaltamos, contudo, que, embora o migrante boliviano seja importante para o comércio local ou para a prestação de serviços, ainda persistem discursos pejorativos relativos a ele, o que sinaliza para conexões que se mostram híbridas e contraditórias. Desse modo, a relação entre bolivianos e brasileiros ou entre o “Eu e o Outro” é atravessada de múltiplos sentimentos, ações, trocas e junções.

Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE, J. L. C. Fronteiras e identidades em movimento: fluxos migratórios e disputa de poder na fronteira Paraguai-Brasil. **Cadernos CERU**, [S. l.], v. 19, n. 1, p. 49-63, 2008. DOI: 10.1590/S1413-45192008000100004. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ceru/article/view/11843>. Acesso em: 21 jun. 2022.

_____. **A dinâmica das fronteiras: Os brasiguaios na fronteira entre o Brasil e o Paraguai**. São Paulo: Annablume, 2010.

ALMEIDA, M. G. de. Uma leitura etnogeográfica do Brasil Sertanejo. In: SERPA, A. **Espaços culturais: vivências, imaginações e representações**. Salvador: EDUFBA, 2008, p. 313-336.

ALMEIDA, F. J. de. **Fortaleza imaginária: A construção do patrimônio cultural pelos diferentes discursos sobre o Forte de Coimbra e seu contexto histórico-paisagístico**. 168 f. Dissertação (Mestrado em Preservação do Patrimônio Cultural), Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Rio de Janeiro, 2019.

AMORIM, D. U. de. “MARIAS DE NOSSA MÃE: FÉ, FEMININO E AS AMÉRICAS” INICIANDO UMA CAMINHADA. **XVIII ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura**. 27-30 jul. 2021.

ANZALDÚA, G. **Borderlands / La frontera: The New Mestiza**. 2 ed. Madrid: Capitán Swing Libros, 1999.

BAENINGER, R.; SOUCHAUD, S. Vínculos entre a Migração Internacional e a Migração Interna: o caso dos bolivianos no Brasil. **Taller Nacional sobre “Migración interna y desarrollo en Brasil: diagnóstico, perspectivas y políticas**. Brasília, 2007.

_____. *Collas e cambas* do outro lado da fronteira: aspectos da distribuição diferenciada da imigração boliviana em Corumbá, Mato Grosso do Sul. **R. bras. Est. Pop.**, São Paulo, v. 25, n. 2, jul./dez. 2008, p. 271-286.

BANDUCCI JÚNIOR, A. Turismo e fronteira integração cultural e tensões identitárias na moeda brasileira como o Paraguai PASOS, **Revista Turismo e Patrimônio Cultural**, El Saulzal (Tenerife), Espanha, v. 9, n. 3, 2011, p. 7-18.

BANDUCCI JÚNIOR, A.; ROMERO, A. Culto aos mortos na fronteira entre Brasil e Paraguai: os rituais da sexta-feira santa em Pedro Juan Caballero. In OLIVEIRA, T. C. (org.). **Território sem limites: estudos sobre fronteiras**. Campo Grande: UFMS, 2005, p. 511-538.

BARELLI, A. I. Religiosidade popular: o caso da Virgem de Urkupiña em San Celsode Bariloche. **Culture & Religion Magazine**, 5 (1), p. 64-79, 2011. Disponível em: <http://www.revistaculturayreligion.cl/index.php/revistaculturayreligion/article/view/101>. Acesso em fev. 2021.

BRASIL. Lei Nº 13.445, de 24 de maio de 2017. **Dispõe sobre a Lei de Imigração**. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2017.

BENEDETTI, A. Lugares de frontera y movilidades comerciales en el sur sudamericano. Una aproximación multiescalar. In: **Fronteiras em foco**. COSTA, E. A.; COSTA, G. V. L.; OLIVEIRA, M. A. M. (Org.). Campo Grande: UFMS, 2011, p. 33-55.

BEYHAUT, G. (1994). Dimensão cultural da integração na América Latina. *Estudos Avançados*, 8(20), 183-198. Recuperado de <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9654>. Acesso em 12 dez. 2022.

BONNEMAISON, J. Viagem em torno do território. In: CORREA, R. L.; ROSENDAHL, Z. **Geografia cultural**: um século (3). Rio de Janeiro: Eduerj, 1999. p. 83-131.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. 11 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BOURDIEU, P.; MICELI, S. **A economia das trocas simbólicas**. 6 ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

CÁRDENAS, M. Y veras como quieren em Chile: Un estudio sobre el prejuicio hacia los inmigrantes bolivianos por parte de jóvenes chilenos. **Última Década**, n.24, CIDPA Valparaíso, julho de 2006, p. 99-124.

CHARTIER, R. **História Cultural**: entre práticas e representações. Difel, 2º edição, Portugal, 2002.

CONCEIÇÃO JUNIOR, A. ROSA da. **Uma análise das manifestações xenofóbicas na fronteira Brasil-Bolívia segundo o ordenamento jurídico brasileiro**. 2021, 72 f. Dissertação, (Mestrado em Estudo Fronteiriços), Campus do Pantanal, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Corumbá, 2021.

COSTA, E. A. da; Mobilidade e fronteira: as territorialidades dos jovens de Corumbá, Brasil. **Revista Transporte y Territorio**. 2013, p. 65-86.

COSTAS, E. A.; DIAS, R. T. R. Lugar e Territorialidades dos bolivianos em Corumbá-MS. **CADERNO DE ESTUDOS CULTURAIS**. v. 7, n. 14 (2015), p. 225-241.

COSTA, G. V. L. A Feira Bras-Bol em Corumbá (MS): notas sobre o comércio informal na fronteira Brasil-Bolívia. **Contemporânea**, v. 3, n. 2, jul.- dez. 2013, p. 467-489.

_____. Os bolivianos em Corumbá-MS: conflitos e relações de poder na fronteira. **MANA** n. 21, v.1, p. 35-63, 2015.

DIAS, R. T. R. **A moradia dos bolivianos em Corumbá-MS**: singularidades do espaço fronteiriço. 2010, 77 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Fronteiriços), Campus do Pantanal, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Corumbá, 2010.

FERREIRA, P. M. da S.; SILVA, R. V. da. Contato linguístico na fronteira Brasil-Bolívia: hibridações étnicas, culturais e sociais. **ESTUDIOS HISTORICOS – CDHRPyB- Ano IV – Uruguai**, dezembro, 2012.

- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- GISBERT, T.; MESA, J. de. **La Virgen María en Bolivia**. La dialéctica barroca en la representación de María. La Paz: Unión Latina, 2002.
- HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização**: do "fim dos territórios" à multiterritorialidade. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- HEIDRICH, A. L. Método e metodologias na pesquisa das geografias com cultura e sociedade. In: HEIDRICH, A. L.; PIRES, C. L. Z. **Abordagens e práticas da pesquisa qualitativa em geografia e saberes sobre espaço e cultura**. Porto Alegre: Editora Letra1, 2016, p. 15-34.
- HISSA, C. E. V. **Entrenotas**: compreensões de pesquisa. Belo Horizonte: UFMG, 2013.
- HISSA, C. E. V. et al. Lugar de diálogos possíveis. In: HISSA, Cássio, E. V. **Conversações**: de arte e de ciências. Belo Horizonte: UFMG, 2011, p. 35 a 58.
- IBGE. **Arranjos Populacionais e Concentrações Urbanas do Brasil**. 2 ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2016. e-Book (PDF).
- LÓPEZ, F. B. L. Nuestra Señora de Copacabana, uma devoción andina patrona de Rubielos Altos (Cuenca): su origen e difusión. **Revista Murciana de Antropología**, n. 8, 2002, p. 193-246.
- MAGGIE, Y. **Guerra de orixá**: um estudo de ritual e conflito. 3d. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- MANETTA, A. **Dinâmica populacional, urbanização e ambiente na região fronteira de Corumbá**. 110 f. Dissertação (Mestrado em Demografia), Universidade Estadual de Campinas, 2009, Campinas.
- MARCELO, J. R. **Imagens de uma devoção**: as peregrinações aos santuários de Nossa Senhora de Aparecida e Nustra Señora de Caacupé. 125 f. Dissertação (Mestrado em Integração da América Latina), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- MARIAS, Direção: Joana Mariani. Produção: Joana Mariani. Brasil; Vitrine Filmes, 2016, 75 minutos. *Google Play Movies*.
- MARTINS, R. F. **Festas na fronteira**: manifestações devocionais à Virgem Urkupiña – padroeira da Bolívia –, em Corumbá. 2016. 122 f. Dissertação (Mestrado Estudos Fronteiriços), Campus do Pantanal, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Corumbá, 2016.
- MEZZADRA, S.; NEILSON, B. **La frontera como método** - O la multiplicación del trabajo. Madrid, Ed. Traficantes de Sueños, 2017.
- MONDARDO, M. L. **Territórios de trânsito**: dos conflitos entre Guarani e Kaiowa, paraguaios e “gaúchos” à produção de multitransterritorialidade na fronteira. Rio de

Janeiro: Consequência, 2018.

_____. O Corpo enquanto “primeiro” território de dominação: O biopoder e a sociedade de controle. **Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação**, 2009.

NOGUEIRA, R. J. B. fronteira: espaço de referência identitária?. **Ateliê Geográfico**, Goiânia/GO, v. 1, n. 2, dez.2007, p. 27-41.

OLIVEIRA, T. C. M. de. Os Elos da Integração: o exemplo da fronteira Brasil-Bolívia. In: COSTA. E.A. OLIVEIRA, M. A. M.(org.) **Seminário de Estudos Fronteiriços**. Campo Grande: Edufms. 2009, p. 25-44.

RAMALHO JUNIOR, A. L. **Aproximações e distanciamentos entre brasileiros e bolivianos na vivência fronteiriça em Corumbá-MS**. 2012. 70 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Fronteiriços), Campus do Pantanal, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Corumbá, 2012.

RODRIGUES, F. G. **MIGRAÇÃO INTERNACIONAL DE FORMAÇÃO E O SONHO DE SE TORNAR MÉDICO**: os estudantes de Medicina brasileiros na Bolívia. 142 f. Tese (Doutorado em Geografia Tratamento da Informação Espacial), Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

SAAVEDRA, J. L. G. **História de Nossa Senhora de Copacabana na Bolívia e no Brasil**. Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, 1991.

SAYAD, A. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Edusp, 1998.

SILVA, L. P. B. **A geografia das cidades gêmeas de Corumbá (Brasil) e Porto Suárez (Bolívia)**: interações espaciais na zona de fronteira Brasil – Bolívia. 2012. 137 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

SILVA, G. V. da. A fronteira política: alguns apontamentos sobre este tema clássico da Geografia Política. **REVISTA ACTA GEOGRAFICA**, ANO II, n. 4, jul./dez. p. 07-15, 2008.

SILVA, S. da. A MIGRAÇÃO DOS SÍMBOLOS diálogo intercultural e processos identitários entre os bolivianos em São Paulo. **SÃO PAULO EM PERSPECTIVA**, v. 19, n. 3, p. 77-83, jul./set. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/spp/a/N4r74NsNYDWh3zWr968s5SN/?lang=pt>. Acesso em: 09 de set. 2022

SOUCHAUD, S.; BAENINGER, R.; Collas e cambas do outro lado da fronteira: aspectos da distribuição diferenciada da imigração boliviana em Corumbá. Mato Grosso do Sul, **Revista Brasileira de Estudos de População**. Rio de Janeiro, v. 25, n.2, p. 1-11, 2008. Disponível em: <www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid>. Acesso em: 30 de abr. 2019

SOUZA, A. M. de. **Virgem de Urkupiña**: festa e devoção entre comerciantes de Puerto Quijarro (BO), fronteira Brasil-Bolívia. 2018. 115 f. Dissertação (Mestrado em

Antropologia Social), Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2018.

TAVARES, G.; HISSA, C. E. V. De arte e de ciência: o golpe decisivo com a mão esquerda. In: HISSA, C. E. V. **Conversações:** de arte e de ciências. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2011, p. 125 a 150.

WINKIN, Y. **A nova comunicação:** da teoria ao trabalho de campo. Papirus: Campinas, 1998.

Sites citados

AMAMBAINOTÍCIAS. **Nossa Senhora de Caacupé, padroeira do Paraguai, é reverenciada em Amambai.** Disponível em: <https://www.amambainoticias.com.br/amambai/nossa-senhora-de-caacupe-padroeira-do-paraguai-e-reverenciada-em-amambai>. Acesso em: mar. 2021.

BOLÍVIA. **Instituto Nacional de Estadística.** Disponível em: <https://www.ine.gob.bo/index.php/censos-y-proyecciones-de-poblacion-sociales>. Acesso em: jan. 2021.

BRASIL. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.** Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil>. Acesso em: jan. 2021.

CARLO ACUTIS. **Aparição da Virgem Maria em Cotoca.** Disponível em: <http://www.apparizionimadonna.org/pt/avm/cotoca>. Acesso em: mar. 2021.

CAMPO GRANDE NEWS. **No dia da Virgem de Caacupê, até pernambucano se rende à cultura paraguaia.** <https://www.campograndenews.com.br/lado-b/comportamento-23-08-2011-08/no-dia-da-virgem-de-caacupe-ate-pernambucano-se-rende-a-cultura-paraguaia>. Acesso em: jan. 2024

CORREIO DO ESTADO. **Consumidores da Bolívia “salvam” comércio de Corumbá.** Disponível em: <https://correiodoestado.com.br/economia/consumidores-da-bolivia-salvam-comercio-de-corumba/358028>. Acesso em: dez. 2020.

DIÁRIO CORUMBAENSE. **Câmara aprova inclusão do Dia do Imigrante no Calendário Oficial de Eventos de Corumbá.** Disponível em: <https://diarionline.com.br/?s=noticia&id=112728>. Acesso em: jan. 2021.

EXCLAMACION. **Cholas bolivianas: quem são essas mulheres?.** Disponível em: <https://exclamacion.com.br/2020/12/05/cholas-bolivianas-quem-sao-essas-mulheres/>. Acesso em: mar. 2023

MIDIAMAX. **Após abertura da fronteira, movimento é intenso no comércio de Corumbá.** Disponível em: <https://www.midiamax.com.br/cotidiano/2020/apos-abertura-da-fronteira-movimento-e-intenso-em-comercio-de-corumba>. Acesso em: jan. 2021.

_____. **Com dólar alto, bolivianos ‘invadem’ Corumbá e compram de calçados a eletrodomésticos.** Disponível em: <https://www.midiamax.com.br/cotidiano/2021/com-dolar-alto-bolivianos-invadem-corumba-e-compram-de-calcados-a-eletrrodomesticos>. Acesso em: jan. 2021.

PREFEITURA DE CORUMBÁ. **Forte Coimbra faz festa para comemorar Nossa Senhora do Carmo.** Disponível em: <https://www.corumba.ms.gov.br/2012/07/forte-coimbra-faz-festa-para-comemorar-nossa-senhora-do-carmo/>. Acesso em: jan. 2021.

_____. **Centro Boliviano fortalece integração para festa da Virgem de Urkupiña.** Disponível em: <https://www.corumba.ms.gov.br/2019/08/centro-boliviano-fortalece-integracao-para-festa-da-virgem-de-Urkupiña/>. Acesso em: fev. 2021.

_____. **Nossa Senhora da Candelária, padroeira de Corumbá.** Disponível em: <https://www.corumba.ms.gov.br/2009/02/nossa-senhora-da-candelaria-padroeira-de-corumba/>. Acesso em: mar. 2021.